Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 N.º 23 143 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUINTA-FEIRA, 21 DEZEMBRO 1989 60$00

EDITORIAL

Três dias depois

Foram precisos três dias para que o presidente do PSD, professor Cavaco Silva, viesse corrigir o que afirmara na noite de eleições - ou seja, que o PSD continuava a ser "o primeiro partido autárquico".

"Mais vale tarde que nunca", diz o ditado. Mas não é certo que este possa aplicar-se ao máximo dirigente do partido que governa um país, menos ainda quando esse dirigente é, além de tal, primeiro- ministro.

Ao presidente do PSD poder-se-ia ainda admitir um silêncio de três dias após uma declaração objectivamente falsa. Ao homem que é também primeiro-ministro exige-se mais: que saiba retirar rápidamente as conclusões políticas de um acto eleitoral, não sobreponha o ponto de vista do seu partido ao do povo que governa, seja capaz de reconhecer um erro a uma velocidade, não igual, mas superior, à do cidadão comum.

Tivesse Cavaco Silva chamado os jornalistas na segunda-feira para lhes dizer: "Enganei-me", ou: "Enganaram-me. O meu partido forneceu-me dados incorrectos", e creio que lhe teríamos perdoado, felizes ao ver que, como nós, o primeiro-ministro comete erros e se engana.

Mas esperou três dias. Três longos dias, para se vir corrigir quando já era de todo impossível não o fazer, depois de um comunicado do principal partido da oposição e, mesmo assim, com a reserva de que "O PSD continua a deter a maioria dos mandatos autárquicos." O que é verdade, mas não diminui o facto de ter menos Câmaras e menos votos.

Três dias. A diferença entre o presidente de um partido e um homem de Estado.

Diana Andringa

Autárquicas foram derrota do Governo

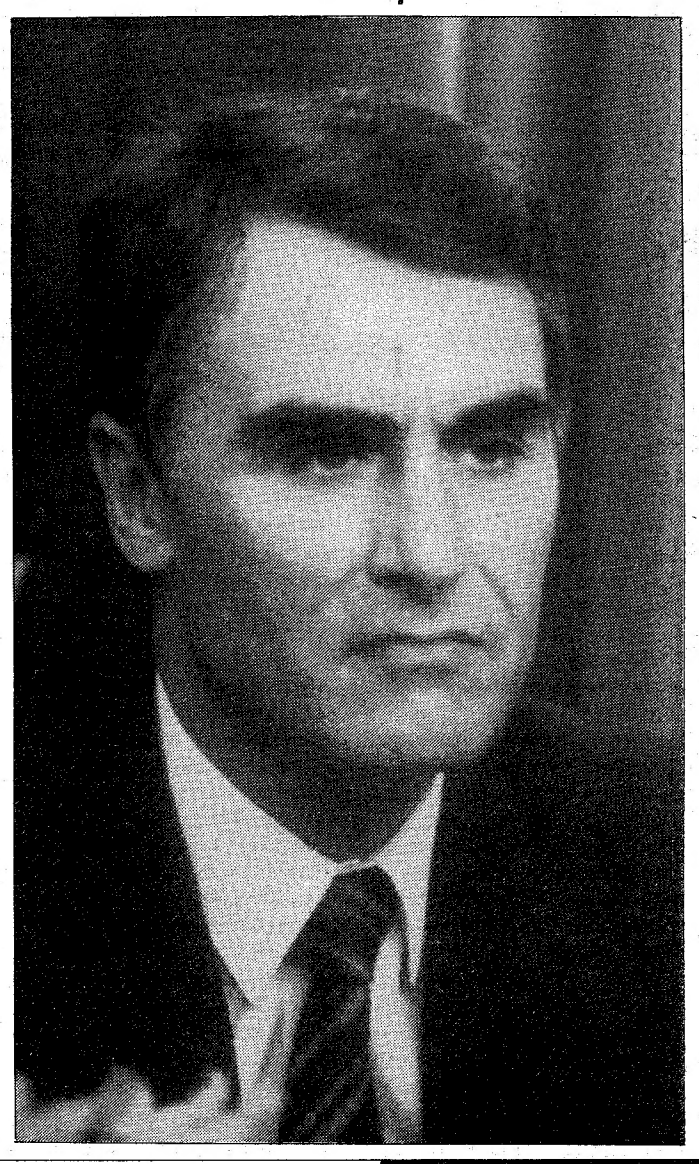
Sondagem Euroteste/«DL» interpreta resultados e determina expectativas

Autocrítica tardia de Cavaco

Tardou mas veio: dois dias depois das eleições Cavaco Silva emendou a mão e reconheceu a derrota do PSD nas autárquicas.

«Veio a provar-se que não eram correctas as informações de que eu dispunha, com base em serviços previsionais», disse o primeiro-ministro, explicando assim a vitória que anunciou na RTP, na noite de 17, a qual espantou muita gente por ser contrária aos resultados já conhecidos na altura.

Mas Cavaco foi mais longe na auto-crítica, ao atribuir os resultados eleitorais a «erros próprios» do PSD. «Respeito a soberania do povo português», disse ainda e não deixou de referir que é pequena a diferença entre socialistas e sociais-democratas. **Pág. 8**



Sampaio tem um ano para mostrar o que vale

A derrota do Governo nas autárquicas é um facto incontestável para 42,7 por cento dos eleitores da Grande Lisboa inquiridos numa sondagem Euroteste/ «DL» realizada nos dias 18 e 19. Curiosamente, apenas 15,1 por cento das respostas surgem a defender que o Governo averbou uma vitória nestas eleições, enquanto 26,9 por cento dos inquiridos diz que ele não perdeu nem ganhou.

A sondagem, feita por telefone a 204 residentes na área metropolitana da capital, pretendeu auscultar qual o significado genérico das eleições autárquicas em termos da posição do Governo, quais as expectativas quanto à gestão municipal de Jorge Sampaio face ao desempenho do seu antecessor e, ainda, qual o período de tempo necessário para se poder julgar com objectividade a nova presidência do município lisboeta.

Assim, 50,7 por cento dos inquiridos asseguram que a gestão de Jorge Sampaio será melhor do que a de Nuno Abecasis, 9,1 por cento dizem que ela será pior e apenas 21 por cento prevêem que a nova gestão venha a ser igual à anterior.

Mas como ainda é cedo, obviamente, para se fazer uma avaliação, 45,9 por cento dos inquiridos dá o prazo de um ano a Jorge Sampaio para se pronunciar sobre a sua gestão da Câmara de Lisboa, enquanto 13,4 por cento dizem estar aptos a emitir um veredicto ao fim de 6 meses. Mais dilatado é o prazo que lhe dão 28,3 por cento das pessoas sondadas, que entendem poder apenas pronunciar-se passados 2 anos ou mais.

Os resultados globais e a ficha técnica desta sondagem Euroteste/ «DL» serão publicados na nossa edição de amanhã.

15 941 *Taluda sai em Lisboa*

A taluda deste Natal foi vendida aos balcões da casa João Rodrigues da Costa, Sucessores, 104 da Rua da Prata. Os 400 mil contos do primeiro prémio contemplaram o número 15 941. O segundo, com o número 10 842, saiu à Casa Campião, também em Lisboa. Terceiro prémio, vendido pela Casa da Sorte: 29 368. A taluda foi extraída imediatamente a seguir ao segundo prémio, eram 12 horas e 34. Até então já haviam sido anunciados 38 dos 47 prémios de mil contos. O primeiro prémio foi adquirido por várias pessoas - apurou o DL.

Hoje: Suplemento Literário
16 páginas

Roménia: mortos elevam-se a quatro mil
Pág. 12

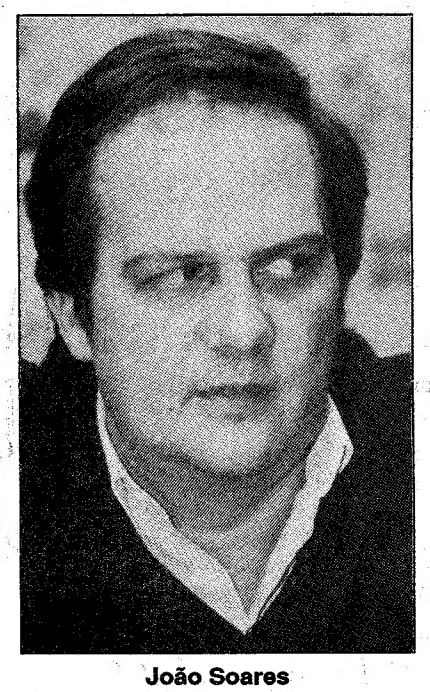
Panamá: polémica sobre novo presidente
Pág. 13

Crónica de Francesco Alberoni
Pág. 5

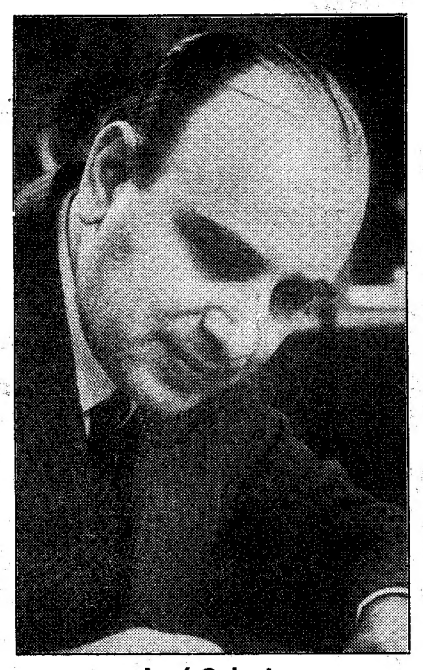
Auto-retrato de António Barreto
Pág. 5

Individualidades portuguesas embaraçadas com este pau de dois bicos, a invasão norte-americana do Panamá. Mas a culpa de Noriega não isenta os Estados Unidos e a recíproca é igualmente evidente nos depoimentos recolhidos

Todos condenam EUA e Noriega



João Soares



José Calvet

Álvaro Vasconcelos.

Vítor Sá Machado

João Soares

«A Administração Bush parece disposta a terminar com o abcesso de Noriega.

«Várias questões intervieram para a intervenção norte-americana. Em primeiro lugar a questão da devolução do canal do Panamá, até ao fim do século.

Bush terá obtido de Gorbachev um acordo de não intervenção de qualquer destes países nos problemas regionais considerados vitais para qualquer um dos lados.

«Noriega foi inicialmente agente da CIA. Em 1987 os Estados Unidos descobriram as sua ligações ao tráfico de drogas e pouco depois surgiu como um ditador. Neste contexto, a morte no passado fim de semana de um militar norte-americano no Panamá surgiu como um condicionalismo específico. Foi a gota de água para uma operação que já estava mais ou menos organizada desde há algum tempo.

«O facto dos Estados Unidos apresentarem Guilhermo Endara, um dos lideres da oposição, como o legítimo Presidente do Panamá é uma tentativa para conseguirem o apoio local que justificasse a acção norte-americana.

«Por outro lado, penso que, com a asfixia económica imposta pelos Estados Unidos, a opinião pública panamiana não estaria disposta a tolerar durante muito tempo a situação que se vivia no país, exceptuando, claro está, pequenas faixas da população.»

Embaixador José Calvet de Magalhães

«A notícia da intervenção militar norte-americana no Panamá não me surpreendeu. Após a nomeação do general de Noriega como chefe do Governo daquele país e do seu claro desafio aos EUA, as provas que as autoridades norte-americanas possuem do envolvimento de Noriega no tráfico de droga, a luta em que o Governo do presidente Bush se empenhou contra esse tráfico, de que os EUA são a principal vítima, e a exploração arrogante que o general tem feito dos sentimentos anti-americanos dos panamianos para proteger as suas actividades criminosas deixavam antever que, mais dia menos dia, a intervenção militar americana se efectivasse. Esperamos que esta iniciativa grave não provoque sérias consequências numa área que se tem distinguido ultimamente pela sua agitação política.

Álvaro Vasconcelos.

«Independentemente de tudo o que representa Noriega, a intervenção dos Estados Unidos no Panamá só pode ser um factor de perturbação do desenvolvimento das reformas no Leste e que poderá influenciar negativamente as relações entre os EUA e a URSS, assim como o próprio plano de Oscar Árias para a pacificação da região. De qualquer maneira, o desanuviamento entre as duas superpotências deve ser entendido como um espaço de oportunidades para possibilitar a procura de soluções para problemas como o Panamá e não para facilitar intervenções deste tipo.»

Vítor Sá Machado

«As acções punitivas dos EUA, tanto as da administração Reagan contra a Líbia, como a que está em curso no Panamá, ordenada pelo presidente Bush, colidem com os princípios essencais do direito internacional cujo respeito, mal ou bem, fundamentam a a ordem que regula o mundo.

Nesta perspectiva, e porque existem mecanismos, designadamente da Carta das Nações Unidas e da Organização dos Estados Americanos, que podem e devem ser utilizados para dirimir os conflitos, a acção norte-americana só não será condenável se puder ser qualificada como de legítima defesa à luz, desde logo, do que dispõe o Artigo 51 da Carta.

«E aqui reside a complexidade da análise: Noriega é um ditador paranóico, traficante de drogas que, de acordo com as notícias, não só declarou guerra aos EUA, como mandou matar e seviciar cidadãos norte-americanos.

«Se isto é verdade, é manifesto que a força dos EUA não pode converter-se, paradoxalmente, na sua fraqueza tolhendo defender-se quando for caso disso.

«Será que a soberania do Panamá está a ser utilizada para os fins que justificam a sua intagibilidade, que é a do bem dos seus cidadãos ou, pelo contrário, está a ser utilizada como um escudo para acções criminosas contra outro Estado que tem, a ser assim, o direito e o dever de se defender pelas vias e com a urgência que a medida justa de legítima defesa justifica?

C.C./M.T.

Cronologia dos acontecimentos

Os Estados Unidos têm tentado sem êxito afastar o General Manuel António Noriega desde meados de 1987. O que se apresenta a seguir é uma cronologia dos acontecimentos que transformaram o Panamá, em tempos um tranquilo centro financeiro e comercial, num núcleo de desassossego político e com uma economia em estado crítico.

6 de Junho de 1987 - O recém reformado coronel Roberto Dias Herrera, antigo comandante adjunto das forças de Defesa do país, acusou publicamente Noriega de fraude eleitoral e assassínio por razões políticas, motivando os primeiros protestos anti-Noriega e que a polícia esmagou à bastonada e com gaz lacrimogéneo.

26 de Junho - O Senado norte-americano aprovou uma resolução pedindo a restauração da democracia no Panamá e ameaçando cortar o auxílio económico ao país, de vários milhões de dólares. No mesmo dia, é morto um jovem durante uma marcha de oposição ao regime, na cidade de El Valle, considerada a primeira baixa da Oposição. Foi fechada a Imprensa contrária às posições de Noriega.

4-5 de Fevereiro - São anunciados em Tampa, Flórida, processos federais contra Noriega, por tráfico de droga e extorsão.

25 de Fevereiro - O Presidente del Valle tenta demitir Noriega mas é ele quem acaba por ser demitido pela Assembleia Nacional e passa à clandestinidade. O ministro da Educação, Manuel Solis Palma, aliado de Noriega, é nomeado para a sua substituição.

4 de Março - Fecham os bancos panamianos, depois de uma onda de levantamentos de depósitos.

16 de Março - Noriega esmaga uma tentativa de derrube do regime pelo chefe da Polícia. Manifestações de rua paralisam a capital e há um corte de energia geral por quase 24 horas.

8 de Abril - O então Presidente norte-americano Ronald Reagan ordena a suspensão de todos os pagamentos por norte-americanos ao Governo panamiano, numa campanha contra Noriega.

25 de Maio - O então secretário de Estado George Shultz anuncia que fracassaram as conversações sobre um acordo para a saída de Noriega e não se prevêem mais contactos entre os dois países. Shultz acusou Noriega de, à última hora, renegar o acordo.

7 de Maio - realizam-se eleições sob acusação de fraude pela oposição. Ambos os lados reclamam vitória.

8 de Maio - O Governo anula as eleições, acusando os observadores de «intervenção estrangeira» no processo.

3 de Outubro - tropas rebeldes e oficiais de baixa patente fazem uma tentativa de golpe de Estado chegando a anunciar pela rádio o derrube de Noriega. Mas tropas leais ao general ripostaram por seis horas, esmagando a rebelião. Noriega manteve-se no poder.

15 de Dezembro - A Assembleia Nacional declara o Panamá «em estado de guerra» com os EUA e garante a Noriega amplos poderes governamentais, formalizando o seu regime.

16 de Dezembro - Um oficial norte-americano é morto por soldados panamianos perto do quartel-general da Defesa do Panamá.

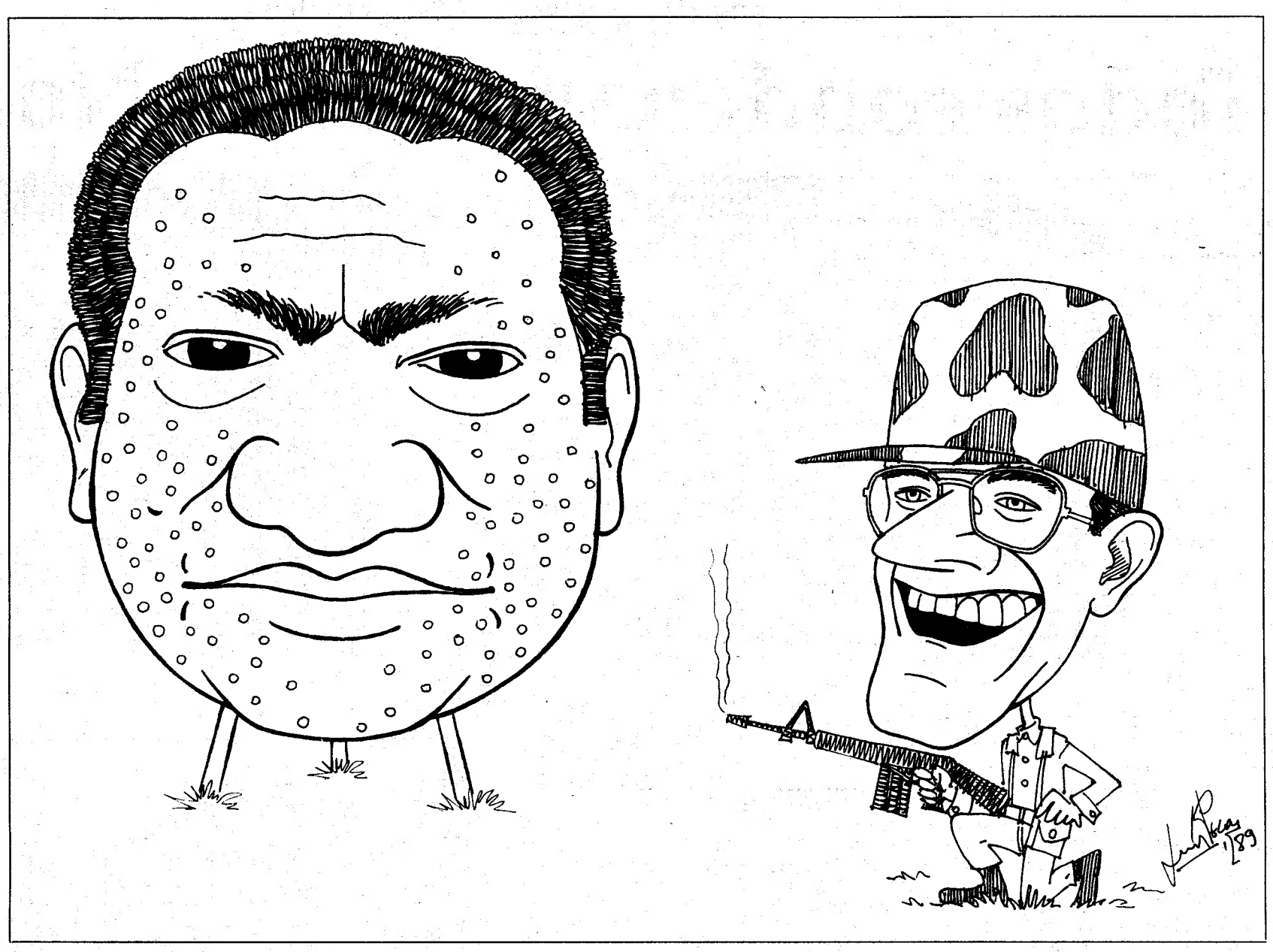
18 de Dezembro - Um oficial norte-americano fere a tiro um polícia panamiano. Washington afirma que o oficial não tinha autorização para porte de arma mas acusa Noriega da criação do clima em que os dois casos de tiroteio se registaram.

19 de Dezembro - Vôos de aviões norte-americanos de transporte militar são registados a cada dez minutos. Bush reúne-se com os seus principais conselheiros na Casa Branca.

20 de Dezembro - Ouvem-se explosões e tiroteios na cidade do Panamá. Um porta-voz diz que Bush deu ordens de intervenção militar no país para captura de Noriega e protecção de vidas norte-americanas. A casa Branca diz que um novo Governo panamiano chefiado pelo antigo candidado presidencial, Guillermo Endara, tomou posse.

Noventa e um por cento dos americanos apoiam a decisão de George Bush

GRANDE ANGULAR



Do nosso correspondente em Washington

Democratas, que geralmente criticam a política de Reagan e Bush para a América Central apoiaram, de uma forma geral, a intervenção militar americana no Panamá, ordenada por George Bush, enquanto que uma sondagem à opinião pública, realizada ontem mesmo pela cadeia de televisão CNN, refere que 91 por cento da população do país concorda também com a decisão do seu presidente.

No Congresso dos EUA, onde, por ocasião da fracassada tentativa de golpe de Estado de Outubro passado, a administração Bush foi criticada por não ter apoiado as forças revoltosas que pretendiam depor o general Manuel Noriega, desta feita o apoio ao presidente não foi regateado. A registar apenas uma excepção, que veio por parte do senador Claiborn Pell, que afirmou teria sido preferido contar com a ajuda de países da América Central.

Mas, a maioria dos democratas pronunciou-se publicamente a favor da acção militar, incluindo os principais tenores da posição, tais como o líder da maioria no Senado, George Mitchell; o líder da Câmara dos Representantes, Tom Foley; bem como o presidente do influente Comité dos Serviços Secretos, David Boren. Mesmo a ala habitualmente mais crítica relativamente às últimas administrações republicanas admitiu - para citarmos as palavras do senador Christopher Dodd - que «o presidente mostrou mais paciência em relação às provocações lançadas pelo general Noriega do que seria de esperar».

Mas, esta imagem de um Congresso unido no apoio ao comandante supremo das Forças Armadas Americanas não traduz integralmente a ralidade. Tradicionalmente, em situações deste tipo o presidente conta de imediato com o apoio bipartidário. É uma regra de ouro da política americana apoiar o presidente quando o interesse nacional está em jogo. As querelas deixam-se para depois da tempestade, as vozes mais críticas, quando muito manifestam reservas.

É, pois, natural que, ultrapassada a fase crítica desta operação, os políticos façam então ouvir as suas críticas, como algumas ouvidas em depoimentos de rua recolhidos pelas principais cadeias de televisão. Expressões de desagrado, algumas, pela intervenção americana numa tradição de política de canhoeira que se julgava ultrapassada nestes tempos em que a tensão Leste-Oeste registou o grau zero da escala e quando não seria de esperar também do perfil temperado de George Bush uma decisão radical.

Por detrás das diferenças de opinião, não nos iludamos, a esmagadora maioria da população norte-americana detesta o general Manuel Noriega e apenas o coronel Khadaffy será capaz de suplantar a sua impopularidade. De principal aliado da Administração Reagan, apontado pelo «New York Times» como tendo recebido dinheiro da CIA, Noriega começou a cair em desgraça aos olhos dos seus aliados quando foi comprovado o seu envolvimento no tráfico internacional de drogas. De líder com aceitação política em Washington, Noriega passou a ser um criminoso procurado pelos tribunais americanos.

A tensão entre o presidente panamiano e a Casa Branca veio, nos últimos anos, a aumentar de tom. Num crescendo de bravata, Noriega era visto na televisão americana desafiando o poderio deste parceiro poderoso e habituado a exercer uma tutela quase tradicional em relação aquele território, outrora uma colónia espanhola (até 1825); posteriormente voluntariamente anexado no território da Colômbia; e, em 1903, tornado independente com a ajuda dos Estdaos Unidos.

Para alguns observadores, ao auto-nomear-se chefe do governo e ao declarar O Panamá em «estado de guerra» contra os EUA na semana passada, Manuel Noriega, tornou quase inevitável uma intervenção americana.

Os incidentes posteriormente registados com militares americanos na cidade do Panamá, de que resultou na morte de um oficial, acabaram por forçar Bush a assumir uma atitude drásica, sob pena de perder a face perante a opinião pública e a classe política americana.

Para um observador independente é difícil aceitar que esta acção tenha sido um sucesso, se o general Manuel Noriega não for detido ou neutralizado pelas forças de elite lançadas em território panamiano naquela que foi uma das maiores operações militares americanas dos últimos anos. Neste momento, não há dúvidas de que as forças invasoras controlam a situação. No entanto, receia-se que Noriega e os seus homens se tenha refugiado nas zonas rurais e se prepare para desencadear acções de guerrilha que poderão ter como alvo objectos urbanos ou o estratégico canal do Panamá.

O canal do Panamá, encerrado ontem pela primeira vez desde que foi inaugurado, deverá abrir ao tráfego ainda hoje.

A decisão do encerramento foi ditada pela necessidade de evitar a eventualidade de um acto desesperado por parte das forças de Noriega, ao afundarem apenas um navio, neutralizariam o canal por onde transitam anualmente 13 mil navios, transportando 152 milhões de toneladas, 61 milhões das quais de mercadorias provenientes do Golfo do México, na costa norte-americana.

Com 82 quilómetros e comprimento, o canal do Panamá é considerado um alvo económico difícil de defender, quer pela sua extensão, quer pelo tipo de relevo que o circunda.

Filipe Vieira

CEE à espera de um consenso

Do nosso correspondente em Bruxelas

Os Doze devem reagir cautelosamente à invasão do Panamá pelos Estados Unidos. Como é habitual nestes casos, a presidência do Conselho de Ministros elabora um texto que submete a todas as capitais dos Estados-membros. Só posteriormente é conhecida a dos Doze.

No caso presente, os Doze vão certamente justificar a atitude americana, baseando-se na personalidade preversa de Noriega, um ditador conotado sistematicamente com o tráfico da droga. As Comunidades deverão patentear uma certa prudência neste caso, sobretudo para não impedir que países como Espanha subscrevam uma tomada de posição. Noriega não suscita as simpatias de ninguém. No entanto, politicamente, para os Doze, será difícil apoiar a invasão de um país estrangeiro, motivo pelo qual se espera um comunicado pouco mais que anódino, manifestando preocupação pelos acontecimentos no Panamá e pretendendo, de algum modo, justificar a intervenção americana.

A reacção de dois países comunitários, o Reino Unido e a Espanha, dá a entender que a reacção dos Doze não será muito empenhada. Se Margaret Thatcher se regozijou com a acção americana, o mesmo não aconteceu com a Espanha, muito próxima das sensibilidades latino-americanas, afirmando ter-se sempre oposto a intervenções militares estrangeiras.

Por outro lado, a atitude de apoio dos Doze aos Estados Unidos não deixará de aparecer. Quase a totalidade de Estados-membros integra a NATO, segundo fontes a que o «DL» teve acesso, os americanos tinham informado os seus aliados da iminência do ataque ao Panamá.

Daqui a poucas horas, ao princípio da tarde, no habitual «briefing» com os jornalistas acreditados em Bruxelas, os Doze devem tornar pública uma posição conjunta. As expectativas não são muitas, sobretudo a avaliar pelo conteúdo geralmente «cinzento» destas declarações políticas. Preocupação deve ser a palavra-chave. Do resto encarregou-se... Margaret Thatcher.

José Rui Cunha

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes de Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

Panamá: o país que é um canal

GRANDE ANGULAR

O Panamá, um país de 77 mil quilómetros quadrados e dois milhões de habitantes, tem tido uma economia e uma situação política que giram em volta da sua posição geográfica e da sua particular dependência dos Estados Unidos.

Na verdade, a história do Panamá - quer como território pertencente à Colômbia, até 1903, quer como nação independente a partir desse ano - é a história do Canal que tem o seu nome. Unindo o Atlântico Norte e o Mar das Caraíbas ao Oceano Pacífico, o canal é uma via de comunicação de importância vital para tudo o que diga respeito à economia e às questões militares mundiais.

No fundo, a verdadeira história do canal começa na época da colonização espanhola. Foram os colonizadores os primeiros a compreender a necessidade de unir os dois maiores oceanos do planeta, tendo desde logo visto a importância que teria unir por via marítima a América, a Ásia e a Europa.

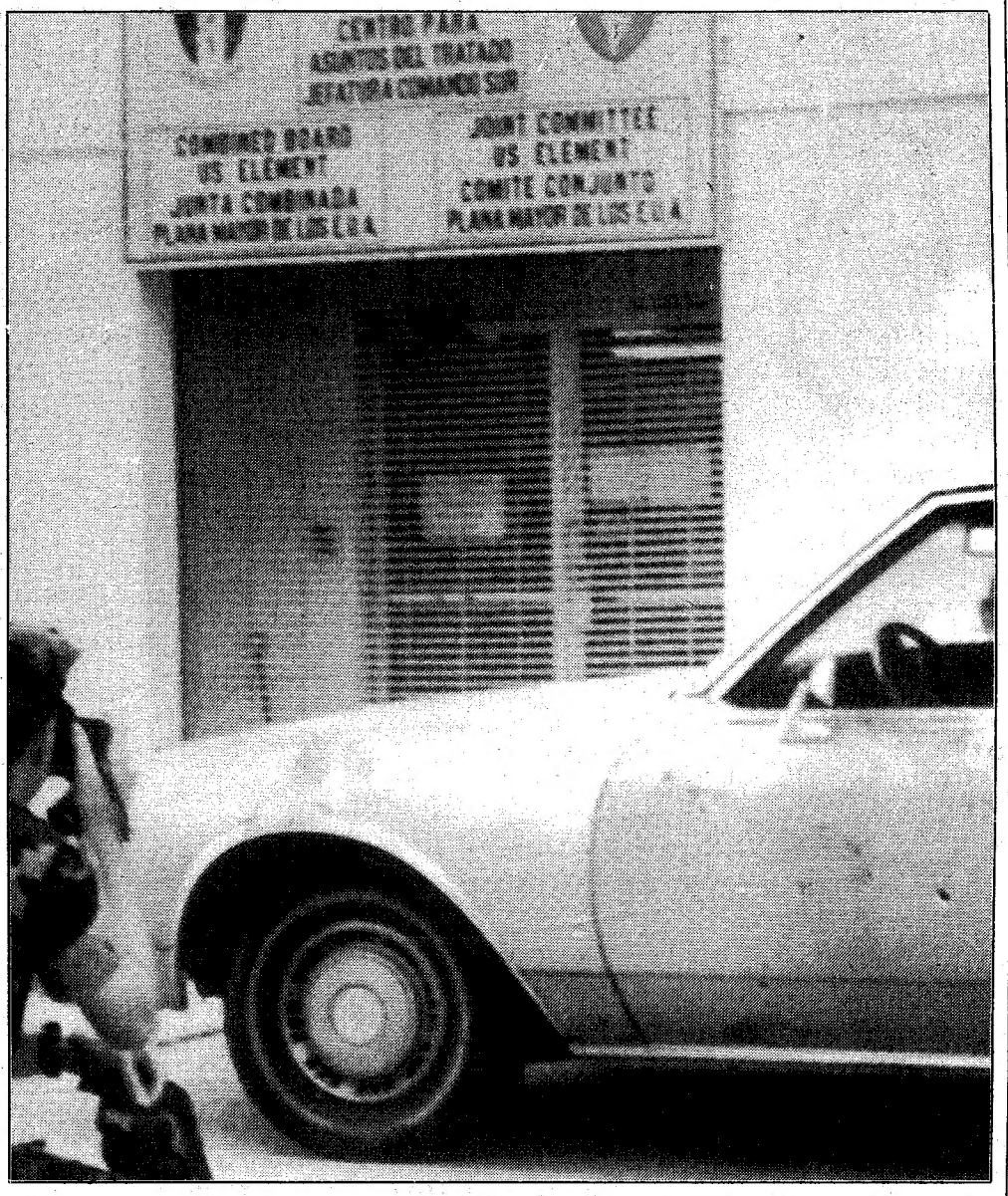
Assim, no ano da sua independência, 1903, o Panamá nem pensa em assumir a propriedade do canal. Entrega-o. E dizer «entrega» é o correcto. Por um tratado então celebrado entre o Panamá e os Estados Unidos, estes ficam, para sempre, com soberania sobre o canal. O canal passa até a ser território dos EUA. E por esta concessão os norte-americanos apenas têm que pagar, como compensação, 10 milhões de dólares e, depois, a partir do nono ano, 250 mil dólares anuais.

A vitória de Torrijos

Ao longo de todos estes anos, desde o princípio do século, o povo panamiano e alguns dos seus Governos - como o do coronel J.A. Remon, nos anos 50, assassinado misteriosamente em 1955 - têm lutado pela revogação daquela infame entrega aos EUA de uma parte do seu território, feita, aliás, sob a ameaça de uma intervenção militar dos norte-americanos, ameaça que eles já haviam anteriormente concretizado contra outros países latino-americanos.

Finalmente, nos anos 70, o general Torrijos, depois de uma luta desigual e titânica, conseguiu, graças a uma conjuntura internacional favorável (os EUA acabavam de sair de uma grave derrota militar no Vietname) - conseguiu a devolução do canal até ao ano 2.000. E conseguiu também o compromisso de que fôsse nomeado um administrador panamiano do Canal, em 1990. Dentro de menos de um mês.

Quer isto dizer que, segundo o acordo obtido por Torrijos, dentro de semanas acabaria a colonização norte-americana do Canal. Isto nunca foi bem aceite pelos sectores mais conservadores dos EUA, os quais sempre rejeitaram o tratado assinado entre Torrijos e o presidente Carter, em 1977.



O automóvel em que seguiam os militares norte-americanos e que foi atacado, há dias, na Cidade do Panamá. Vêem-se, na porta do veículo, os furos das balas, das quais uma ou algumas vitimaram um oficial norte-americano. Foi esse o «casus belli» para a invasão norte-americana do Panamá

Primeiro, a tentativa de aliciamento...

Depois, com Reagan na Casa Branca, esse sectores conservadores viram, finalmente, concretizadas as suas esperanças de anular o acordo Torrijos-Carter.

Alguns dados simples são suficientes para explicar o posicionamento desses conservadores norte-americanos: dez por cento do comércio dos Estados Unidos passam pelo canal; no caso de guerra na Europa, 50 por cento das tropas teriam de passar pelo mesmo.

Acrescentem-se a isto os incríveis ganhos que deu o canal, com as suas cobranças sobre a passagem de milhões de navios ao longo de quase noventa anos e que somaram incalculáveis biliões de dólares.

A política exterana de Reagan consistiu, basicamente, em dar a imagem de uns Estados Unidos muito poderosos e capazes de intervir militarmente onde quer que fôsse, vidé o caso de Granada. No caso do Panamá, a sua política começou com a tentativa de aliciamento de Noriega, sucessor de Torrijos, morto ou assassinado em 1981.

Até 1985, Washington teve esperanças de colocar Noriega do seu lado. Depois, porém, quando o general se negou a enviar tropas panamianas para a Nicarágua, então a Casa Branca optou por um política de total isolamento económico do Panamá.

O bloqueio foi reforçado por uma terrível campanha de descrédito de Noriega que, de amigo, passou a narcotraficante. Mas a verdade é que ninguém, até agora, conseguiu provar essa acusação., embora tenha produzido efeito a lição nazi de que repetir mil vezes uma mentira acaba por a transformar em verdade.

A «solução»

Entre 1980 e 1989, o Panamá perdeu mais de dois mil milhões de dólares, em resultado do bloqueio imposto pelos Estados Unidos, sofrendo um aumento do desemprego e da sua dívida externa, além de muitos outros prejuízos. Mas o Panamá resistiu.

Noriega manteve-se no Poder e, entretanto, Reagan foi substituído por Bush, que seguiu, aliás, a mesma política do seu antecessor. No entanto, o presidente norte-americano decidiu, este ano, em Maio, apostar na Oposição panamiana a Noriega, nisso investindo 120 milhões de dólares e lançando uma campanha de fraude que começou seis meses antes do acto eleitora.

Washington não conseguiu que o seu candidato ganhasse, embora Noriega ficasse mal visto perante a opinião pública mundial. Depois disto só havia uma solução para os Estados Unidos e essa solução começou ontem.

É difícil prever o desfecho desta «solução» mas já surgiram algumas consequências negativas para Bush: a opinião pública mundial condenou os EUA e, «last but not the least» o processo de paz entre Washington e Moscovo ficou ameaçado.

AndréMartin

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO
15 941
400 000 CONTOS

2.º PRÉMIO
10 842
100 000 CONTOS

3.º PRÉMIO
29 368
30 000 CONTOS

O 3.º Prémio foi vendido aos balcões da CASA DA SORTE.

Na 6.ª-feira, dia 29, Grande Lotaria Extraordinária do
FIM DE ANO
180 000 CONTOS
Bilhetes a 18 000$00 e duodécimos a 1800$00

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - VISEU - COIMBRA - SETÚBAL - FARO

FORUM

PÚBLICO E PRIVADO

MAS, AGORA, QUE TIPO DE CAPITALISMO DEVERÁ O LESTE COPIAR?

Todos os países marxistas do Leste europeu, até agora com uma economia estatizada e burocrática, estão em vias de aceitar a propriedade privada dos meios de produção, o mercado, a concorrência, em suma, o capitalismo. Mas que capitalismo? Do ponto de vista da abstracta teoria económica, o capitalismo é igual em toda a parte.

Do ponto de vista sociológico, em contrapartida, o capitalismo muda segundo o tipo de sociedade, com as suas metas colectivas e os seus valores.

O mercado, só por si, sem uma sociedade que o sustenha e uma ética que o regule, não poderia existir: os egoísmos individuais desencadeariam uma guerra de todos contra todos, provocando a sua ruína. Marx, ao observar este tipo de processos no início da revolução industrial, tinha previsto que tais processos não poderiam sobreviver.

Enganava-se porque, na realidade, o capitalismo mergulha as suas raízes na sociedade concreta e nutre-se da sua solidariedade; foi-se desenvolvendo através de seitas protestantes, de valores solidários da Igreja Católica e do sentimento nacional; os movimentos sindicais e os partidos socialistas impuseram-lhe regras e indicaram-lhe objectivos.

As forças que o mantêm e nas quais se firma variam de país para país.

Francesco Alberoni

Vittorio Merloni falava neste assunto por ocasião de um debate sobre o meu livro «Genesi», no Japão, o capitalismo está ao serviço da nação imperial e do seu poderio. Os operários e empresários são militares, oficiais. As empresas, autênticos quartéis. A ética deste tipo de capitalismo é a ética dos samurai, uma ética de guerreiros leais ao próprio senhor e ao próprio imperador.

Em França, o capitalismo cresce em simbiose com a Administração Pública, com o Estado. Na Alemanha, existe, pelo contrário, uma estreita ligação entre os bancos, a gerência das empresas e os empregados que, possuindo acções, têm assento no Conselho de Administração.

E em Itália? Em Itália, diz Merloni, é o empresário isolado, o herói dos meios de comunicação de massa: Agnelli, Gardini, De Benedetti, Berlusconi e depois todos os outros. Na realidade, o empresário italiano tem as suas raízes na família e na comunidade: os Merloni em Fabriano, os Barilla em Parma, os Marzotto em Valdagno. Todas as empresas italianas se encontram, firmemente implantadas neste tecido de afectos, de amizades, de tradições, de responsabilidades. E nisto reside a sua força, o seu sustento.

No entanto, o capitalismo americano já se libertou da comunidade, da família. É um imenso império anónimo ao qual só interessa o lucro rápido. Os empresários espremem a empresa ao máximo e não podem fazer projectos nem investimentos a longo prazo. As empresas são cotadas, compradas e vendidas na Bolsa. Entre os empresários e os operários alastra a indiferença.

Que modelo de capitalismo se pode propôr aos países de Leste e à União Soviética? Qual será o que poderão adoptar? O modelo japonês? É bem difícil. Num certo sentido, o regime estalinista apoiava-se em valores semelhantes aos japoneses: a economia estava ao serviço da prtática socialista, a eficiência stakanovista era uma virtude heróica, militar. Este modelo acabou por ruir totalmente. E os cidadãos soviéticos estão agora a caminhar para o mercado com um espírito contrário, individualista, anárquico.

Por este motivo, torna-se também pouco praticável o modelo oposto, o americano, o do lucro fácil e da indiferença.

Um modelo deste tipo desencadearia uma corrida desenfreada ao consumo, ao enriquecimento, e criaria terríveis desigualdades.

Talvez os três modelos europeus (o francês, o alemão e o italiano) sejam os mais adequados, pois são expressão de uma relação orgânica entre sociedade e mercado.

Haverá, entre estes três, algum que seja melhor em sentido absoluto? Penso que não.- Cada um firma as suas raízes na história do seu próprio país e continuará a funcionar mesmo depois da unificação da Europa.

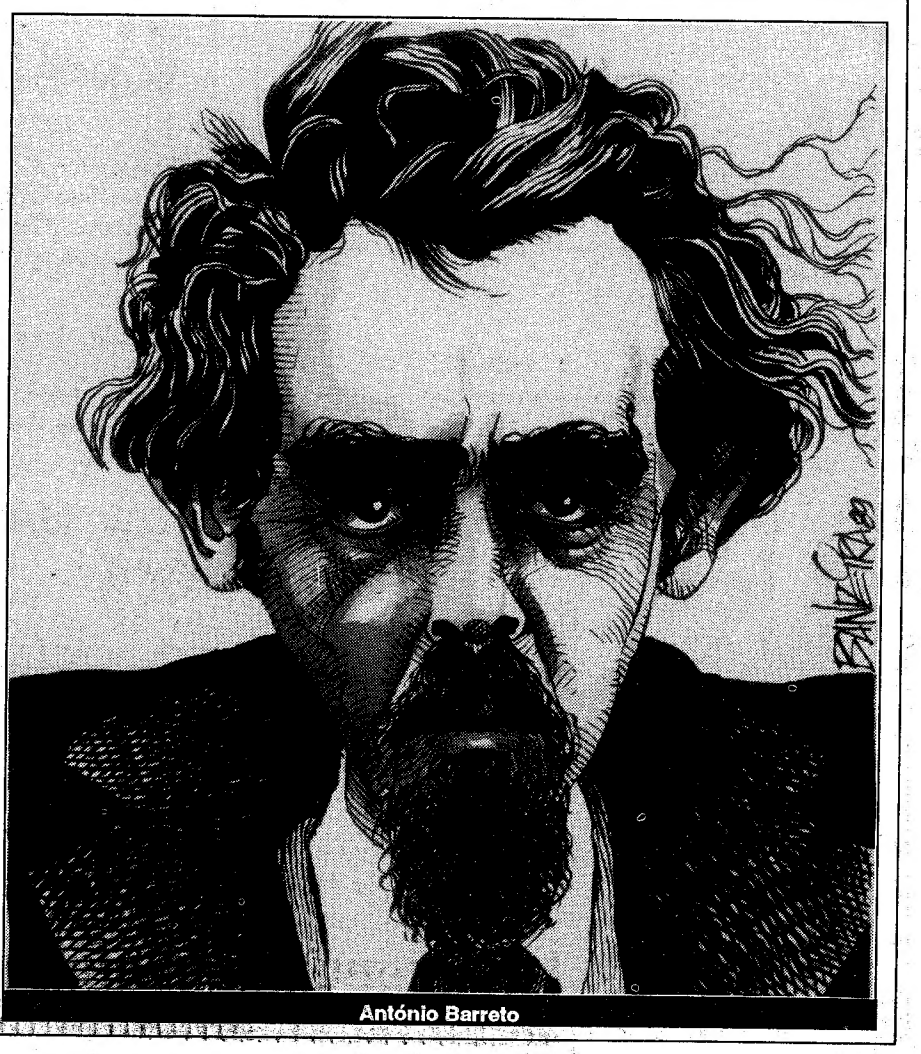
Trad. de Manuela Ferreira de Almeida
Exclusivo DL / Corriere della Siera

AUTO-RETRATO

Portuense de nascimento, Transmontano de origem, Suíço de formação, Europeu de vocação, um metro e noventa, moreno, barba desde 1965, signo do Escorpião, agnóstico, socialista, sociólogo, escrevi, em 1970, com Carlos Almeida, um livro que toda a gente leu, «Capitalismo e Emigração em Portugal», e outro, em 1986, que ninguém leu, «Anatomia de uma Revolução».

NÃO GOSTO DE: muita gente, multidões, barulho, ruído, berros, gritarias, bulício, festas, inaugurações, recepções, Embaixadas, *vernissages*, banquetes, engarrafamentos, grutas, fracções, tendências, obediência, centralismo, burocracia, repartições públicas, tiranias, prisões, polícias, vida militar, intolerância, espírito de cruzada, missões, desigualdade social, tiques de classe, discursos pomposos, homenagens, comemorações, cerimónias, votos de pesar, exibicionismo, Amoreiras, Centro Cultural de Belém, nacionalismo, identidade nacional, identidade cultural, relativismo cultural, estruturalismo, objectos teóricos, poemas declamados, folclore, ballet, dança, teatro, escultura, fibras artificiais, praia, Algarve, calor, chuva, automóveis, aviões, barcos, cidades modernas, centros comerciais, computadores, telefonemas, publicidade na televisão, moda, sucesso, *yuppies*, arrogância intelectual, comícios, intolerância religiosa, covardes, forretas.

GOSTO DE: liberdade, ler, escrever, música, fotografia, cinema, uma dúzia de amigos, conversar, *gossip*, solidão, sossego, silêncio, privacidade, gravadores de telefone, campo, montanha, passear, vinho tinto, vinho do Porto, whisky, Inglaterra, Itália, combóios, discos compactos, BBC, «The Economist», «Sunday Times», «Herald Tribune», Oxford, Veneza, Siena, cidades antigas, Alpes, Gerês, Mosteiro de Alcobaça, Nossa Senhora do Cabo de Espichel, gravatas de seda, bombazina, algodão, lã, canetas de tinta permanente, dicionários, romances, história, memórias, autobiografias, ensaios, fazer leis, política, vida académica, mulheres bonitas, mulheres inteligentes, pessoas com carácter.



António Barreto

LINHA DE SINTRA
BOAS-FESTAS

ULTRALUZ
ARMAZÉM DE MATERIAL ELÉCTRICO, LDA.

FIOS E CABOS ELÉCTRICOS.
ARMADURAS E RÉGUAS FLUORESCENTES.
LÂMPADAS INCANDESCENTES, FLUORESCENTES
E ESPECIAIS.
QUADROS E CAIXAS DE COLUNA.
DISJUNTORES E CONTACTORES.
APARELHAGEM DAS MARCAS:
SIPE — JB CORSINO — E E CERÂMICA, ETC.

Deseja a todos os seus clientes
BOAS FESTAS

Loja: Lote F 13, loja dt.ª (Urbanil) Tel. 926 32 51
Armazém: Rua da Choupaninha, lote 6 c/cave traseiras
RINCHOA 2735 CACÉM

TINTAS DYRUP

GOMES E LISBOA, LDA.
CASA FUNDADA EM 1956

SHELL
BUTAGÁS

DESEJA A TODOS OS SEUS CLIENTES E AMIGOS ***FESTAS FELIZES***

Av. José Elias Garcia, 85 - T. 43 50 34 - 2745 QUELUZ

FOTO ESTÚDIOS A RAMPA
de A.J. Moreira

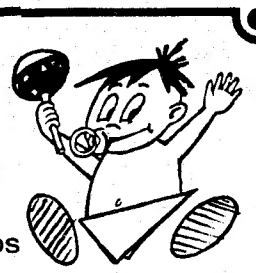
- Casamentos
- Baptizados
- Reportagens

Rua D. Maria I, 24-lj.
2745 QUELUZ • Tel. 435 14 44
Depois das 20 h • Tel. 437 63 65

Deseja aos seus clientes e amigos Festas Felizes

INAGO
PERFUMARIA, LIVRARIA E PAPELARIA
CRIAMOS O NATAL PARA SI!
Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 4-B Agualva 2735 CACÉM

BOUTIQUE o bebé



bebé, infantil e juvenil
enxovais para baptizados

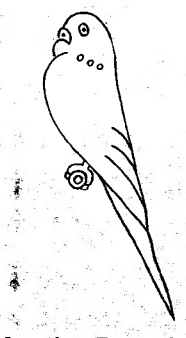
Deseja a todos os seus Clientes Festas Felizes

pronto-a-vestir
BRINQUEDOS

Centro Comercial de Queluz-Loja C/8
Av. António Enes, 31 • ☎ 437 50 32 • 2745 QUELUZ

LICAMPO
MEDIADORA IMOBILIÁRIA, LDA.
Compra e Venda de Propriedades de João António Soares e Manuel Ferreira Construtores deseja a Todos os Seus Clientes e Amigos um **Feliz Natal e Próspero Ano Novo**
Praça D. João I, 1, Loja-A
2700 AMADORA Tel: 493 48 25

O PERIQUITO DA AVENIDA



Jardim Infantil
(até aos 6 anos)

Apoio: — Primário
— Ciclo

Aberto de 2.ª a 6.ª feira
das 7.00 h às 19.30 h

Av. dos Bons Amigos (junto do Jardim da Avenida)
Tel.: 493 20 13
431 51 82 (18 às 22 h)
914 69 87 (18 às 22 h)

NOVA DIRECÇÃO ABERTO TODO O ANO

Viluz Óptica
LENTES DE CONTACTO
EXAMES DE OPTOMETRIA

CONFIE-NOS OS SEUS OLHOS

Deseja a todos os seus clientes Festas Felizes e próspero Ano Novo e oferece um desconto de 10 % em óculos graduados, durante o mês de Dezembro/89, na apresentação deste anúncio.

Av. dos Bons Amigos, 8-A ★ Tel. 914 70 21 ★ CACÉM

SAPATARIA

ANDORINHA

Sempre os últimos modelos em calçado para homem, senhora e criança
DE
OLIVEIRA E TORRES, LDA
Deseja a todos os seus clientes e amigos FESTAS FELIZES
Av.José Elias Garcia, 82-A e 82-C.
Telef. 954541 — 2745 QUELUZ

PASTELARIA, SNAK BAR
CHARCUTARIA

Deseja a todos os seus clientes e amigos Festas Felizes

LUSA
ALIMENTAÇÃO

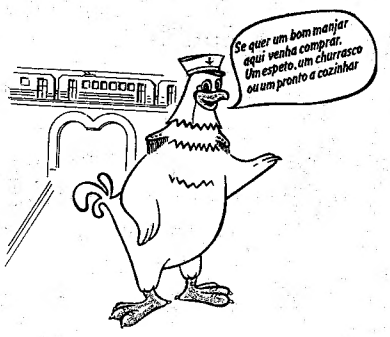
R. Elias Garcia, 39
Telf. 914 05 96
2735 CACÉM

Av. Gago Coutinho, 25-A
Telf. 493 09 22
2700 AMADORA

R. Elias Garcia, 263-A
Telf. 493 54 31
2700 AMADORA

CHURRASQUEIRA DO CACÉM

GERÊNCIA, NYJULFER, LDA.



Deseja Boas Festas a todos os Clientes e Amigos.

Encerra às 2.ªs feiras.
Símbolo de qualidade e bem servir.

Av. dos Bons Amigos, 23 • Rua Vasco da Gama, 5 • Tel. 924 19 14
AGUALVA - 2735 CACÉM

Cunhal observa os críticos e anuncia um congresso

A repressão na Roménia foi criticada e a perestroika considerada um processo de renovação complexo e contraditório

As conclusões da última reunião do Comité Central do PCP indiciam uma permeabilidade à mudança, embora ainda de forma embrionária.

Cunhal condenou a repressão na Roménia, convocou o Congresso Extraordinário para 1990 e manteve uma atitude de observador em relação aos membros do novo Instituto de Estudos Sociais (INES).

O secretário-geral do PCP anunciou a convocação do XIII Congresso Extraordinário para o primeiro semestre de 1990, justificando esta decisão com a necessidade de dar resposta «à evolução nacional, bem como à evolução mundial, em especial nos países socialistas, que colocam novas exigências de intervenção social, política, ideológica e eleitoral do Partido».

Questionado sobre a organização da reunião magna dos comunistas, o líder do PCP afirmou que «a organização é da responsabilidade da direcção e não de uma comissão organizadora como pretendem forças externas ao partido».

Sublinhou ainda que a organização será feita à luz das resoluções do último Congresso.

Esta atitude manifesta a determinação da direcção do PCP em não abdicar de questões fundamentais como as alterações ao regulamento, que já na última reunião, no Porto, gerou grande polémica. O Comité Central do PCP volta a reunir nos próximos dias 23 e 24 de Janeiro para discutir estas questões.

Quando se referiu ao INES, Instituto de Estudos Sociais, ao qual estão ligados nomes como José Saramago, José Luis Judas, Vital Moreira ou José Magalhães, assumidos publicamente como criticos à direcção do PCP, Cunhal fez uma distinção entre os moderados e os que «afirmam que o comunismo falhou e que querem já a minha demissão».

Invertendo um pouco o sentido do primeiro comunicado da direcção do partido, que condenava a formação de grupos fraccionistas, o secretário-geral do PCP disse, ontem, aos jornalistas que «o INES não é considerado um grupo fraccionista, nem os seus colaboradores podem ser assim classificados. Aliás, «há militantes comunistas nesse Instituto que participaram nas listas para as autárquias e desenvolveram um trabalho empenhado para o partido», disse, sublinhando que a nota da direcção dizia apenas que a leitura dos estatutos «indicava uma tendência fraccionista», embora uma pequena minoria as tenha,.

Cunhal: «INES não é grupo de fracção, mas tem uma minoria de fraccionistas».

Cunhal condena repressão na Roménia

Pela primeira vez, o orgão máximo da direcção dos comunistas e o seu líder carismático, Álvaro Cunhal, condenaram um país de Leste resistente às mudanças perestroikianas.

O dirigente comunista considerou preocupantes «as notícias que acabam de chegar sobre a repressão de manifestações na Roménia».

Ainda no plano externo, o secretário-geral do PCP classificou a perestroika como «um processo revolucionário que, embora complexo e contraditório, visa ultrapassar atrasos, estagnação, imobilismo, erros e renovar a sociedade socialista».

Câmara pede 300 milhões pelo aeroporto da Portela

A Câmara de Lisboa acusou hoje o Governo de «se arrogar a propriedade de terrenos camarários» localizados no aeroporto de Lisboa e de assim «lesar o o património municipal em cerca de 300 milhões de contos» ao querer desafectá-los com a intenção de os incorporar no capital da TAP.

Pedro Feist, vereador cessante na Câmara de Lisboa, disse hoje em conferência de Imprensa que o Município já recorreu ao Supremo Tribunal Administrativo impugnado o decreto-lei 351/89 e os actos administrativos nele contidos que prevêm a desafectação dos referidos terrenos, e a consequente inclusão destes no «reforço de capital», da TAP, ainda empresa pública.

Rui Pacheco

Um grave atentado ao Poder Local

Segundo o responsável pelo pelouro das Finanças, a Câmara resolveu assumir estas posições mais enérgicas após a publicação do referido decreto-lei. «Consideramos este comportamento do Governo a todos os títulos lesivo dos interesses do município, e ainda como um grave atentado do Poder Central ao Poder Local».

De acordo com Pedro Feist, foi a edilidade que em meados dos anos 30 «tomou a iniciativa de fazer construir, na zona da Portela de Sacavém, em terrenos para o efeito expressamente comprados ou expropriados, o aeroporto da capital».

Importantes para esta questão são as provas, ou seja, registos e tanto Pedro Feist, como Vasco Franco asseguraram que eles existem e estão na posse da Câmara.

O Estado só entra na história a partir de 1938, altura em que passa a comparticipar no custo dos terrenos a adiquirir para o completamento do projecto.

Porém, e conforme sublinhou Feist, «esta comparticipação não envolveu qualquer contitularidade na proriedade dos terrenos». Mesmo o alargamento posterior não implicou nenhuma alteração relativamente à propridade dos mesmos.

Embora as pistas e zonas de desembarque sejam considerados bens dominiais, pois trata-se de um aeródromo de serviço público é um facto que estão implantados em terrenos municipais.

B R E V E S

Apuramento geral de votos a partir de hoje

Em cumprimento da lei que ordena a reunião das assembleias de apuramento geral de votos no quarto dia posterior às eleições, começam hoje a ser publicados os resultados finais das eleições autárquicas de 1989.A reunião das assembleias começou de manhã em todo o País, nas 305 câmaras Municipais e os editais com os resultados oficiais serão afixados à porta dos edifícios camarários.

Carlos César troca S. Bento pela Assembleia Regional

O deputado socialista Carlos César prepara-se para abandonar, em Janeiro, a Assembleia da República e ocupar o lugar para que também fora eleito na Assembleia Regional dos Açores. Esta troca de S. Bento pela cidade da Horta deve-se, segundo uma nota do gabinete de Imprensa do PS/Açores, «aos insistentes convites nesse sentido dos seus camaradas açorianos e a instâncias dos dirigentes do partido, nomeadamente do líder regional, Martins Goulart».O regresso de César à base enquadra-se na preparação da ofensiva final dos socialista contra a maioria de Mota Amaral, apoiada particularmente nos excelentes resultados conseguidos na Região Autónoma nas últimas eleições autárquicas.O substituto de Carlos César no Parlamento será brevemente indicado pela estrutura socialista regional açoriana.

POLÍTICA

PSD reconheceu perdas e danos eleitorais

O PSD reconheceu ontem, publicamente, pela voz de Duarte Lima, primeiro vice-presidente do grupo social-democrata na Assembleia da República, que os resultados das eleições de domingo passado ficaram aquém dos seus objectivos e que o partido sofreu perdas relativamente importantes nalguns orgãos autárquicos, quedando-se longe das metas que traçara.

Nomeadamente, Lima acentuou, no primeiro plenário parlamentar posterior às eleições, que o PSD não mantém a maioria na votação para as Assembleias Municipais e as Câmaras, deixou de deter o maior número de presidências e foi relegado, neste aspecto e na votação global nacional, para trás do Partido Socialista.

«Aceitamos com humildade democrática o veredicto soberano do povo», disse o vice-presidente do Grupo Parlamentar do PSD, *«e vamos tirar destas eleições o significado que elas encerram, ponderando a mensagem que o povo português nos quis transmitir»*.

Em tom cordato e, como tal, saudado por todas as bancadas, Duarte Lima procurou, no entanto, amenizar as perdas do seu partido pela valorização *«da vitória da democracia e das instâncias do poder local como resultado inquestionável do último acto eleitoral»*.

Mas procurou também, visivelmente, redimir Cavaco Silva do erro factual em que caiu ao comentar as eleições na televisão e, ao mesmo tempo, transmitir sinais de que o PSD se prepara para iniciar a tentativa de reconquista do seu eleitorado sem a arrogância do passado. Essa arrogância terá sido, como sublinharam oradores da Oposição, a razão determinante da punição imposta ao PSD e a Cavaco Silva pelos seus eleitores de 87.

Para além deste relevante discurso e da não menos digna postura assumida por Duarte Lima, em nome da bancada da Maioria, o rei do plenário foi, sem rebuços, Jorge Sampaio. Sem sequer abrir a boca--deixou para

Rui Pacheco

Basílio Horta desistiu a tempo da candidatura perdedora à Câmara de Lisboa e ontem foi um dos mais efusivos parlamentares nas felicitações a Jorge Sampaio

Jorge Lacão, executor da estratégia socialista nestas eleições, a recolha dos louros do dia--o secretário-geral do PS e presidente eleito da Câmara Municipal de Lisboa andou nas bocas do mundo e o seu nome foi usado a abrir os discursos com que todos os partidos representados na Assembleia encerraram as contas eleitorais.

Ainda alguns agravos antes das broas de Natal

Meia dúzia de oradores a bater no Governo, ninguém a defendê-lo e até um seu suposto apoiante a fazer mea culpa perante o eleitorado, assim se fez na Assembleia da República a contagem final das perdas e ganhos relativas ao último prélio eleitoral. Feito o balanço, o Parlamento encerrou para as festas natalícias só reabrindo a 4 de Janeiro, em sessão de treino para a discussão da lei da televisão, a mais relevante de quantas se encontram em trânsito parlamentar.

Foi já em clima de Natal que Natália Correia, de notas escritas em riste, surpreendeu tudo e todos ao pedir palmas para o professor Cavaco Silva.

Fê-lo com algum masoquismo, é certo, mas também com uma dose de humor susceptível de derrotar o mais empedernido adversário do Primeiro-Ministro e Presidente do PSD.

Natália criticou o PS e o seu deputado Jorge Lacão por não manifestarem, eles e a Esquerda, *«a gratidão que devem ao PSD»*. Gratidão?- interrogavam-se todos, face ao cartão amarelo que o eleitorado tinha mostrado, no domingo passado, ao partido do Governo.

Segundo ela, o PSD, *«com rasgado gesto natalício»*, distribuiu Câmaras pelo PS *«quais broas de Natal, num comovente respeito pelos santos usos desta quadra natalícia»*. Por isso mesmo, o discurso de Lacão foi *«o discurso da ingratidão»* e, em vez dele, o PS e a Esquerda em geral *«devem uma salva de palmas à generosidade com que o PSD autarquicamente os contemplou»*.

E como não foi secundada a sua proposta--mais ninguém ousou manifestar a Cavaco Silva e ao seu partido a gratidão pedida--Natália Correia, isoladamente, dedicou *«sentidas palmas ao munificiente partido que, nessa liberalidade, foi coerentemente liberal»*.

Por esta charla da deputada do PRD se vê que as crispações eleitorais já lá vão e que a vida política regressa à normalidade, entrando-se agora na parte final da maratona que precede as eleições gerais de 1991.

Inclusive, foram liquidados alguns agravos remanescentes das batalhas mais duras da campanha, nomeadamente o que Pacheco Pereira, no entender do comunista João Amaral, terá lançado ao reeleito presidente da Câmara de Loures, Severiano Falcão.

Mas este foi um caso isolado, verdadeiramente o único momento de crispação remanescente da campanha e constrastante com o rio calmo que desaguou na Assembleia da República no acerto das contas eleitorais.

No mais, palmas para Jorge Sampaio, cumprimentado à esquerda e à direita, Duarte Lima a assumir o ónus de limpar mais umagaffe de Cavaco Silva, o próprio Lima, vice-presidente do PSD, a ser saudado pela sua correcção e fair-play, enfim, todos felizes por regressarem às normais práticas parlamentares.

Alguns já pareciam, aliás, estar a calçar os sapatos para se colocarem na grelha de partida para a maratona que conduzirá às eleições gerais de 91 e de que as autárquicas não passaram de uma espécie de preliminar.

Daniel Reis

Cavaco dá o dito por não dito

Cavaco veio ontem desculpar-se publicamente por não ter falado verdade aos portugueses no dia das eleições, quando afirmou que «o PSD continua(va) a ser maior partido autárquico, à frente no número de Câmaras e vereadores». Os resultados eleitorais vieram, como se sabe, a desmentir parcialmente essa euforia inicial, pois o PS impôs-se aos sociais democratas em percentagem de votação, presidências de Câmaras e maiorias absolutas.

«Veio a provar-se que não eram correctas as informações de que dispunha, na base dos serviços previsionais», confessou ontem o presidente do Partido Social Democrata.

Fê-lo, inesperadamente, depois da reunião da Comissão Política Nacional do PSD, que reflectiu sobre os resultados das eleições de domingo e assim continuará por mais algum tempo.

Admitiu que o PSD foi penalizado nas autárquicas, que na «panóplia das muitas e grandes razões» que o situaram como segundo partido estarão também «erros próprios», adiantando não ser sua preocupação apontar «bodes expiatórios». Para Cavaco, o importante, agora, «é pensar no futuro», afirmou.

O presidente social democrata acentuou que uma importante percentagem de eleitores comunistas votou no PS, salientando que o PSD soma, praticamente, o mesmo número de votos dos socialistas. «Respeito a soberania do povo português», disse Cavaco, distinguindo entre eleições legislativas e autárquicas. Daí que os resultados destas não influenciem na equipa governativa, «em que por princípio não gosta de mexer» - afirmou ao «DL».

A interpretação dos resultados eleitorais é considerada complexa pelo PSD, que ganhou em algumas Câmaras que não esperava e perdeu noutras em que contava vencer. «Iremos desenvolver as acções adequadas para recuperar o eleitorado que agora não votou», disse o presidente social democrata aos jornalistas.

Foi a primeira vez que Cavaco se dispôs a exprimir o ponto de vista do PSD sobre a vida nacional no final de uma reunião do órgão executivo do partido e na qualidade de seu líder.

Uma «razão simples, mais importante» - sublinhou Cavaco Silva - levou-o ontem a desempenhar o papel de porta-voz do partido, que normalmente cabe ao secretário-geral, Dias Loureiro: afirmar publicamente que errou, domingo, quanto aos resultados eleitorais, quando ainda não tinda indicações sobre os Açores e antes de saber, portanto, que o partido a que preside tinha perdido 34 Câmaras, 24 das quais no Continente.

Por essa razão, Cavaco Silva adiantou que a «reflexão» do PSD se manterá até ao início de 1990», ano do próximo congresso do partido. Até lá, o líder dos sociais-democratas convidou todos os sociais- democratas a «arregaçarem as mangas», e disse que continuava a governar norteado pelos «superiores interesses do País».

I Série
N.º 292
Dia 21
de
Dezembro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Educação

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no Montante de 651 382 contos.

Ramos Horta propõe secretariado de Timor

A criação de um secretariado de Timor-Leste para representar o povo maubere nos organismos internacionais foi uma das propostas apresentadas por Ramos Horta, dirigente demissionário da Fretilin, aos membros, militantes e simpatizantes daquele movimento.

De acordo com o documento que explicita a proposta, a estrutura seria independente da Fretilin e da UDT, embora contasse com representantes de ambos os partidos e das comunidades timorenses espalhadas pelo mundo.

O secretariado teria delegações em Portugal, Austrália e na ONU, entre outros países e organizações, actuando como representante do povo de Timor-Leste junto das instâncias internacionais.

Recorde-se que Ramos Horta, membro da Convergência Nacionalista e responsável da Fretilin para o exterior, se demitiu da direcção desta organização em 27 de Outubro passado.

Entretanto, o Japão ganha progressivamente um maior interesse pela causa do povo maubere.

Na sequência de movimentações operadas naquele país pela Convergência Nacionalista, a chamada «Coligação Japonesa para um Timor-Leste Livre» vai realizar no próximo ano na cidade de Quioto uma exposição de fotografias sobre a situação no território».

Kiyoko Furusawa, responsável do organismo citado pela agência Lusa, revelou que se trata de uma mostra com fotos do passado colonial, das violações dos direitos humanos por parte dos indonésios e da guerrilha da Fretilin.

A coligação desloca regularmente ao Japão representantes timorenses para produzirem intervenções e palestras de sensibilização da população.

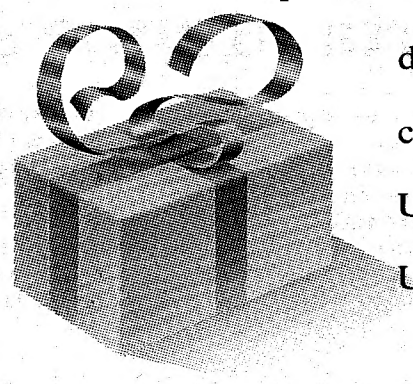
Maria João dos Reis, uma militante da Fretilin que foi funcionária do departamento de propaganda da Indonésia em Timor-Leste e vive actualmente em Lisboa, acaba de passar um mês no Japão, num esforço de criação de um «lobby», como afirmou à agência Lusa, que pressione o governo nipónico no sentido de reduzir ou suspender o apoio que concede à Indonésia.

Maria João dos Reis, que em Fevereiro discursou na Comissão para a Defesa dos Direitos Humanos da ONU, em Genebra, acredita na via diplomática. «O regime indonésio não conseguirá manter indefinidamente a situação de repressão», afirma.

GALA

Comemore connosco a vitória Lancia no Campeonato do Mundo de Rallies. Elegemos o mês de Dezembro como o mês Lancia, por isso, quando visitar qualquer dos nossos concessionários, será recebido em festa. Estamos a comemorar a vitória Lancia em mais um Campeonato do Mundo de Rallies. É a terceira vitória consecutiva e a oitava no total. Temos razões de sobra para estarmos contentes mas queremos partilhar também essa alegria. Venha até nós. Venha à Gala Lancia.

Oferta especial para gente especial. Se já está completamente rendido à classe, ao estilo e à supremacia tecnológica Lancia, e escolheu o mês de Dezembro para comprar o seu Lancia, terá uma surpresa bem agradável. Uma oferta valiosa e personalizada. Um elegante conjunto de viagem.



GRUPO BARBOSA/CDP

A DIFERENÇA DE VIAJAR EM LANCIA

LANCIA

Encargos anuais: Consumo — 15.000 Kms de 105.885$00 a 225.615$00 • Seguro Ob. Res. Civ. - de 17.003$00 a 21.195$00 • Imp. s/ veículos - de 1.410$00 a 78.880$00 • Base Setembro 89

O seu Natal no Seixal

JOÃO FERNANDO FERREIRA DE ALMEIDA

Agente oficial **SACHS**
e
sub-agente **VESPA**

DESEJA FELIZ NATAL
A TODOS OS CLIENTES
E AMIGOS

R. FONTE DA PRATA, 32-34 — T.: 221 73 25 • AMORA

Jardim do Sul

Com nova gerência de:
Maria Regina Antunes

PAPELARIA • FOTOCÓPIAS • PERFUMARIA • NOVIDADES • UTILIDADES • PORCELANAS • LOUÇAS • VIDROS E ELECTRODOMÉSTICOS • RELOJOARIA • ARTIGOS ESCOLARES • MATERIAL PARA ESCRITÓRIO

DESEJA FELIZ NATAL
A TODOS OS CLIENTES
E AMIGOS

Rua Paiva Coelho, 68
Tel.: 221 36 24 — **2840 SEIXAL**

Ernani's VIDEO CLUB

VÁRIOS TÍTULOS AO SEU DISPOR

DESEJA FESTAS FELIZES
A TODOS OS CLIENTES E AMIGOS

Praça Luís de Camões, N.º 31
2480 SEIXAL

Mário Deitado

DECORAÇÕES EM CORTIÇA

PAVIMENTOS * TECTOS * ARTESANATO
MATERIAIS DIVERSOS PARA DECORAÇÃO

deseja aos seus clientes e amigos BOAS FESTAS e FELIZ ANO NOVO

ORÇAMENTOS GRÁTIS
EXPOSIÇÃO E VENDA
R. 5 de Outubro, 1 • ☎ 221 05 32 • SEIXAL

RESTAURANTE A PARAGEM SNACK-BAR

☎ 2243156

Encerra às Quintas-feiras
FERNÃO FERRO
(Estrada de Sesimbra)

- A «PARAGEM» serve-lhe um óptimo **PEIXE** tanto em qualidade como em variedade.
- Nas carnes há variedade, mas prove a **CHANFANA** que a **«PARAGEM»** serve ficará cliente, deste afamado prato da Beira.

Deseja um Bom Natal
e um Feliz Ano Novo
a todos os clientes e
amigos

PAPELARIA São Vicente

TABACARIA • PAPELARIA • PERFUMARIA
REVISTAS • LIVROS • JORNAIS
LOTARIA • MATERIAL ELÉCTRICO

DESEJA BOAS FESTAS
A TODOS OS CLIENTES
AMIGOS E FORNECEDORES

Av. General Humberto Delgado, Lt. 10 Telef. 221 06 65 **PAIO PIRES**

CAFÉ – CASA DE PASTO VERDE MAR EX-SARDINHA

– ALMOÇOS E JANTARES –
GRANDE VARIEDADE DE PETISCOS

Rei das moelas grelhadas

ENCERRA ÀS 2.as FEIRAS

DESEJA BOAS FESTAS
A TODOS OS CLIENTES E AMIGOS

R. Abel Salazar, 55-B • ☎ 224 49 56 — **C. PAU – AMORA**

Talho O ABAFADOR

GERÊNCIA DE
José Carreiras Cabaço

CARNE DE CAVALO

PORCO — BORREGO — CABRITO — PERU — FRANGOS — GALINHAS

DIRECTAMENTE DO PRODUTOR AO CONSUMIDOR

DESEJA BOAS FESTAS A TODOS OS CLIENTES E AMIGOS

R. da Cordoaria, 1 • Tel.: 224 02 92 • 2840 C. PAU

ANIMAÇÃO

Das 20.00 às 22.00 horas
Organista privativo do Hotel

Das 00.30 às 02.00 horas
ÁGATA e seu conjunto (ex-Doce)

Das 22.00 às 24.00 horas
Conjunto Arcádia

Das 2.00 às 4.00 horas
Conjunto Arcádia

PREÇOS POR PESSOA | *Adultos 10 000$00*
Crianças até aos 6 anos, grátis
Crianças dos 6 aos 12 anos 5 000$00

Estrada Nacional, 378 — Fernão Ferro — 2840 SEIXAL
Telefs. (01) 225 06 50 - 225 06 51 - 225 18 34 — Fax 224 4013

HOTEL ORION

Reveillon 89-90

INÍCIO: 20 horas
Jantar
Melão com presunto
Queijo
Lagosta
Espetada de javali
Doce e fruta
Café, bagaceira/licor

MEIA-NOITE
Champanhe com bolo rei

02.00 horas
Caldo Verde
Feijoada à Brasileira
ou
Cacau

ARCÁDIA

ARCÁDIA

MARCAÇÕES ATÉ 25-12-89

ECONOMIA

"Concorrência implacável" no sector automóvel

Americanos vêm para Europa mas o mercado está saturado com as marcas europeias e japonesas

Com a sua indústria automóvel a passar por uma profunda crise (encerramento de fábricas e mais de 100 mil despedimentos), os americanos viram-se para a Europa, onde já estão instalados os japoneses e, naturalmente, os europeus. Só que se trata de um mercado onde a oferta já começa a exceder a procura. Segundo o "DL" apurou, em Portugal o problema ainda não faz sentir os seus efeitos.

Por conseguinte e fruto da saturação do mercado norte-americano, a Europa constituirá o campo de batalha privilegiado dos fabricantes de automóveis na próxima década.

Depois de batidas no seu território pelas rivais japonesas, as empresas americanas apostam no Velho Continente para recuperar da sua dramática situação.

A par do encerramento de fábricas e dos despedimentos, o reforço da presença na Europa, através de associações e tomadas de participações, são algumas das medidas a aplicar pela GM, Ford e Chrysler para fazer face à actual crise de sobreprodução.

Porém, também no espaço comunitário o crescimento da procura tem sido inferior ao da oferta. Desta forma, a aposta dos americanos, mais do que poder sair "furada", irá agravar a actual situação, até porque os japoneses já aí estão.

Crise americana vai transportar-se para a Europa?

Em Portugal

Contactado pelo "DL", Edgar Piló, presidente da Associação dos Industriais de Montagem de Automóveis (AIMA) e membro do Conselho Director da Associação do Comércio Automóvel de Portugal (ACAP), declarou que em Portugal não há ainda efeitos sensíveis nem concretos desta crise americana.

Não deixou, apesar de tudo, de afirmar que o aumento do número de intervenientes num mercado que não cresce, ou cresce pouco, reduzirá as quotas daqueles.

Assim, é da própria sobrevivência que se trata. As actuais campanhas de "marketing", em que todos os vendedores oferecem "tudo", são elucidativas da importância do que está em causa. De resto, é o próprio Lee Iaccoca , presidente da Chrysler, quem afirma que a concorrência será implacável nos anos futuros.

E é neste contexto que se prepara a instalação no nosso País de duas fábricas de componentes de automóveis na península de Setúbal: a da Ford (produção de equipamento áudio destinado quase todo à exportação) e a da General Motors (produção de ignições electrónicas para exportação). Entretanto é anunciado que Portugal entra na corrida para a instalação de uma unidade Ford-Volkswagen.

Situação americana

A actual queda das vendas de automóveis nos EUA acontece após sete anos de crescimento sucessivo. Desde o início do ano, as vendas da GM, Ford e Chrysler cairam, respectivamente, 8,3 por cento, 2,6 e 12,2.

Segundo um despacho da France-Press, divulgado pela Lusa, as vendas anuais, que atingiram os 16,3 milhões de unidades em 1986, cairão para 14,8 milhões no próximo ano.

Para contrariarem o aumento das vendas dos fabricantes japoneses, os americanos tentaram que aqueles auto-limitassem as suas exportações para os EUA. O resultado foi a Honda, a Toyota, a Mazda, a Nissan e a Mitsubishi instalarem fábricas ultra-modernas nos EUA e tornarem-se...americanas.

Hoje, os japoneses produzem veículos a um preço inferior em 500 ou 800 dólares aos americanos e assistem ao crescimento das suas facturações: a da Honda cresceu 3,5 por cento, a da Mazda, 31,6 e a da Toyota, 216 por cento.

Turismo português atrai japoneses

Representantes de agências de viagem nipónicas vêm a Portugal em Janeiro

Representantes das mais importantes agências de viagens japonesas deslocam-se a Portugal em Janeiro para assistir à 2ª Bolsa de Turismo de Lisboa, facto que se verifica pela primeira vez.

Recorda-se que o Governo nipónico tem desenvolvido uma política no sentido de fazer viajar mais no estrangeiro os cidadãos daquele país, como forma preferencial de atenuar os elevados excedentes das suas contas externas.

Portanto, a visita a Portugal dos operadores turísticos japoneses apresenta-se como adequada no presente momento e capaz de estar na origem de bons resultados concretos, ou seja a canalização para os circuitos portugueses de turistas daquele país.

Trata-se de uma iniciativa promovida pelo Centro de Turismo de Portugal no Japão que conta com o apoio da representação em Tóquio da Scandinavian Airlines System .

Do programa da visita fazem parte deslocações à Nazaré, Óbidos, Fátima, Queluz, Estoril, Cascais e Cabo da Roca.

Recorda-se que as previsões apontam para dez milhões de japoneses que visitarão este ano o estrangeiro, um milhão dos quais a Europa. Portugal recebe anualmente apenas cerca de 30 mil.

Fascinados

"Os japoneses ficam completamente fascinados com o facto de possuirem um documento comprovativo que estiveram no ponto mais ocidental da Europa", disse à Lusa o representante de uma das agências de viagens que se desloca a Portugal.

O grupo que visita este país integra as duas maiores agências do Japão - a JTP e a Kinki - que vendem anualmente cerca de seis milhões de contos de viagens e "tours" para o estrangeiro e detêm 20 por cento do mercado japonês de turismo.

O director do Centro de Turismo de Portugal em Tóquio disse que esta acção é apenas a primeira de uma série a lançar durante 1990 e que visam captar para este país um maior fluxo de turismo de qualidade.

"Vamos publicar material turístico em japonês, promover acções de divulgação em Portugal e criar esquemas de cooperação com companhias aéreas e agências de viagens, de forma a levar mais japoneses a Portugal", acrescenta o director do referido centro, o qual foi inaugurado apenas em Outubro passado.

B R E V E S

Pouco optimismo no papel e cartão

A produção de papel e cartão deverá apresentar um ligeiro aumento no último trimestre deste ano, prevê a Direcção-Geral de Florestas. A exportação neste sector apresenta-se estável, pese embora uma certa retracção da procura nos mercados internacionais. O optimismo e a confiança diminuem.

A previsão é baseada num inquérito promovido por aquele organismo junto dos responsáveis das indústrias de produtos florestais.

Segundo o documento, no quarto trimestre de 1989 os preços de venda apresentam uma tendência para subir no mercado interno e para diminuir ligeiramente, em valores absolutos, no estrangeiro.

Quanto à evolução registada no terceiro trimestre, os dados referem que houve uma elevada taxa de utilização da capacidade produtiva (na ordem dos 90 por cento), com níveis razoáveis de procura global e suficiente capacidade de escoamento da produção.

No entanto, diz a Direcção-Geral de Florestas, registaram-se alguns factores indicadores de problemas. Deles se salienta a descida de 22 para 6 do indicador de confiança, bem como a "suave, mas contínua", elevação dos "stocks" de produtos acabados, que se regista desde há três trimestres. Igualmente é apontado um menor optimismo, pelo segundo trimestre consecutivo, quanto às perspectivas de exportação.

Comunidade negoceia tarifas aduaneiras

As negociações de tarifas conduzidas no âmbito do «Uruguai Round» vão provavelmente fracassar, admitiu em Genebra, no início desta semana, Tran Van Thinh, representante da comunidade europeia no Gatt, Acordo Geral de Comércio e Tarifas.

O mesmo negociador disse que os americanos *«não pretendem»* chegar a acordo quanto às negociações tarifárias, defendendo juntamente com o Brasil e a Índia a ideia de negociações caso a caso, enquanto a comunidade pretende encontrar uma fórmula matemática que se aplique *«friamente»* à redução de tarifas aduaneiras prevista na declaração de «Punta del Este». Um dos compromissos a levar a cabo é o de reduzir em um terço todas as tarifas.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS — 125 anos

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51$00	57$00
ALEMANHA FED. (marco)	86$50	87$70
ÁUSTRIA (xelim)	12$30	12$50
BÉLGICA (franco)	3$927	4$177
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	130$20	132$70
(notas de 5 a 1000)	130$70	133$20
DINAMARCA (coroa)	22$25	22$65
ESPANHA (peseta)	1$314	1$434
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	150$35	153$85
(notas de 5 a 1000)	150$85	154$35
FINLÂNDIA (marka)	36$70	37$30
FRANÇA (franco)	25$35	26$05
HOLANDA (florim)	76$60	77$70
IRLANDA (libra)	229$35	233$35
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	1$009	1$064
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	242$80	247$30
SUÉCIA (coroa)	24$00	24$50
SUÍÇA (franco)	96$35	97$85
VENEZUELA (bolívar)	3$302	4$102

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

INTERNACIONAL

Protestos não param na Roménia

Últimas informações referem quatro mil mortos nos incidentes de domingo em Timisoara mas Ceausescu, que pôs o país sob a lei marcial, desmente.

. O luto na Roménia não dá para peregrinações ao cemitério. «Devolvam-nos os nossos mortos» foi a frase que mobilizou dezenas de milhar de manifestantes que percorreram ontem as ruas de Timisoara, exigindo os corpos das vítimas assassinadas pela polícia de Ceausescu. Aparentemente a maioria dos cadáveres, de número incalculável, foram enterrados em valas comuns e cremados em locais desconhecidos.

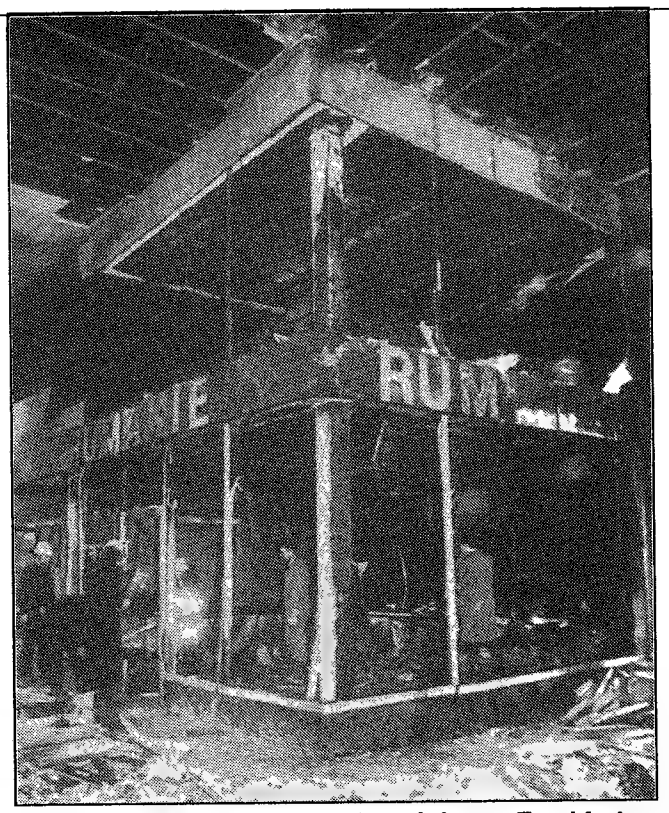
Esta manhã, uma transmissão pela rádio estatal de um discurso do presidente romeno foi interrompida por três minutos, após se ter ouvido um grito. A transmissão, captada em Viena, foi cortada e a emissora passou a transmitir música. O discurso foi, porém, reatado a seguir, numa frase apanhada a meio,.

Entretanto, a agência noticiosa oficial da Alemanha Democrática, ADN, divulgou ontem que a polícia romena matou entre três mil a quatro mil pessoas em mais de 10 cidades nos últimos dias.

Mas, para o Governo de Ceausescu, dominado pelos seus familiares - a mulher é primeira-ministra, o filho, ministro da Juventude e o cunhado ministro do Exército - as testemunhas que presenciaram as últimas vicissitudes na Roménia devem estar completamente alucinadas.

«Não é verdade que haja um elevado número de mortos. Nem sequer 10 chegaram a morrer, quanto mais milhares», disse hoje o vice-primeiro ministro romeno, Gheorghe Oprea, à agência turca Anatolia.

«Em Timisoara, os soldados tiveram que intervir após mostrar enorme paciência por dois dias. De acordo com a constituição romena, o exército é obrigado a intervir porque tem que salvaguardar as vidas das pessoas e a propriedade do povo».



A delegação de turismo da Roménia, em Frankfurt, completamente destruída devido à deflagração de um engenho explosivo.

Isolamento e lei marcial

Paralelamente, Ceausescu, ontem regressado do Irão - segundo maior parceiro comercial da Roménia - declarou o estado de emergência em Timisoara e áreas circunvizinhas, depois de uma manifestação de dezenas de milhar de pessoas alastrar a outras oito cidades.

O decreto assinado pelo presidente romeno, que coloca o país praticamente debaixo da lei marcial, surgiu horas após ter defendido, em discurso proferido na televisão, as forças de segurança e exortado o povo a «seguir a lei e manter a ordem».

Naquele discurso, o presidente romeno, há mais de uma vintena de anos no poder, acusou «grupos fascistas e reaccionários» de serem os responsáveis pelos violentos confrontos de Timisoara, afirmando que o exército foi obrigado a intervir para restaurar a ordem. Numa intervenção de 25 minutos Ceausescu disse ainda que os confromtos foram instigados do estrangeiro e destinados a provocar a desordem e destruir as instituições. «São acções anti-nacionais, terroristas», declarou, após ter acusado a rádio de Budapeste de fomentar os protestos.

Levantamento popular poderá ser em breve

A rádio húngara já noticiou que os habitantes de Timisoara obtiveram armas e munições e estão dispostos a usá-las. Um camionista jugoslavo, chegado ontem da Roménia, disse àquela rádio que, durante a sua passagem nos arredores de Timisoara viu, pintados nas paredes, apelos a um «levantamento popular dos romenos marcado para o dia 24 de Dezembro».

A agência leste-alemã, ADN, salienta ainda que manifestações anti-Ceausescu também ocorreram em Cluij, Oradea, Brasov, Buzau, Sibui, Bistriza, Curtici, Constanza e outras cidades.

Por seu lado o jornal madrilemo El Pais noticia que continuam a verificar-se manifestações em várias localidades romenas, onde as pessoas queimam livros doutrinários de Ceausescu. A agência noticiosa jugoslava Tanjug, revelou, citando passageiros de um comboio ontem chegado à Jugoslávia, vindo de Bucareste, que 36 crianças foram mortas junto à catedral no centro de Timisoara quando realizavam, à luz de velas, uma manifestação de apelo à paz, pão e dignidade humana. Uma passegeira romena referiu que, depois da acção das forças de segurança, as ruas da cidade ficaram repletas de corpos e muitos dos feridos, em vez de serem socorridos, foram depois liquidados a tiro pela polícia, ou espancados em público a golpes de baionetas.

Embaixadas romenas atacadas por populares

Enquanto que, em cataduPa, se sucedem reacções internacionais de protesto e consternação - NATO, CEE, Papa João Paulo II, URSS, EUA - movimentações populares ocorrem espontaneamente junto às respectivas embaixadas romenas.

Em Israel, uma bomba incendiária foi lançada esta manhã contra o pátio exterior da embaixada romena em Telavive e, em Varsóvia, 150 jovens romenos indignados apedrejaram ontem a embaixada romena.

O Governo português já condenou veementemente a repressão das autoridades romenas e a China, continua a ser o único país que não junta à voz do planeta o timbre da indignação.

DL/Lusa/Reuter

Fontaine continua director de «Le Monde»

André Fontaine vai continuar a ser o director do «Le Monde», depois de o seu candidato Daniel Vernet não ter conseguido obter os votos necessários para lhe suceder. A votação da Sociedade de Redactores, principal accionista do vespertino francês, realizou-se no início da semana e deu 51,7 por cento dos votos a Vernet, aquém dos 60 necessários à eleição.

Este resultado poderá dever-se, segundo algumas fontes, ao desgaste sofrido como chefe de redacção, função que desempenhava há cinco anos, o que sempre origina alguns problemas e conflitos. Perante este fracasso, André Fontaine que tinha decidido pôr fim ao seu mandato de oito anos, após quatro de exercício, reconsiderou e tudo indica que irá continuar à frente do jornal até 1993. Para esta decisão deve ter pesado a experiência anterior, quando da substituição de Jacques Fauvet, um processo que se arrastou durante cinco anos e que levou às demissões sucessivas de Claude Julien e André Laurens.

Não querendo repetir a experiência, Fontaine preferiu continuar, pois o impasse poderia prejudicar o processo de recuperação do «Le Monde» de que tem sido o principal obreiro. Daí que tenha afirmado «não há crise nem vazio de poder», deixando a sua sucessão de estar, para já, na ordem do dia.

TEATRO — Direcção de MÁRIO VIEGAS

DIVIRTAM-SE COM O REGRESSO DE
BUCHA E ESTICA
E DEPOIS... ATÉ ÀS 3H30
PODEM FICAR A BEBER UM COPO E A
DANÇAR AO SOM DA ORQUESTRA...

JUVENAL GARÇÃO - EDUARDO FIRMO

3.ª A DOMINGO
21h30m
Sábados e domingos
16h

MATINÉS ÀS 16H00
NOS DIAS 23, 24 E
25 DE DEZ.
Desc. 50%
A Crianças
PARA TODOS

Rita Club
R. DA GLÓRIA, 57
32 51 40

URSS humaniza as fronteiras

Deverá entrar em vigor no próximo ano uma lei soviética sobre a liberdade de circulação dos cidadãos que, em franco contraste com as restrições do passado, vai humanizar as fronteiras, internas e externas, da URSS, tornando-as pontos de passagem para o livre contacto entre povos, em vez dos muros de prisão que foram até um passado ainda bem recente.

O primeiro preço a pagar, pela União Soviética, por essa humanização estará ligado à seguinte previsão: 600 mil cidadãos soviéticos poderão emigrar para o Ocidente. E espera-se que entre seis e oito milhões de pessoas saiam, temporariamente ao que se pensa, da União Soviética, em viagens de turismo e de negócios ou seja, pelo menos, divisas fortes que a abalada economia soviética perderá, sobretudo depois da recente desvalorização do rublo.

O projecto desta lei foi aprovado pelo primeiro Congresso dos Deputados do Povo, no Verão passado. Esta legislação soviética sobre a emigração e a imigração é a primeira do género que surge nos 72 anos de vida da União Soviética.

Dá garantias ao cumprimento do direito dos cidadãos soviéticos «de saírem da URSS para qualquer outro país, nisto se incluindo a sua terra natal». Este último pormenor, que poderá a nossos olhos ocidentais parecer supérfluo, não o é numa união de Repúblicas em que milhões de pessoas foram forçadas a saírem dos territórios onde nasceram. E mais.

Vistos e convites

A nova lei permitirá que voltem ao seu país de origem ou visitem as suas famílias as centenas de milhar de emigrantes soviéticos que saíram clandestinamente da URSS e há muitos anos vivem no Ocidente. Antes eram considerados, oficialmente, «traidores» ou «inimigos». Em 1990 terão as portas soviéticas abertas para entrar ou sair conforme entenderem.

Também o Kremlin espera que esta legislação estimule o regresso ao país dos milhares de cientistas, técnicos, artistas e intelectuais que nas últimas décadas abandonaram a URSS, fugindo à repressão estalinista e à de Brejnev.

A lei terá também efeitos liberalizantes dentro da própria União Soviética. Os cidadãos estrangeiros não puderam, durante muitos anos, mudar de residência entre diferentes cidades sem obter primeiro um visto das autoridades, nem sequer, sem esse visto, viajar temporária e livremente. E a exigência do visto tinha limites bem precisos: para além de 50 quilómetros do seu local de residência, nenhum estrangeiro podia deslocar-se sem prévia autorização oficial. Até para se movimentar dentro de uma mesma República constituinte da URSS, o cidadão não-soviético era obrigado a, para obter o visto, fundamentar o respectivo pedido num convite que tivesse recebido de amigos residentes no local aonde pretendia ir.

Outro grupo de vítimas das anteriores restrições eram os jovens estrangeiros a estudar na União Soviética. Agora, um funcionário do Conselho Municipal de Leninegrado disse que, a partir do próximo ano, os estudantes residentes naquele distrito beneficiarão de uma substancial liberalização do regime a que estavam sujeitos.

Também agora é saber público que as restrições de outrora ocultavam o receio das autoridades soviéticas de que se esses estudantes visitassem países ocidentais, depois voltassem à União Soviética carregados de gravadores, cassetes pop, camisinhas da moda, jeans e outras pérfidas armas do Ocidente, mais do que muito capazes de «perverterem» a juventude soviética...

Charles Adade e Edmundo Manhica
Exclusivo DL/Gemini

Ataque norte-americano pôs Noriega em fuga

Panamá tem novo Presidente

Algumas horas após a intervenção militar dos Estados Unidos, ocorrida ontem no Panamá, Guillermo Endara foi empossado como novo Presidente daquele país da América Central. Entretanto o "homem forte" do Panamá, general Manuel António Noriega, que os norte-americanos pretendiam capturar, encontra-se "muito perto" da fronteira com a Costa Rica, segundo o ministro costarriquenho da Segurança. A operação norte-americana, que provocou 15 mortos e 39 feridos entre os soldados norte-americanos e centenas de vítimas panamianas, poderá estar completada dentro de três dias, mas os militares destacados continuarão por algum tempo no país, até à total normalização da vida panamiana - disse um porta-voz militar em Washington.

Os EUA consideram que a invasão do Panamá é legal ao abrigo da lei norte-americana e internacional. Mas alguns advogados que julgaram casos de guerra com superpotências parecem não ter a mesma opinião.

O secretário de Estado James Baker citou o artigo 51 da Carta das Nações Unidas, que dá aos países o direito de agir em legítima defesa, e uma disposição similar do Tratado da Organização dos Estados Americanos como justificação legal para a invasão.

Baker citou ainda os termos do tratado do canal do Panamá, que dá aos Estados Unidos o direito de utilizarem força militar para proteger a via marítima e mantê-la operacional.

Soldados norte-americanos, quando ontem tomaram posição, depois de terem assumido o controlo de uma área perto da Assembleia Legislativa panamiana.

Noriega na fronteira com a Costa Rica

Tropas norte-americanas apoiadas por helicanhões, caças e veículos blindados, atacaram ao princípio da madrugada de ontem bases militares panamianas e instalaram um novo Governo, mas não conseguiram deter o "homem forte" do país.

Noriega entretanto já lançou uma mensagem pela Rádio Nacional de Espanha, afirmando que há que "resistir e avançar contra as forças invasoras".

"Pedimos ao mundo que nos ajude com tudo: homens, dignidade, forças", afirma Noriega na breve mensagem difundida pela principal emissora de Espanha, país que já criticou a acção norte-americana.

O general Noriega, chefe das Forças Armadas panamianas, acusado de envolvimento no tráfico de droga pelos EUA, encontra-se escondido próximo da fronteira com a Costa Rica, segundo o ministro costarriquenho da Segurança, Hernan Garron.

Tropas leais a Noriega detêm um número indeterminado de cidadãos norte-americanos a residir no Panamá, tendo alguns já sido libertados. Cerca de 9.500 soldados norte-americanos, de um contingente de elite, foram deslocados para o Panamá para se juntarem aos 12.000 ali estacionados.

As tropas começaram o assalto militar cerca da uma hora de ontem, atacando as bases militares panamianas dentro e em redor da capital do país com morteiros, canhões e helicanhões.

O tiroteio e bombardeamentos prolongaram-se por mais algumas horas e, quando tudo parecia calmo, eclodiram saques generalizados, que as forças da ordem não conseguiram controlar.

Um pandemónio nos hospitais

Mais de 50 corpos foram ontem contados em apenas um hospital, mas a entrada de mortos e feridos continuou a registar-se durante a tarde e noite.

O caos era total nos hospitais da capital, onde faltava sangue, plasma e medicamentos suficientes para todos os feridos.

Responsáveis em Washington disseram que 15 soldados norte-americanos e um civil encontravam-se entre os mortos, enquanto as autoridades panamianas anunciavam que pelo menos 60 panamianos morreram e centenas ficaram feridos, números que mais tarde terão aumentado com os bombardeamentos registados da parte da tarde.

O Presidente Bush revelou, numa comunicação ao país, que ordenou a invasão após Noriega ter dito que o Panamá estava em estado de guerra com os Estados Unidos e depois de um tenente da Marinha norte-americana ter sido morto, no sábado passado, por militares panamianos.

Bush afirmou que o ataque tinnha como objectivo capturar Noriega e levá-lo para os Estados Unidos, onde seria julgado por tráfico de droga, e para salvaguardar as vidas dos cidadãos norte-americanos no Panamá.

O novo Presidente

Guillermo Endara, que ontem tomou posse como novo Presidente do Panamá, na sequência da invasão norte-americana, é um advogado de 53 anos, que se tornou conhecido apenas quando decidiu enfrentar nas eleições presidenciais o poderoso general Noriega. A sua tarefa não será fácil, visto que, entre os problemas que o esperam inclui-se o de desfazer a imagem de "lacaio" dos EUA com que é visto em muitos sectores da vida panamiana.

DL/Lusa/Reuter

ONU volta a reunir-se para debater invasão

O Conselho de Segurança das Nações Unidas volta hoje a reunir-se para debater a invasão do Panamá pelos Estados Unidos, depois de ontem aoenas a Inglaterra e o Canadá terem apoiado Washington na sua iniciativa.

A reunião, que decorre a partir das 11 horas (15 horas TMG), na sede da ONU, em Nova Iorque, surge na sequência das críticas apresentadas ontem pelos representantes da Nicarágua, China e União Soviética. O representante francês, Pierre-Louis Blanc, concordou em que os EUA haviam sido provocados, mas adiantou que para o seu país, "o uso da força pelo exterior é deplorável, sejam quais forem as circunstâncias".

Os Estados Unidos, com o apoio de outros países Ocidentais, apelaram para o reconhecimento do embaixador junto das Nações Unidas, nomeado pelo novo Presidente panamiano reconhecido pelos EUA, Guillermo Endara. A legitimidade do novo Governo e embaixador panamianos deverão ser os temas centrais da reunião, já que não é credível a aprovação de qualquer censura à acção dos EUA.

Mas ontem o secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, manifestou a sua preocupação pela intervenção militar norte-americana no Panamá.

A operação contra Noriega mereceu a condenação de vários países e o apoio de outros.

Depois da condenação soviética, que considerou a acção como uma "violação da Carta das Nações Unidas e das normas universalmente reconhecidas", a China, através do seu Ministério dos Negócios Estrangeiros, disse que esta constitui um "acto chocante". O grupo de países não-alinhados pediu ontem aos EUA para que cessassem de imediato todas as suas acções militares no Panamá.

No Brasil, o Presidente José Sarney censurou a posição de força dos EUA no Panamá, afirmando que o seu país é favorável à autodeterminação dos povos. O Governo cubano, por seu turno, considerou que a acção norte-americana é uma «agressão imperialista» contra os povos da América Latina.

Na Europa, a Noruega e o Reino Unido apoiaram o presidente Bush, mas, no segundo caso, a oposição britânica criticou Margaret Tatcher, por considerar que não se pode partir da premissa de que «quem tem força tem razão».

Por sua vez a França disse não poder apoiar a invasão norte-americana, mas que mesmo assim Paris acolhe favoravelmente a luta contra o tráfico de droga e o domento da democracia em todo o mundo. A Espanha, país membro da CE, lamentou profundamente a acção norte-americana e classificou-a de «extraordinariamente grave» por constituir uma ingerência nos assuntos de um país soberano.

O nosso país também reagiu a este acontecimento. Um comunicado do Governo português disse esperar que seja restabelecida naquele país, com a possível brevidade, uma situação de normalidade democrática.

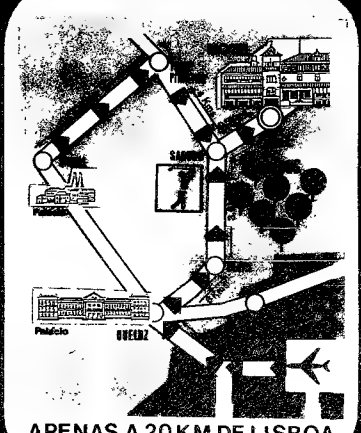
Entretanto, o embaixador dos EUA no Panamá, que regressou a noite passada à capital panamiana, disse que «lá bem no fundo», os países latino-americamos estão satisfeitos com a intervenção norte-americana no Panamá. Depois de sete meses de ausência, o embaixador Arthur Davis considerou que a vida no Panamá continua a ser perigosa, face a possíveis retaliações da parte das forças leais ao general Noriega. De referir que o Senado dos EUA e sondagens à opinião pública norte-americana, revelaram-se favoráveis à operação militar no Panamá.

DL/Lusa

SEMINÁRIOS · REUNIÕES · CONGRESSOS

O PARAÍSO A DOIS PASSOS DE LISBOA

HOTEL VALE DE LOBOS ★★★



APENAS A 20 KM DE LISBOA

★ QUARTOS C/ BANHO PRIVATIVO, TELEFONE, T.V. 4 CANAIS DE MÚSICA.
★ RESTAURANTES. PIANO-BAR. TÉNIS. MINI-BARES.
★ PISCINA COBERTA. CENTRO COMERCIAL. DISCOTECA.
★ ESTACIONAMENTO PRIVADO. CINEMA.

4 SALAS PARA CONGRESSOS, FESTAS, CASAMENTOS, BANQUETES

ESTADIA
CASAL: 3 Noites com P/A, e Almoço de Domingo 20.000,00

RESERVAS:
TELEFS. 927 3419 - 927 34 01 - 927 46 26

CRIAMOS O AMBIENTE IDEAL PARA HOMENS DE NEGÓCIOS * VALE DE LOBOS · 2715 SABUGO 9273419 9273401 * FAX 9274656 * TELEX. 44564 VALOBO-P

QUOTIDIANO

ÚLTIMAS

Tribunal liberta quatro suspeitos de corrupção

Foram ontem à tarde libertados pelo juíz do Tribunal de Instrução Criminal de Lisboa os quatro funcionários do Departamento de Construções Escolares do Ministério de Educação, soube-se junto de fonte judicial.

Aqueles individuos haviam sido detidos na terça-feira de manhã, juntamente com um director da «Epac», Santa Rita Colaço,dois técnicos superiores do Centro Regional de Segurança Social de Lisboa e um dos sócios da empresa «Reilima» envolvida na fraude. cujas prisões se mantêm, pelo menos por hoje em que decorrem os inerrogatórios levados a efeito sobre a presidência do magistrado instrutor do processo

Entretanto a Polícia Judiciária deteria um outro proprietário da empresa «Reilima» de apelido Pereira, que assim se junta ao seu sócio Quintas preso nas primeiras diligências policiais.

Assim as capturas respeitantes a este processo de burla e corrupção, activa e passiva, sobem a nove, mas com as quatro libertações agora verifictadas encontra-se apenas cinco à ordem do TIC.

Recorda-se que a actividade delituosa tinha em vista falsear as adjudicações de obras públicas: escolas, centros da Segurança Social e silos da «Epac», cujos concursos eram assim ganhos pelaeferida empresa.

Professores do ensino privado sem Segurança Social

O Sindicato Nacional dos Professores (SINAP) afirmou que muitos colégios deixaram de enviar quotização para a Segurança Social, deixando os docentes sem subsídios de doença, parto e abono de família.

Com a saída do decreto-lei 321/88, os professores transitaram do regime geral de Previdência para a Caixa de Aposentações, explicaram os sindicalistas, acrescentando que na quase totalidade as entidades patronais do ensino privado deixaram de enviar 16,5 por cento dos descontos obrigatórios para a Segurança Social, deixando os professores de receber as prestações sociais a que têm direito.

Barragens do Tejo e Douro duplicam saída de água

O Inverno resolveu entrar com honras de general. Começa, oficialmente, às 21 horas e 22, com péssimo tempo em todo o país

A situação pode agravar-se, seriamente, nos próximos dias

«Estamos muito preocupados com a evolução da situação no Douro, embora ainda não haja razões para alarme existe pelo menos um "aviso sério" a todas as entidades competentes», disse ao fim da manhã de hoje, ao DL, o comandante do Departamento Marítimo do Norte, Sá Vaz.

No Tejo, o nível das águas também está a subir. A barragem do Fratel, que às 6 horas estava a debitar 1.3096 metros cúbicos por segundo, passou a descarregar, a partir das 9 horas 1.508 metros cúbicos. Na barragem de Castelo do Bode o caudal passou de 335 metros por segundo para 784, das oito horas da noite de ontem ao meio da manhã de hoje.

E as previsões meteorológicas não são animadoras. Prevêm, "céu muito nublado, com períodos de chuvas e vento moderado a forte de sudoeste, soprando com rajadas muito fortes no litoral e terras altas".

A CP está ter problemas em todo o lado. A linha do Douro está interrompida entre a Régua e Pinhão, devido a um aluimento de terras, estando a companhia a fazer o transbordo rodoviário entre as duas povoações. Na Beira Alta, os comboios circulam a baixa velocidade por terem caído barreiras em vários locais da linha, enquanto que, mais a sul, a via da Beira Baixa continua encerrada entre Castelo Branco e Vila Velha do Rodão, devido, também a um aluimento de terras que provocou, há dias, o descarrilamento de uma composição de mercadorias. Nos arredores de Lisboa, a situação não é mais calma: no ramal Barreiro/Pinhal os comboios estão a seguir em via única no troço Lavradio/Moita, devido a trabalhos de desobstrução na linha.

Em Coimbra, de acordo com uma fonte dos Bombeiros Voluntários contactada esta manhã pelo DL, verificaram-se inúmeras situações de emergência, sobretudo na zona de Santa Apolónia. A situação não era perigosa mas a madrugada de hoje foi de intensa actividade para os soldados da paz que acorreram a dezenas de chamadas. Na capital, apesar da chuva que caiu durante quase toda a noite, os Sapadores não tiveram de intervir muitas vezes, como foi dito,ao fim da manhã, pelo oficial de serviço.

Tragédia parece ter sucedido no distrito de Braga. Um tractor com atrelado e os seus ocupantes foram arrastados, ontem, pelas águas do rio Vez, quando atravessavam um pontilhão na freguesia de Gondariz, concelho de Arcos de Valdezes. Dados como desaparecidos, os agricultores tentaram atravessar o local que estava submerso de água.

Do Porto, chegam notícias que reflectem como é justo o velho ditado popular: «casa roubada, trantas à porta». Um projecto de construção de um «muro de retorno» que proteja a zona marginal da Foz do Douro das vagas do mar vai ser reapreciado.

Elaborado pela administração dos portos do Douro e Leixões, o projecto estava retido na Câmara da autarquia da capital do norte, desde 1979. A decisão de reapreciar o assunto foi tomada, ontem, numa reunião do Gabinete Coordenador da Protecção Civil.

Os portos marítimos do norte do País encontravam-se, encerrados à navegação. Um responsável da capitania do porto de Leixões disse hoje, ao DL, que só naquele cais estava autorizada a entrada de navios mercantes de pequeno porte.

O mau tempo e as cheias motivam também já preocupações na classe política. Uma delegação da Comissão Parlamentar da Agricultura e Pescas vai visitar as zonas mais afectadas pelas cheias. Os deputados da oposição dizem que o governo atribuiu verbas às vítimas das cheias no Algarve, com fins eleitoraisfs e que está a esquecer-se dos milhares de pessoas afectadas no Ribatejo e outras regiões.

Dedicação exclusiva nas carreiras médicas

Ordem rejeita nova versão do Ministério da Saúde

A Ordem dos Médicos rejeitou ontem, em Coimbra, o projecto de decreto-lei sobre carreiras médicas, por entender que o documento «viola a liberdade do exercício profissional» e «discrimina um grupo de médicos», afirmou um dos dirigentes daquela estrutura esta manhã ao DL.

Santana Maia, presidente da Secção do Centro da Ordem dos Médicos, adiantou que o diploma, sobre o qual também já se pronunciaram os sindicatos médicos, remete alguns deles para a dedicação exclusiva compulsiva, violando assim a liberdade do exercício profissional. Encontra-se nessas condições um grupo de médicos que entrou para o internato em 1 de Janeiro do ano passado em regime de dedicação exclusiva e que o Governo pretende, com este diploma , obrigar a continuar nessa situação.

«A dedicação exclusiva deve ser uma opção e não uma decisação compulsiva», precisou Santana Maia, que integra o Conselho Nacional Executivo da Ordem dos Médicos como presidente da Secção do Centro, reeleito há menos de duas semanas à cabeça da lista única que se apresentou, em Coimbra, às eleições para a estrutura nacional.

O Conselho Nacional Executivo da Ordem considera que «não pode, em termos éticos, aceitar qualquer diploma que viole a liberdade do exercício profissional ou consagre tratamento diferente e discriminatório para qualquer grupo de médicos» nem «pode dar o seu acordo a qualquer texto que, conforme a lei e até o simples bom senso impõe, não tenha tido a audição e anuência de princípio da Ordem dos Médicos», defende em comunicado.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
15.º JUÍZO ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela Segunda Secção do 5.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito na Av.ª Almirante Reis, n.º 49, 4.º andar, correm termos uns autos de execução por quantia certa registados sob o n.º 9/89 que o exequente ARMANDO RENATO JUNQUEIRA PINTO residente na Praça de S. Bartolomeu, Rua 5, 2.º A — Pontinha — Lisboa move contra a executada — INTERPRATA — Indústria Artística de Pratas, Ld.ª, com sede na Rua António Apolinário da Silva, n.º 22 — A, na Amadora, nos quais, no próximo dia 22 de Março de 1990, pelas 10 horas, há-de ser posto em praça, pela primeira vez para serem arrematados pelo maior lanço oferecido acima dos valores que à frente se indicam dos seguintes bens penhorados à executada acima identificada: VERBA 1 — um laminador de fio c/roletos; um laminador de fio; um laminador de chapa; uma máquina para polir; uma máquina de cortar redondos; uma máquina manual para cantos; três tornos; uma máquina de canais; três bancadas de trabalho; uma secção de banhos para pratear com 4 tinas; três forges de soldar; três maçaricos c/diversos bicos; uma banca de puxar fio; doze fieiras em ferro para laminar fios; alguns martelos para chapa de prata; vários moldes de ferro para levantar diversas peças; duas desempenas grandes em ferro; três tornos pequenos de bancada; vários moldes de latão; diversas chapas de latão; fundição diversa, pelo valor de 300 000$00, (trezentos mil escudos); VERBA 2 — O direito ao trespasse e arrendamento das instalações pertencentes ao senhorio — ÁLVARO JOSÉ DOS SANTOS, residente no Carregal — Souto — 2230 Sardoal, pelo valor de 1 600 000$00 (um milhão e seiscentos mil escudos). Os bens penhorados atrás descritos encontram-se em poder do fiel depositário, sr. AMERICO LOURENÇO CASTELO, casado, gerente comercial da Agência de Leilões — Unidos, Ld.ª, com sede na Rua Engenheiro Vieira da Silva, n.º 2 — 2.º, Sala 2 — 1000 Lisboa, a quem incumbe mostrar os referidos bens a quem pretenda examiná-los, nos termos do disposto no art.º 891.º do C.P. Civil

Passou-se o presente e outro de igual teor a fim de serem legalmente publicados.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1989

O Juiz de Direito
Paulo Gaspar de Almeida,
A escrivã-Adjunta
Maria de Fátima Coelho F. Peixoto

«DL» 21/12/89 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

Proc. 44/89
1.ª Secção — 1.º Juízo

ANÚNCIO

Por sentença de 20 de Novembro 3 e 1989, proferida nos autos de processo Comum c/ Tribunal Singular que o Ministério Público move contra o arguido ANTÓNIO DA SILVA AVELINO, solteiro, gerente comercial, nascido a 8/5/1954, natural de Gralheira — Cinfães, portador do B.I. 6336345 de 9/6/87 do Arquivo de Lisboa, residente na Av.ª 25 de Abril, n.º 11-A, em Linda-a-Velha, foi julgada procedente a acusação contra aquele arguido pela prática de um crime de detenção e exposição para venda de génercs alimentícios anormais, por negligência, p.p. pelo art.º 24.º n.ºs 1 e 2, alínea c) do Dec.-Lei 28/84 de 20/1, com referência ao art.º 82.º al. c) do mesmo diploma, tendo sido condenado na pena de 60 dias de prisão, substituidos por multa à razão diária de 400$00, ou, em alternativa 40 dias de prisão e, em complemento, 30 dias de multa à mesma taxa de 400$00 dia com 20 dias de prisão alternativa e bem assim nas custas do processo.

Oeiras, 14 de Dezembro de 1989.

O JUIZ DE DIREITO,
(assinatura ilegível)

A ESC. ADJUNTA,
(assinatura ilegível)

QUOTIDIANO

Não há azevinho que resista

Incêndios e cortes sistemáticos põem em risco a sua sobrevivência. O Natal agrava a situação e o SOS já foi lançado

O azevinho, espécie declaradamente em franca regressão, é o protagonista da mais recente campanha nacional que a Quercus (Associação Nacional de Conservação da Natureza) tem vindo a desenvolver, enquadrada na época festiva que se vive.

«Este Natal não compre azevinho» foi a designação escolhida para a iniciativa desta organização de defesa da natureza, num momento em que o tradicional aproveitamento daquela planta, sobretudo para fins decorativos, põe em acelerado risco a sua sobrevivência.

De acordo com Luis Egídio, do núcleo distrital da Quercus de Setúbal, a «delapidação do património» do azevinho tem vindo a agravar-se de ano para ano, situação para a qual concorre a «intensa extracção que se faz do arbusto», principalmente por «certas empresas que vêem nesta actividade uma fonte de importantes rendimentos».

Exemplo do momento de regressão que o desenvolvimento do azevinho atravessa no nosso país, e especialmente sentido nesta época, é o desaparecimento de «grandes áreas de mata ou de carvalhais onde outrora era abundante», nomeadamente nas serras de Sintra, Monchique e Arrábida.

Hoje, praticamente confinada à serra do Gerês, a cultura do azevinho é «muito diminuta», pelo menos, e de acordo com Luis Egídio, quando comparada com a que existia há alguns anos atrás.

Ilex aquifolium, de seu «nome próprio», o azevinho - ou as suas mais de trezentas espécies conhecidas - é uma planta que só sobrevive em condições específicas, sendo particularmente adversa a zonas muito quentes e secas. Esta será, talvez, uma das principais razões por que, em geral, a existência de azevinho é característica dos carvalhais, uma vez que a *Ilex*, para viver, necessita da sombra dos carvalhos naturais.

Mas é esta mesma vicissitude que também concorre para uma outra situação que põe em risco a sobrevivência, pelo menos a médio prazo, do azevinho. A agravar à devastação que as suas culturas sofrem por ocasião do Natal, os incêndios, sobretudo na época do Verão, também contribuem para a lenta e dolorosa extinção da *Ilex*.

O Natal e os seus imperativos «decors» contribuem, em grande escala, para a extinção que vitima as culturas de azevinho

De acordo com a Quercus, o incêndio que, em Setembro último, afectou grande parte do Parque Nacional da Peneda-Gerês, é um bom exemplo dos prejuízos que o fogo também pode trazer às culturas de azevinho, quando, ao arder um vasto carvalhal, se perderam, «consequentemente», muitas áreas onde ainda se encontrava aquele arbusto.

Caracteristicamente natalícia, pelo menos ao nível da sua utilização imediata, a *Ilex aquifolium* é também matéria prima usada na indústria farmacêutica e na cosmética, entre outras, sectores que igualmente contribuem, com a actividade de numerosas empresas, para a extinção do azevinho.

Há cerca de dois anos... por publicar... depois de concluída, encontra-se uma Lei regulamentadora da actividade de extracção do azevinho e de incentivo à sua plantação com vista à preservação da espécie.

De acordo com a Quercus, este é mais um dos inúmeros exemplos que se podem tomar daquilo que «está para ser feito e não se faz» no domínio da regulamentação de situações que podem pôr em risco certo tipo de culturas.

Novo pela campanha em que a Quercus agora se empenha a nível nacional - após uma outra, mais pequena, que levou a efeito no ano passado - o alerta lançado em torno do problema da extinção do azevinho tráz a lume outros factos que, por vezes ingloriamente, abarcam enormes esforços de divulgação e intervenção no domínio da defesa do património natural.

Porque pertence à nossa flora e é necessário à protecção e alimento da avifauna, a Quercus, advertindo para a desertificação das suas culturas, deixa no ar o apelo para que «este ano não compre azevinho!».

B R E V E S

Portugal conquista prémio de filatelia

O grande prémio de arte filatélica europeia, um galardão da Chambre Syndicale des Negociants en Philatelie, de França, foi atribuído, este ano, a Portugal. O prémio, um vaso de Sevres, foi entregue à filatelia portuguesa quando da realização do 43º Salão Filatélico de Outono, que decorreu em Paris. Trata-se de um prémio prestigiado e com um historial próprio que, acima de tudo, não se destina a contemplar apenas um selo específico, mas toda a actividade filatélica. Portugal junta-se agora à Alemanha, Grécia, URSS e Belgica, que em anos anteriores conquistaram este galardão.

Mais pensionistas em 1990

No próximo ano, o número de pensionistas deve aumentar para 2,200 milhões de pessoas, o que representa um aumento de 3,4 por cento relativamento a 1989. Segundo um documento do Ministério do Emprego e Segurança Social, o crescimento das despesas totais com pensões, entre 1985 e este ano, foi de 120 por cento esperando-se que para 1990 o aumento ronde os 160 por cento.

Ainda de acordo com este documento, e relativamente às contas de poupança-reformados, existem actualmente 187 mil pensionistas beneficiários contra os cerca de 12 mil de 1986. No que diz respeito aos salários em atraso, este estudo refere que, enquanto no segundo trimestre de 1986 o fenómeno abrangia mais de 300 empresas, no mesmo período deste ano não ultrapassava as 130.

Salários reais decrescem

O crescimento dos salários médios reais em Portugal é negativo, afirmou o dirigente da CGTP, Manuel Carvalho da Silva, acentuando que cava-se assim ainda mais a distância que nos separa dos parceiros comunitários.

O líder sindical baseava-se nos dados do relatório da Comissão das Comunidades Europeias, que prevê para Portugal, em 1989, «um crescimento dos salários médios reais de menos 0,8 por cento».

Segundo Carvalho Silva, «na Comunidade, em 1988, houve um crescimento de dois por cento, enquanto entre nós se verificou um aumento de 0,9 mas, relativamente ao ano de 1989, a diferença prevista situa-se nos 2,1 por cento».

HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE
☆☆☆☆
Tel. (058) 82 86 05
(novo telefone)

SITESE — SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO, COMÉRCIO, SERVIÇOS E NOVAS TECNOLOGIAS

AVISO

A Mesa da Assembleia Eleitoral avisa todos os associados do SITESE de que no próximo dia 27 do corrente (quarta-feira), pelas 9.30 horas, tem início, no 7.º andar da Sede do Sindicato, Av. Marquês de Tomar, n.º 91, em Lisboa, uma sessão de escrutínio dos votos por envelope e por correspondência relativos às Eleições para os Corpos Gerentes e Delegados ao Congresso, realizadas no passado dia 12.

Lisboa, 20 de Dezembro de 1989.

O Presidente da MAE
Renato André dos Santos Ferro

Livraria Portugal

RUA DO CARMO, 70
Telef. 3474982 — 3474985
1200 LISBOA

A GERÊNCIA deseja aos seus Exm.os Clientes e Amigos um NATAL FELIZ e um NOVO ANO cheio de prosperidades.

SONAE INVESTIMENTOS
SOCIEDADE GESTORA DE PARTICIPAÇÕES SOCIAIS, SA
Sede: Lugar do Espido, 4470 — MAIA
Capital Social: 20 000 000 contos
Matriculada na Conserv. do Reg. Com. do Porto sob o n.º 14 168
Pessoa Colectiva n.º 500 273 170
EMISSÃO DE 5 000 000 ACÇÕES
AUMENTO DE CAPITAL PARA 25 000 000 000$00
RESERVADO A ACCIONISTAS
(subscrição indirecta)

Emissão autorizada pelo Despacho n.º 63/89, de 20 de Dezembro, do Sr. Auditor Geral do Mercado de Títulos

1 — Nos termos e para os efeitos dos artigos 459º e 461º do Código das Sociedades Comerciais, são avisados os Srs. Accionistas da SONAE INVESTIMENTOS — Sociedade Gestora de Participações Sociais, SA, de que segundo as deliberações da Direcção de 28 de Setembro de 1989 e de 20 de Dezembro de 1989, de acordo com os poderes que decorrem do contrato social aprovado em 28 de Março de 1989, se vai proceder a um aumento do capital social de 20 000 000 000$00 para 25 000 000 000$00, mediante a emissão de 5 milhões de acções de valor nominal de 1 000$00 cada, ao preço unitário de emissão de 3 000$00.

A presente emissão será por subscrição indirecta a efectuar em 29 de Dezembro de 1989, ao abrigo do Artigo 461º do Código das Sociedades Comerciais, sendo as acções oferecidas aos accionistas pelo Banco Português do Atlântico, Banco Português de Investimento, Banco Nacional Ultramarino, Banco Totta & Açores e EFISA — Engenharia Financeira, nas seguintes condições:

1.1 — 5 000 000 de acções reservadas aos actuais accionistas, ao preço de 3 000$00, na proporção de uma acção por cada quatro detidas à data de subscrição, com arredondamento por defeito, sempre que necessário.

1.2 — O pagamento do preço das acções pelos accionistas será efectuado no acto de aquisição.

1.3 — A representação das acções: em títulos de 1, 5, 10, 50, 100, 1000, 10 000 e 100 000 acções.

1.4 — Período de oferta: em data a acordar com a Direcção-Geral do Tesouro.

1.5 — Aquisição poderá ser feita aos balcões do Banco Português do Atlântico, do Banco Português de Investimentos, do Banco Nacional Ultramarino, do Banco Totta & Açores e EFISA — Engenharia Financeira.

2 — As novas acções não terão direito aos dividendos que vierem a ser distribuídos relativamente ao exercício de 1989. Nos anos seguintes, os dividendos a atribuir às novas acções serão calculados em moldes idênticos aos das acções já existentes.

3 — O capital social da SONAE INVESTIMENTOS — Sociedade Gestora de Participações Sociais, SA, está representado por 20 000 000 de acções com o valor nominal de 1 000$00; após a presente emissão estará representado por 25 000 000 de acções com o valor nominal de 1 000$00.

4 — Os elementos referentes à empresa, designadamente os Estatutos, Relatórios de Contas dos Exercícios de 1986, 1987 e 1988 e o prospecto informativo, podem ser consultados na sede do Banco Português do Atlântico, do Banco Português de Investimentos, Banco Nacional Ultramarino, Banco Totta & Açores e EFISA — Engenharia Financeira, bem como na Secretaria das Bolsas de Valores do Porto e de Lisboa e na sede da empresa, no Lugar de Espido, Maia.

5 — A presente emissão é organizada e liderada por:

Banco Português do Atlântico
Banco Português de Investimento
Banco Nacional Ultramarino
EFISA — Engenharia Financeira

Porto, 21 de Dezembro de 1989

SONAE INVESTIMENTOS
A Direcção

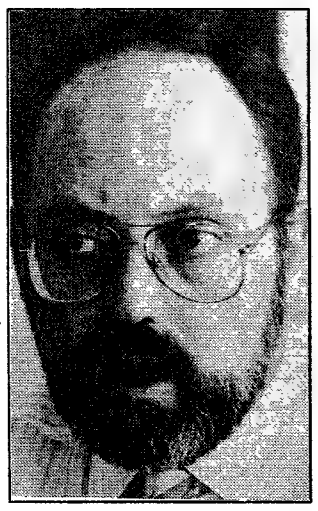
O mapa eleitoral da área metropolitana da capital registou domingo passado algumas mudanças significativas. O PS acentuou a sua influência nos concelhos do Oeste e o PSD nos da Linha do Estoril. Os comunistas, por seu turno, recuperaram o Montijo, mas perderam maiorias absolutas noutras cidades da «cintura alfacinha». O DL apresenta, nestas páginas, o perfil de 15 líderes autárquicos da região. «Velhos» edis, como Eufrázio Filipe ou Ezequiel Lino, e caras novas, como João Justino ou José Caria.

DL apresenta os novos presidentes da área metropolitana de Lisboa

Amadora: Orlando de Almeida (CDU)

Quando a velha Porcalhota se converteu em Amadora e o socialista Andrade Neves, crónico candidato derrotado, propôs a elevação a cidade, este engenheiro agrónomo, hoje com 46 anos, não era mais do que um ilustre desconhecido. No entanto, tomou nos braços em 1979 a liderança do novo concelho, sobrevivendo desde então a todas as «armadilhas» políticas lançadas pelos opositores, em grande parte graças à sua capacidade pessoal de romper fronteiras partidárias.

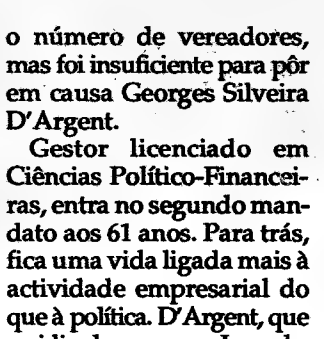
Com efeito, numa cidade que «distribui» o voto nacional por diversas forças, Orlando de Almeida tem batido os sucessivos adversários autárquicos. Porém, se há quatro anos, fez mesmo o «impossível» - respondeu à aliança PS/PSD com a conquista da maioria absoluta - desta feita não foi tão longe. Não foi o único autarca, entre as suas hostes, a perder terreno em relação às oposições, mas sabe-se quão importantes são os concelhos da área urbana de Lisboa.



Cascais: Georges D'Argent (PSD)

O PSD «segurou» Cascais, uma autarquia que tem a sua marca desde 1976, primeiro em aliança com os socialistas, depois com os centristas e desde 1982 autonomamente. A subida registada pelo PS triplicou o número de vereadores, mas foi insuficiente para pôr em causa Georges Silveira D'Argent.

Gestor licenciado em Ciências Político-Financeiras, entra no segundo mandato aos 61 anos. Para trás, fica uma vida ligada mais à actividade empresarial do que à política. D'Argent, que residiu dez anos em Luanda, desempenhou funções de administração e consultadoria em Portugal, na Bélgica e no Canadá, estando, porém, ligado a Cascais desde 1982, ano em que foi eleito vereador na lista social-democrata. Responsável pelo pelouro financeiro, tornou-se, por outro lado, membro do Comité Internacional das Cidades Unidas, em cujo Congresso participou em 1984. Um ano depois, aceitou o complexo desafio de suceder a Helena Roseta, então uma figura de proa do PSD. Ganhou a aposta. Acaba de a renovar.

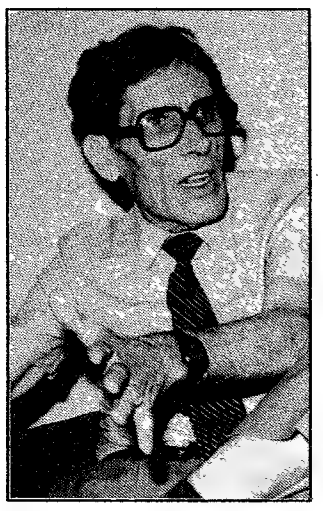


Loures: Severiano Falcão (CDU)

Severiano Falcão, desde 1979 ao leme da terceira mais importante autarquia do País, voltou a impôr-se. Há quatro anos, enfrentou a aliança PS/PSD e ganhou em toda a linha: captando franjas de eleitorado dos adversários, chamou a si a maioria absoluta.

O regresso à situação anterior a 85 talvez lhe crie alguns dissabores, se a oposição conseguir artilhar uma estratégia conjunta. Apesar disso, ficou provado que não «pegou» em Loures a lógica bipolarizadora de Pacheco Pereira - mais vezes que nozes. Que não «pegou» a labéu de estalinista atirado sobre Severiano. E que foi também nulo o efeito político de um oportunista inquérito parlamentar que o tinha como alvo. Sucessão, só quando passar os 70...

Técnico orçamentista de profissão, o homem que se prepara para mais um mandato é tido como um dos «duros» do Comité Central do PCP, seu partido desde 1942. Velho combatente anti-fascista, passou 14 anos da sua vida na prisão. Foi deputado de 1976 e 79.



Mafra: Ministro dos Santos (PSD)

José Maria Ministro dos Santos vai cumprir o seu segundo mandato à cabeça do município de Mafra. Pode orgulhar-se de ser um dos poucos presidentes de Câmara social-democratas que, no território «à sua guarda», aumentou a votação e remeteu os adversários para posição minoritária.

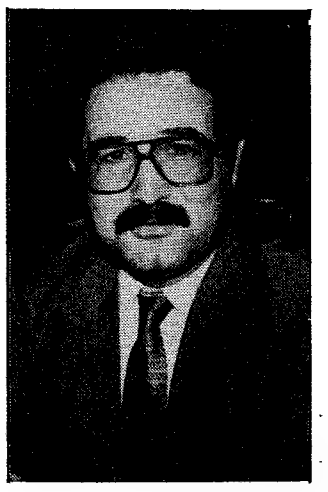
Nascido em Mafra há 40 anos, este engenheiro civil sucedeu em 1985 a Joaquim Vale Morais, cometendo a proeza de manter na posse do partido uma Câmara segura desde 1979 à custa de compromissos com a CDS no quadro da Aliança Democrática.

Para o PS, fica o prémio da consolação: é a única oposição ao PSD, desaparecidos da vereação os vereadores centrista e comunista. Os socialistas, que registaram um elevado número de vitórias no plano nacional, adiam assim a tentativa de recuperar a edilidade, que dominaram entre 1976 e 79.

Oeiras: Isaltino de Morais (PSD)

Isaltino de Morais, um advogado de 39 anos natural de Mirandela, entra em segundo mandato à cabeça da autarquia oeirense. Desta vez disporá de maioria absoluta, apesar de o PSD (há quatro anos coligado com o CDS) ter baixado a votação, em termos absolutos e percentuais. O «culpado» deste cenário foi o PRD, que desapareceu da vereação, nem sequer beneficiando um PS que quase dobrou a sua parada.

A «renovação do contrato» de Isaltino esteve em dúvida até alguns meses antes do sufrágio. Envolvido em polémica pública com dirigentes locais do PSD, teve de lutar contra a obstinação com que davam como certa



a candidatura de Santana Lopes, supostamente em oposição à Distrital de Lisboa. «Desempregado» de Bruxelas, o antigo «delfim» de Sá Carneiro foi obrigado a desmentir qualquer convite, recaindo o ónus do teste eleitoral sobre presidente recandidato. Vencendo, Isaltino de Morais reforçou também a sua posição no interior do partido.

Sintra: João Justino (PSD/ CDS)

A coligação entre social-democratas e centristas furou as previsões eleitorais em Sintra. Quando o comunista Lino Paulo se preparava para, finalmente, saborear o prazer do poder municipal, depois de ter perdido em 1985 por escassos 700 votos, eis que a direita sai reforçada, apesar de o PS ser o partido que registou mais acentuado crescimento.

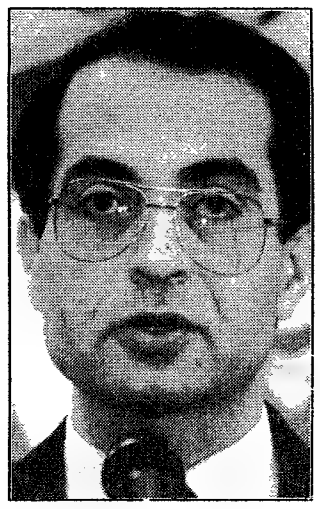
O autor da proeza é o comendador João Justino, um independente indicado pelo PSD que o CDS aceitou sem grandes reservas, contrapondo o nome de João Lencastre, antigo administrador da TAP, para a Assembleia Municipal. O novo líder autárquico, que tomou o lugar de Tavares de Carvalho, também eleito com base em entendimento semelhante, é empresário e gestor. Nasceu em São João das Lampas, Sintra, há 58 anos. Membro do Conselho Consultivo da Universidade Nova de Lisboa, Justino desempenhou por duas vezes o cargo de vereador da edilidade, ainda antes do 25 de Abril.

Torres Vedras: José Augusto Carvalho (PS)

À terceira foi de vez: José Augusto Clemente de Carvalho fixou-se, aos 40 anos, como presidente da Câmara de Torres Vedras apoiado por maioria absoluta. O socialista que está desde 1982 na liderança da edilidade desempenhou os cargos de presidente da Junta de Freguesia de Maxial, entre 1977 e 79, e de vereador, no mandato seguinte.

Professor do ensino secundário - licenciado em Ciências Humanas e Sociais - é membro do Conselho Geral da Associação Nacional de Municípios e do Conselho Nacional do Plano e presidente do Conselho Regional de Lisboa e Vale do Tejo. Localmente, preside à Assembleia Geral da Casa do Povo de Maxial, à Adega Cooperativa da Carvoeira e ao União Torreense.

A subida eleitoral do PS no concelho, da ordem dos sete por cento, corresponde ao decréscimo da CDU, que perdeu um vereador. Registe-se que o PSD, por si, também cresceu.



Vila Franca de Xira: Daniel Branco (CDU)

Daniel Branco é um dos «intocáveis» do PCP no plano autárquico. Homem que antes do 25 de Abril esteve ligado ao associativismo estudantil e às movimentações da oposição no seio do MDP/ CDE, este engenheiro técnico de 44 anos foi vereador da Câmara de Vila Franca de Xira após o primeiro sufrágio local e, em 1979, rendeu na presidência o seu companheiro de partido Veríssimo Silva.

O edil, actual vice-presidente da Associação Nacional de Municípios, de que é fundador, é membro da delegação portuguesa à Conferência Permanente dos Poderes Locais e Regionais do Conselho da Europa e suplente do Comité Central do PCP. Foi dos que passou incólume o grande teste de 1985, a frente «anti-comunista» formada pelo PS e o PSD. Domingo passado, porém, Vila Franca não escapou à tendência geral:

separada, a oposição retirou-lhe a maioria absoluta, como aconteceu aos seus colegas da Amadora, Loures e Almada. Eleger dois vereadores foi um êxito para o PSD.

Almada: Maria Emília de Sousa (CDU)

Maria Emília de Sousa, a militante comunista que há dois anos substituiu José Martins Vieira na liderança da autarquia almadense cumpriu um «meio-mandato» controverso. Presidente da Junta de Freguesia de Almada desde 1976 até 1985, ano em que foi eleita vereadora, esta empregada bancária de 44 anos percorreu um tortuoso caminho até alcançar a eleição, no passado domingo.

Algo marcada pelo facto de ter sucedido a uma personalidade carismática - que há quatro anos resistiu à aliança conjuntural entre o PS e o PSD - Maria Emília viu-se contestada por uma parcela da sua própria base de apoio. Foi em Almada que germinou um dos primeiros focos de oposição à direcção do PCP, cujos efeitos recairam sobre a gestão camarária.

Acusada de corrupção pelo grupo «crítico» - que apoiou em peso a candidatura socialista - a sua desforra ficou-se, ainda assim, por uma margem de seis por cento. Perdida a maioria absoluta, quem pode cantar vitória - também - é Leonor Coutinho, que duplicou a vereação socialista.

Barreiro: Pedro Canário (CDU)

O Barreiro atravessou neste sufrágio autárquico um processo de «evolução na continuidade». Com a «impunidade» que a larga base de apoio de que dispõe permite, a coligação hegemonizada pelo PCP «transferiu» o líder autárquico, Hélder Madeira, para a Assembleia Municipal e sufragou um novo nome. A perda de um vereador é, na cidade operária, um «pequeno drama» - se há «crise comunista» ela ainda aqui não chegou.

O novo presidente, chama-se Pedro Canário. É um jovem quadro comunista de 38 anos, director comercial de profissão. Está ligado à edilidade desde 1982, como membro da Assembleia Municipal.

Montijo: José Rocha Caria (CDU)

Dois ou três meses antes das eleições, quando o PS escolheu José Bastos para encabeçar a sua candidatura no Montijo, em detrimento do presidente em funções, eleito em coligação com o PSD, quase se poderia falar de «vitória antecipada» do candidato da CDU, José Caria. Mais tarde, quando Primo Jaleco avançou em nome do MDP, instalou-se a confusão na política local e já ninguém se atrevia a arriscar um vaticínio.

José Rocha Caria tinha a responsabilidade de recuperar para o «território comunista» a autarquia perdida no último sufrágio por 400 votos para um entendimento entre socialistas e comunistas que, aparentemente, nunca funcionou. A sua vitória ganha outro significado em função da incapacidade revelada pela coligação de recuperar Setúbal. Em parte, terá capitalizado as críticas do novo candidato socialista ao anterior, que tocaram as raias do exagero e estiveram também na base do segundo lugar do PSD.

O novo presidente, membro do PCP, tem 37 anos. É comerciante e já foi vereador da Câmara entre 1976 e 79.

Palmela: Carlos Pézinho (CDU)

Em maré de renovação de quadros, também em Palmela a CDU optou por substituir o titular autárquico. Ferreira da Costa foi, assim, substituido por Carlos Pézinho, um industrial comunista de 48 anos.

Pézinho começou como membro da Assembleia Municipal local em 1976. Três anos depois, passou a ocupar a presidência deste orgão e desempenhava, desde 1982, funções de vereador. A manutenção de Palmela nas mãos da CDU não é, naturalmente, inesperada, em atenção ao facto de as forças da oposição estarem dispersas. À cautela, no entanto, esta força política selou, neste como noutros concelhos do distrito de Setúbal, um acordo político com a UDP.

Aliás, está ainda por apurar a «vantagem» desta estratégia unitária, que na península abrangeu também o PRD, em alguns casos. É que o recuo eleitoral da coligação de comunistas e «verdes» - evidente - não abalou senão a maioria absoluta detida em Almada.

Seixal: Eufrázio Filipe (CDU)

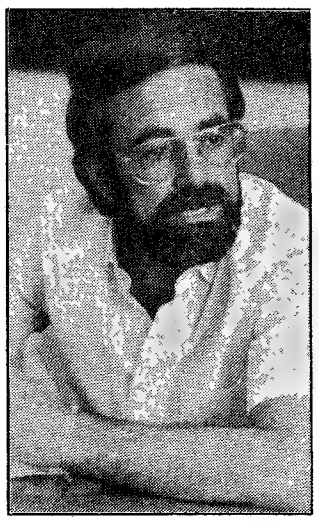
Quando integrou a Comissão Administrativa do Seixal, em 1974, era um jovem quadro do PCP. Aos 28 anos, foi eleito presidente da Câmara. Aos 41 entra no quinto mandato consecutivo. Eis Eufrázio Filipe Garcêz.

Gestor de recursos humanos, poeta, desenvolveu no concelho uma profíqua actividade no campo da cultura e desporto - com destaque para as «Seixalíadas» - que lhe granjeou um prestígio que ultrapassa as fronteiras partidárias. Há quatro anos, também ele respondeu à aliança PS/PSD com o aumento da sua influência eleitoral. Domingo passado, também ele cedeu uma parcela do seu poder «absoluto» à oposição. Aparentemente, portanto, o presidente da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal nada «lucrou» com o negócio estabelecido com o PRD, que no último sufrágio «valera» 3 500 votos.

Sesimbra: Ezequiel Lino (CDU)

Outro caso de longevidade autárquica, é o de Ezequiel Lino, o comunista que venceu uma vez mais as eleições em Sesimbra. O seu percurso político, aliás, está intimamente associado à edilidade. Com efeito, tornou-se presidente da Câmara pouco depois de se desligar da direcção do Sindicato dos Bancários, da qual fez parte entre 1972 e 75. Porém, já conhecia bem a autarquia, uma vez que integrou a Comissão Administrativa constituida após o 25 de Abril.

A história da sobrevivência política deste bancário de 48 anos nem sequer é muito diferente da de outros quadros políticos que o PCP instalou à cabeça das autarquias desde o primeiro sufrágio. Também ele derrotou os sucessivos adversários, mesmo quando envolvidos em candidaturas comuns. Também ele consolidou uma influência que, aparentemente, só perderá por sua própria iniciativa.



Setúbal: Mata Cáceres (PS)

Mata Cáceres, o reeleito presidente da Câmara de Setúbal imprimiu desde o início uma dinâmica de vitória à sua campanha. As divergências de fundo entre os social-democratas da Concelhia e da Distrital contribuiram em parte para a vitória deste professor primário de 49 anos. Uma certa imagem da candidata da coligação PCP/PRD/PEV e a adopção pelo candidato de uma estratégia de voto útil «anti-comunista» terão feito o resto.

Os opositores consideram-no inconveniente nas conversas em público. Os apoiantes acham-lhe graça e garantem que é «embaraçante» para qualquer adversário. O partido e a habilidade política têm-lhe servido de trampolim. Activo militante do Montijo, cuja secção coordenou, foi Governador Civil de Setúbal no tempo do Bloco Central.

Nas autárquicas de 1985, a coligação PS/PSD deu-lhe a presidência do município sadino. Agora, durante a campanha, acentuou o seu bom relacionamento com os empresários e com o poder central. Uma estratégia que lhe valeu quase 50 por cento dos sufrágios. A Cáceres o que é de Cáceres: uma importante vitória para o PS.

Paulo Martins

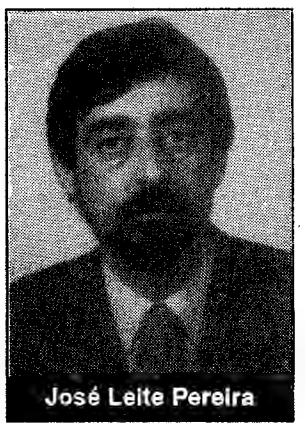
COMENTÁRIO

COLETES DE FORÇAS

Os resultados eleitorais em Lisboa e nas câmaras que rodeiam a capital traduziram-se numa pulverização de votos por três forças políticas (socialistas, sociais democratas e comunistas) de tal forma que mal se percebe como os autarcas vão conseguir consensos nas vereações para que foram eleitos e nas relações com os seus vizinhos, a maioria das vezes pertencendo a partidos diferentes. É por isso que os socialistas, passado o impacte do primeiro contacto com o sucesso eleitoral, têm de começar a pensar na resolução dos grandes problemas da capital, dos que só a Lisboa dizem respeito mas também (e serão os maiores) daqueles cuja solução tem de ser encontrada por consenso com os concelhos limítrofes.

Em Lisboa, Jorge Sampaio preside a uma vereação que conta com quatro socialistas, quatro comunistas e um elemento do MDP e é nesta dispersão de partidos que assenta a sua maioria. Precária, certamente, como durante a campanha não se esqueceu de frisar Marcelo Rebelo de Sousa, desatento a esta pequena maldade do eleitorado : ao eleger oito vereadores a coligação a que pertencia o partido do Governo viu o PSD ficar com três elementos, o CDS com quatro e o PPM com um, Luís Coimbra, por sinal adepto da linha de Ribeiro Teles. Como é que Sampaio vai gerir esta diversidade? Certamente com um programa já aprovado, com um plano e um orçamento sensatamente elaborados antes da vitória. Mas todos sabemos que a política partidária é demasiado dinâmica para poder encolher-se entre os parâmetros de um acordo.

Mais grave parece ser a questão se encarada na perspectiva da Grande Lisboa. O PS venceu apenas em concelhos rurais (Alenquer, Arruda, Azambuja e Lourinhã) com os quais Lisboa não tem qualquer conflito, pela simples razão de que não tem com esses concelhos qualquer relação . Mas nos outros concelhos, o PS não risca: Almada, Amadora, Loures e Vila Franca são do PCP, Oeiras, Cascais e Sintra do PSD. Será este um forte motivo para pensarmos que vão persistir os problemas dos transportes, do trânsito, do urbanismo e do lixo, questões que se sabe só terem resolução se encaradas numa perspectiva de área metropolitana? A resposta não estará tanto nas boas vontade e capacidade de Sampaio, mas sobretudo na dos partidos.É que, para o bem e para o mal, o papel que o novo presidente da Câmara desempenhar na capital será a pedra de toque para futuras e bem próximas eleições e está claro que, do mesmo modo que as eleições em Lisboa foram politizadas a um nível pouco vulgar, a gestão da câmara vai também passar mais pelo jogo partidário do que pelo alinhar de soluções para um município demasiado castigado por anos de incompetência. E se, de um ponto de vista político, será interessante ver como Sampaio escapará a estes coletes de forças, a verdade é que Lisboa merecia, porque carece, escapar a esse jogo.



José Leite Pereira

Políticos analisam resultados eleitorais

A derrota do PSD, do Governo e mesmo de alguns ministros e a recuperação dos socialistas à custa de transferências de votos do PCP e do PSD- estas algumas das conclusões sobre os resultados eleitorais que o DL recolheu junto de Ferreira do Amaral, Narana Coissoró, Jerónimo de Sousa e Hermínio Martinho. Nesta segunda série de opiniões obtidas junto de dirigentes políticos sobre a votação de domingo passado (na primeira, recorde-se, ouvimos Vitor Constâncio, António Arnaut, Salgado Zenha, Nuno Brederode dos Santos, Carlos Encarnação, António Paulouro e Pedro Santana Lopes) ressalta também a observação feita por Ferreira do Amaral de que Jorge Sampaio é um sério candidato a primeiro-ministro.

Ferreira do Amaral (PPM)
«Jorge Sampaio candidato a primeiro-ministro»

«Considero que as primeiras ilações a tirar dos resultados das recentes eleições se podem resumir em três factos fundamentais: verificou-se um progresso importante do Partido Socialista, um quase desaparecimento do PRD e uma grande enfraquecimento do PCP. Além disso, registou-se uma forte penalização do Governo.

«Penso que as razões que terão contribuído para esta situação residem, por um lado, na impopularidade de alguns membros do Governo, e por outro, a abertura nos países de Leste, isto no que diz respeito ao PCP.

«Quanto ao futuro, a hegemonia da esquerda, e um dos grandes objectivos do PS, o apagamento do PCP, poderão ser uma realidade. Jorge Sampaio, é um sério candidato a primeiro-ministro em 1991.

«Relativamente aos termos do acordo celebrado entre o PPM e o PSD no âmbito das autárquicas o qual prevê a inclusão de candidatos monárquicos nas listas para as eleições de 1991, não há nada a alterar. Os resultados demonstram a manutenção do acordo e não há nenhuma indicação em contrário».

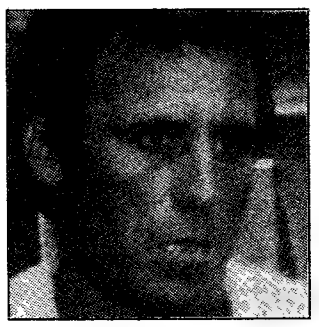
Hermínio Martinho (PRD)
«Reconheço que perdi»

«Reconhecemos que fomos um partido perdedor. Eu próprio reconheço que perdi. Dentro da nossa maneira de estar na política, não deixaremos de reflectir sobre esta questão.

«O essencial para nós era a condenação da política seguida pelo Governo e pelo PSD, perspectivando uma alternativa. O que aconteceu, mais do que isso, foi uma transferência de votos no interior da esquerda, do PCP para o PS. Muito superior à queda do PSD.

«Gostaria de ver o PS mais preocupado em encontrar mecanismos de construção de uma alternativa do que embandeirar em arco com resultados que são transferências de voto no seio da esquerda. O que nos preocupa é a construção de uma alternativa, não de alternância no poder numa perspectiva bipolarizadora, que sempre rejeitámos.

«Como pode o PS defender agora a Regionalização, quando estabeleceu há alguns meses, na Revisão Constitucional, a manutenção do «status quo»?



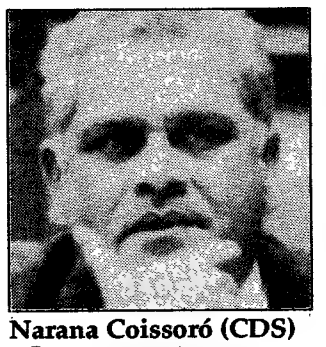
Jerónimo de Sousa (PCP)
«Reforço democrático em termos globais»

«Uma nota importantíssima é a clara derrota do PSD e do seu Governo, que teve um carácter interventivo nestas eleições. Por outro lado, creio que há um reforço das forças democráticas em termos globais.

«A própria subida do PS tem um significado democrático. O partido fez em eleições anteriores coligações com a direita e perdeu. Desta vez, assumiu-se como oposição e ganhou. Beneficiou aliás do voto útil.

«Quanto à CDU, os resultados são globalmente positivos, mas em alguns casos contraditórios. A perda de algumas maiorias absolutas, numa leitura aritmética, pode causar preocupações. Porém, vale a pena lembrar a grande campanha anti-comunista feita, por exemplo, contra Loures, que envolveu mesmo um inquérito parlamentar. Aí, foi uma derrota pessoal de Pacheco Pereira e de Cavaco Silva, já que é um dos seus ideólogos.

«Um outro aspecto que é importante realçar: a coligação «Por Lisboa», vitoriosa, demonstrou que é possível - com o respeito das diferenças, que não acabaram - uma convergência democrática. Não venceu a tese da bipolarização. O PS, sózinho, pode não chegar a lado nenhum.»



Narana Coissoró (CDS)
«Cavaco apostou na sua pessoa»

«Em primeiro lugar, este resultado significa a derrota do primeiro-ministro e do partido que o apoia, porque o Professor Cavaco Silva quis influir pessoalmente nos resultados, apostando na sua pessoa e na política do seu Governo, para influenciar o voto e o eleitorado

«Desde o seu discurso de Faro, no Verão, em que inventou o acordo secreto entre o PS e o PCP e desde as suas deambulações constantes nos comícios de Loures, Sintra, Coimbra, Porto, Viseu e Lisboa, demonstrou o empenho que o Governo pôs nos resultados das autárquicas.

«Em segundo lugar, alguns ministros e secretários de Estado estiveram envolvidos na própria escolha dos candidatos, como Eurico de Melo, Silva Peneda e Oliveira e Costa.

Em terceiro lugar, o Governo desdobrou-se em medidas eleitoralistas e demagógicas antes das eleições como as re-inaugurações de coisas já inauguradas e cartas aos pensionistas da Segurança Social. O Executivo contou ainda com a ajuda do «seu» Telejornal que lhe forneceu uma «passerelle» diária para o anúncio das iniciativas.

«Tudo isto apenas serviu para o eleitorado reforçar o seu voto nas oposições, evidenciando a sua grande desilusão perante a actuação deste Governo.

«O primeiro-ministro e o seu partido já não dispõem de maioria no país, pois estão reduzidos actualmente a 32 por cento.

«A direita pela mão de Cavaco Silva perdeu os seus bastiões tradicionais de poder em Lisboa e Porto, perdendo também a favor da esquerda as principais capitais do Litoral.

«Por outro lado, o PSD já não tem qualquer representação em Setúbal e Évora, dispondo só de um mandato em Beja, o que mostra que deixou de ser um partido nacional para ser um partido regional.

«A estratégia de aniquilar o CDS, que tinha sido delineada desde o princípio do ano, seja através do aliciamento dos presidentes de Câmara democrata-cristãos, seja pela pressão política de lhes prometer benesses caso se candidatassem pelo PSD e os inquéritos ordenados pelo Governo no último semestre, não surtiram qualquer efeito. Com excepção de Leiria e Vinhais.

«Os transfugas perderam o mandato em Bragança, a favor da esquerda e, em Ponte de Lima, o CDS reforçou a sua posição com maioria absoluta. Em algumas câmaras como Viseu, Celorico de Basto e Lamego, o CDS perdeu com uma diferença de menos de 300 votos e em algumas outras directamente atacadas pelo PSD este quedou-se pela maioria relativa.O CDS retirou nove câmaras ao PSD tendo perdido a favor deste cinco.

«Nas regiões autónomas, em coligação com o PS, subtraiu três Câmaras ao PSD, passando as oposições, tal como no Continente, a deter a maioria absoluta.

O CDS afirma-se nestas eleições como um dos quatro grandes partidos estruturantes do regime democrático português, com raízes fundas no eleitorado e com um projecto definido, próprio da democracia-cristã.

«Prova-se assim que sem o apoio dos centristas, o PSD não se mostra capaz de aguentar em toda a sua extensão de 1985, as Câmaras então conquistadas em coligação formal e informal connosco.

«Estas eleições põem um desafio à direita portuguesa que não se refugiou nas abstenção para reconquistar os centros dinâmicos do Litoral e Norte do País, primeiro em 1991 e depois nas próximas autárquicas, o que só poderá ser feito com o reforço do projecto democrata-cristão, consubstanciado pelo CDS em Portugal, tal como acontece noutros países da Comunidade Europeia».

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

AVISO À POPULAÇÃO

REMOÇÃO DE LIXO NO NATAL E ANO NOVO

Devido às Festas de Natal e Fim de Ano os serviços de remoção de lixo não se efectuarão nas noites dos dias 24, 25 e 31.

Pede-se à população para colaborar não colocando os contentores na via pública nestas datas.

ZONA DOS OLIVAIS

Na zona dos Olivais devido ao dia de Natal ocorrer a uma 2.ª feira os serviços de limpeza são obrigados a introduzir as seguintes alterações:

Dia 22/12 (noite de sexta para sábado) — há remoção
Dia 23/12 (noite de sábado para domingo) — há remoção
Dia 26/12 (noite de terça para quarta) — há remoção

Ao contrário do habitual na noite de segunda para terça (25/26).
NÃO HÁ REMOÇÃO

A.M.A Auto Monumental do Areeiro S.A. ®

Audi

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63.403 AMACAR — 1000 LISBOA

CULTURA

A Poesia das Máquinas

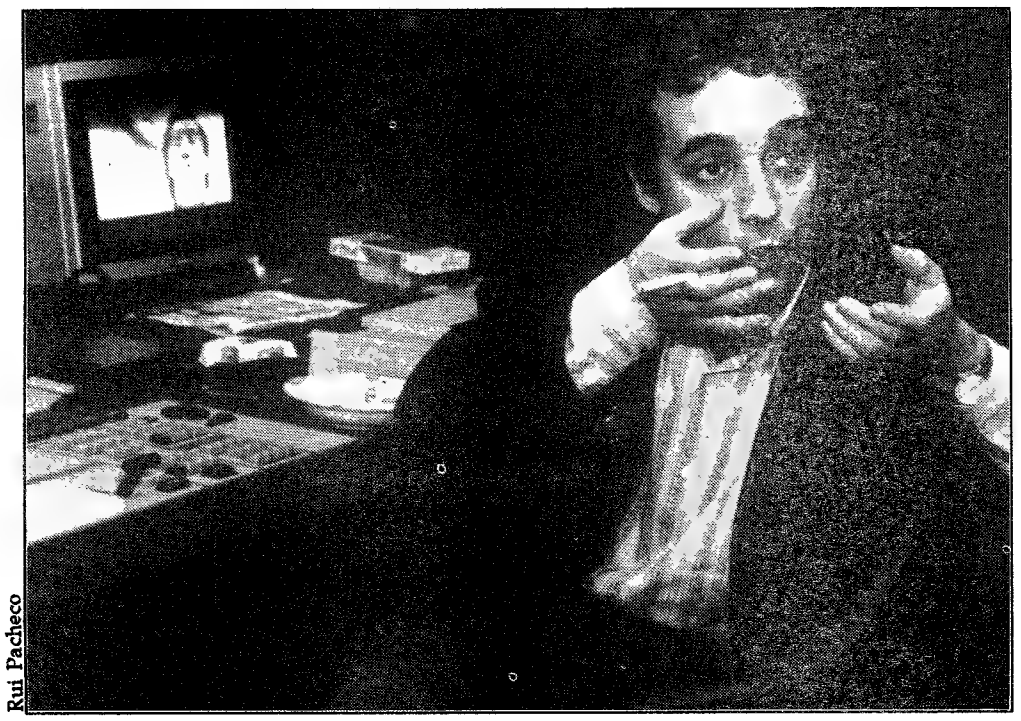
Lusitânia Expresso, programa televisivo semanal, deita um olhar sobre o que de novo vai acontecendo por essa Europa

O que se pretende com um programa como o Lusitânia Expresso?

«Confrontar as diferentes manifestações da cultura contemporânea na Europa, partindo do princípio de que Portugal não tem nada a perder com esse confronto. A Europa sente uma necessidade de renovação cultural, e esse oxigénio só pode ser injectado através das chamadas culturas periféricas, essa, penso, será a nossa função, se forem criadas as infra-estruturas básicas necessárias, aliás problema normal deste país. O Lusitânia tenta equacionar esse problema. Por isso, com o nosso projecto Latino-Europa, começámos por Espanha, realizando uma mostra de vídeo. Com ela vieram também alguns autores, produtores e organismos ligados à Ayuntamiento de Madrid que criaram condições para o desenvolvimento, e o acesso de jovens, a este meio de comunicação. Depois levámos os portugueses até lá, lançando as bases de um projecto de co-produção internacional.»

- Um programa com estas características levanta polémica, por isso uma das "acusações" feita ao Lusitânia Expresso é a de ser uma mostra de pseudo-vanguardas. Como interpretas esta afirmação?

«Não gosto de me considerar vanguarda, nem considero ter as habilitações necessárias para caracterizar as vanguardas culturais portuguesas. O critério de escolha do programa baseia-se, única e exclusivamente, na qualidade. O Lusitânia, penso, veio mexer um bocado as coisas, em termos de operadores culturais contemporâneos. Há tendências internacionais que se reflectem em Portugal, o que provoca grandes confusões sobre vanguardas. Não sou pós-modernista, ou neo-modernista, porque me situo como um pré-barroco. O problema está na falta de referências, que leva a justificações sem memória. Considero-me barroco porque trabalho com um meio que é barroco à priori, a encenação, a ficção, etc.»



Rui Pacheco

Paulo Miguel Forte, realizador do Lusitânia Expresso: o prazer de subverter a máquina

- O programa passou sempre no segundo canal, actualmente às quartas-feiras. Crês que isso é prejudicial ao projecto?

«É óbvio que o domingo era o dia preferencial para ver o Lusitânia Expresso, integrado numa programação de luxo da RTP 2, que era o Artes e Letras, o Cineclube, um bloco que levava as pessoas a ficarem presas à cadeira. O problema com as quartas-feiras tem sido o Desporto Especial, porque quando entra futebol o Lusitânia não é exibido, visto a programação ser toda alterada, o que cria uma irregularidade muito grande.»

- Vocês competem com a telenovela no 1º canal. O público do Lusitânia Expresso não vê telenovelas?

«Eu vejo telenovelas, sempre vi as boas telenovelas. A telenovela é um género televisivo refinado nos seus códigos, por isso tem um grande impacte. Quem diz que não vê, na maior parte dos casos, di-lo por atitude intelectual, típica portuguesa. Por isso concorre com a telenovela, embora com conteúdo diferente.»

- Numa televisão estatal, grande parte das vezes desinteressante, será que programas como o Artes e Letras ou o Lusitânia Expresso são um engodo para o telespectador?

«Há uma perspectiva velha de que a cultura não é rendível, dificilmente se liga a reflexão cultural a uma máquina comercial. Nunca acreditei na Lei do Mecenato, nem na Grécia. Por isso a televisão, ao passar o programa, agora, penso que o faz com a intenção de acarinhar a cultura, funcionando também um pouco como ilibação da falta de produção nacional. Mas a televisão está a transformar-se, porque já permite criar um espaço para programas como este.»

- Tu és um homem do vídeo extremamente versátil, foste, se não o primeiro, pelo menos dos primeiros realizadores de vídeo-clips. Continuas a apostar nessa forma de comunicação?

«A linguagem dos vídeo-clips é a gramática nova da linguagem audiovisual integrada, nesse sentido há uma associação obrigatória, para além de eu gostar de trabalhar com música. O mesmo com a poesia, e por isso faço vídeo-poesia. São os meus desafios. Fiz agora o clip dos Madredeus, com o qual obtive um prémio»

- Há ainda um lado teu curioso: tu eras responsável pelo tempo de antena da juventude na campanha eleitoral para a Presidência de Salgado Zenha, tendo esse tempo sido suspenso. A política continua a ser um desafio, também?

« O trabalho do Zenha foi uma encomenda que aceitei porque me deram carta branca para a sua realização. Ao fim da terceira transmissão foi suspenso, porque estávamos a mexer com questões extremamente delicadas: houve pessoas da campanha que o acharam ousado. Não foram dadas justificações a ninguém. Quanto ao trabalho político, penso que sem ter uma prática política não deixo de ser um homem político, com intervenção no quotidiano, daí poder participar neste tipo de trabalho. Considero é que devem ser portugueses a fazer as suas próprias campanhas, apesar da política em Portugal ser extremamente tradicional.»

Maria José Belo Marques

Surrealismo

Na edição de ontem do "Diário de Lisboa", no artigo intitulado "Surrealismo: debate Cesariny - Sampaio", por lapso de redacção escrevemos "Dadaísmo" em vez de "Cubismo", movimento que se seguiu, em 1930, ao iniciado por Breton e outros. Do lapso, pedimos desculpa aos dois intervenientes no debate (Mário Cesariny de Vasconcelos e Ernesto Sampaio), não só pela lição que deram como também pelo respeito que ambos nos merecem. Por outro lado, no artigo "Sai Mega, entra Viegas", também inserto na edição de ontem, para além de um lapso ortográfico ("precalço" por "percalço"), omitimos Mega-a Ferreira, sendo o ex-director de "Ler" tratado, em certo passo, unicamente por Ferreira. As nossas desculpas a António Mega Ferreira.

olhar de mocho

O júpiter e o seu boi

Quando os mochos de Atenas, já frangalhotes e com a quarta classe no bolso, foram de férias à Roma, vizinha e rival, repararam que na corte do Deus Júpiter não existia igualdade nem democracia. Para o Júpiter valiam certas regras, para os outros, não. Regressados a Atenas, os mochos começaram a chilrear na sua linguagem própria o que tinham visto e declararam: *Quod licet Jovi, non licet bovi*. O que é lícito para o Júpiter não se aplica ao seu boi, por outras palavras, a liberdade só tem um dono e ele chama-se Júpiter.

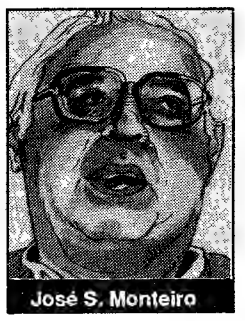
E o ataque americano ao Panamá, país soberano? Segundo as notícias da insuspeita BBC, a invasão foi à tancada e à canhonada do céu («tanques e helicópteros»).

Quando falamos da «solução chinesa», dizemos chinesa para a distinguir da americana ou da de outra nacionalidade. Na Roménia do Ceaucescu, também se aplicou a receita do *quod licet Jovi...*, mas tudo ficou dentro de portas. E nós a pensar que isto de invadir países estrangeiros sem declaração oficial de guerra, só se passava no estalinismo. Teria a solução chinesa mudado de patrão? Passará ela agora a ser sinónimo de solução americana?

Na «gramática» do Telejornal, os meninos da escola receberam, ontem, a seguinte lição: «a intervenção dos Estados Unidos no Panamá destina-se a restabelecer o regime democrático». Mais adiante, o professor primário adianta que a «operação» se explica por os americanos terem falhado uma tentativa de golpe de Estado. Mas na Roménia, ontem também, houve «massacre», «repressão esta condenada pelo Governo português».

Que méritos especiais terá o ditador Ceaucescu para ser premiado em regime de exclusividade com uma nota de condenação por parte do Governo português?

Mas afinal que gramática televisiva é que vale em Portugal? A «operação» americana, é um ataque para repor a democracia: parece ainda estarmos nos tempos do Júpiter em que todos os que são Deus forte e absoluto terão de se sujeitar à lei dos bois. Nem interessa saber muito o que se passa no Panamá se o que está em jogo, na função informativa do Telejornal, deveria consistir em fornecer matéria para que o espectador decide pelos seus miolos como é que o Tio Sam do ultramar se está a comportar. Para não esquecermos o Afeganistão, Tianamen, Praga de 68 etc., convém também não esquecer o Panamá. Pior do que a violência brutal das armas é a tentativa de legitimar essa mesma violência. A continuar por esse caminho de dar sempre razão ao Deus Júpiter, só por ser o mais forte e ter raios e coriscos, talvez não seja enormidade, prognosticar para uma das próximas edições do Telejornal um comentário deste jaez: «No Panamá foram mortos dois mil civis pelas bombas americanas, mas a América averbou uma vitória moral. Até amanhã, se Deus quiser».



José S. Monteiro

Zita Duarte e André Maia

Crítica de teatro

Falta o grito

FALE BAIXO SENÃO EU GRITO, de Leilah Assunção. Adaptação: Margarida Carpinteiro. Encenação: Zita Duarte. Apoio Vocal: Maria do Rosário Coelho. Assistência de Produção: Fernando Alvarez. Interpretação: Zita Duarte e André Maia. Comuna/Café-Teatro. Estreia: 16-11-89 (14-12-89).

Leilah Assunção é uma conhecida dramaturga brasileira, bastante popular num meio em que os autores nacionais são considerados e acarinhados. A essa popularidade não é certamente indiferente o facto de ter colaborado na televisão, aliás, em trabalhos de grande interesse, como as séries «Avenida Paulista» e «Malu Mulher».

«Fale Baixo Senão Eu Grito» é uma dessas peças características dos anos 70: a história de uma personagem com determinado perfil cuja privacidade é invadida por uma outra personagem de perfil contrário, o que provoca uma situação de conflitualidade que vai sendo resolvida através dos seus , suas próprias contradições. Ou de como uma personagem exterior (Ele) impõe a sua desordem à ordem da personagem interior (Ela).

Neste caso, trata-se da história de Mariazinha Mendonça de Morais, mulher só, burocrata sem saber, que vê o quarto onde vive assaltado por um jovem que desperta nela sentimentos de repulsa e de amor (amor de mãe e de amante). O jovem que a assalta, sem a atacar porque é um ladrão em dia de folga, ajuda-a a encontrar o seu outro lado, que é o lado da vida verdadeira, que ela desconhece. Encontro fortuito e sem consequências: o relógio de ponto é mais poderoso do que o grito de liberdade. Mariazinha volta à sua condição de burocrata sem amor, embora talvez no fundo dela tenha ficado a bruxulear uma luzinha ténue que a ajude a viver um pouco menos mal.

É difícil avaliar o texto de Leilah Assunção em virtude do trabalho de adaptação que sofreu para este espectáculo. Não digo que o trabalho de Margarida Carpinteiro não seja correcto mas admito que tenha desfigurado, involuntariamente, o que talvez melhor pudesse caracterizar mais fortemente as personagens: a sua linguagem. Por outro lado, não sei até que ponto a encenação de Zita Duarte respeitou o equilíbrio entre os vectores, aparentemente fundamentais, do texto, a sua economia cómica, dramática e poética.

Tudo isto explica algumas das dúvidas que este espectáculo me deixou, apesar do bom trabalho tanto de Zita Duarte como de André Maia. Ambos conseguiram encontrar em personagens tão diferentes os pontos que as aproximam e são, ao fim e ao cabo, o sinal da sua humanidade.

Carlos Porto

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

TEMPORADA DE BAILADO
1989-1990

OUTUBRO
20, 25 e 27 (21H00); 21 e 28 (16H00)
(Teatro Nacional de S. Carlos)

GISELLE (Bailado em 2 actos)
Coreografia: GARCIA segundo J. CORALLI, J. PERROT e M. PETIPA
Música: A. ADAM e BURGMULER
Argumento: T. GAUTIER e V. ST. GEORGES
Cenografia: F. VILLAGROSSI
Figurinos*: Tradicionais
Artistas Convidados: N. ANANIACHVILI**, A. FADEYETCHEV**
Orquestra Sinfónica do Teatro Nacional de S. Carlos
Direcção Musical: D. TAYLOR
*Propriedade da Fundação Calouste Gulbenkian
**Estrelas do Teatro Bolchoi de Moscovo

DEZEMBRO
22, 27 e 28 (21H00); 23 e 30 (16H00)

JANEIRO
4, 5 e 6 (21H00); 7 (16H00)
(Teatro Municipal de S. Luiz)

COPPÉLIA (Bailado em 3 actos)
Coreografia: J. AULD segundo A. SAINT-LÉON, M. PETIPA e E. CECCHETTI
Música: L. DELIBES
Argumento: C. NUITTER e A. SAINT-LÉON
Cenografia e Figurinos: P. FARMER
Luzes: D. MOHR
Artistas Residentes: A. CHARPENTIER, D. CHAZEAU, C. MACIEL
Artista Convidado: P. ARMAND
Participação Especial: J. AULD

FEVEREIRO
16 e 23 (21H30); 17 e 24 (18H30); 18 e 25 (16H00)
(Teatro Municipal de S. Luiz)

PROGRAMA FOKINE

LES SYLPHIDES
Coreografia: M. FOKINE
Música: F. CHOPIN
Cenografia: F. DE AZEVEDO

PETRUCHKA
Coreografia: J. AULD segundo M. FOKINE
Música: I. STRAVINSKY
Argumento: A. BENOIS e I. STRAVINSKY
Cenografia: O. CLÉRIGO segundo A. BENOIS
Figurinos*: I. GUERREIRO
Artistas Residentes** e Artista Convidado**
*Propriedade da Fundação Calouste Gulbenkian
**A anunciar oportunamente

MARÇO
24, 27, 28, 29 e 30 (21H00); 31 (16H00)
(Teatro Nacional de S. Carlos)

DOM QUIXOTE (Bailado em 3 actos)
Estreia em Portugal
Coreografia: E. VOLODINE segundo A. GORSKY
Música: A. L. MINKUS
Argumento: Inspirado em M. PETIPA e CERVANTES
Cenografia e Figurinos: A. VASSILIEV
Artistas Residentes*, dias 27 e 29
Artistas Convidados: N. ANANIACHVILI** e A. FADEYETCHEV** (dias 24, 28, 30 e 31)
Orquestra Sinfónica do Teatro Nacional de S. Carlos
Direcção Musical: A. STONIKOV
*A anunciar oportunamente
**Estrelas do Teatro Bolchoi de Moscovo

JUNHO
8 e 15 (21H30); 9 e 16 (18H30); 10 e 17 (16H00)
(Teatro Municipal de S. Luiz)

DOUBLE COLCHEA
Coreografia: V. NEBRADA
Música: B. BRITTEN
Cenografia: CNB do TNSC
Figurinos: V. NEBRADA

A PAVANA DO MOURO
(Primeira produção nacional)
Coreografia: J. LIMON
Música: H. PURCELL
Figurinos: P. LAWRENCE

TEMA E VARIAÇÕES
Coreografia: G. BALANCHINE
Música: P. I. TCHAIKOVSKY
Cenografia: CNB do TNSC
Artistas Residentes* e Artista Convidado*
*Anunciar oportunamente

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO DO TNSC
Direcção Artística: Armando Jorge
APOIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

COMPANHIA DE BAILADO DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS – Director Artístico: ARMANDO JORGE • ORQUESTRA SINFONICA DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS - Maestro director residente e director musical adjunto: MANUEL IVO CRUZ • BILHETEIRA - Horário: 13 AS 19.00H • Telefone (01)3465914 • Agências:'ABEP e ALVALADE • TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS, EP. • LARGO DE SÃO CARLOS - 1200 LISBOA - PORTUGAL • Telex 12978 TNSC • Fax 351-1-371738 • PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES.

Claro e Obscuro

A Pregação. Colagem de textos elaborada por João Brites, com: Sermão de St.º António aos Peixes, do Padre António Vieira; excertos de A Palavra e o Gesto, de André Leroi-Gourhan; Intervenção do dr. Artur Condorcet Bruto da Costa, na 1.ª Reunião Olisiponense (1948); O Arenque Fumado, poema de Charles Cros; Se os Tubarões fossem Homens, de Bertolt Brecht.

Encenação/Cenografia: João Brites. Direcção de Actores: Kot Kotecki. Música: Luís Pedro Faro. Interpretação: Horácio Manuel, Pompeu José, António Carvalho, Bibi Gomes e Elisabete Piecho. O Bando - Comuna/Sala 2 - Estreia: 30-11-89 (16-12-88).

Há espectáculos que se repelem de imediato, há espectáculos que se aceitam logo - são raros os espectáculos que não se repelem nem aceitam. Ou que impõem na aceitação deles uma insuportável carga de recusa, na sua recusa, uma magnífica carga de amor.

«A Pregação», o mais recente espectáculo de o Bando, pertence a esse tipo muito raro de espectáculos que nos põem a falar sozinhos, pelos motivos apontados. Ou a falar para os peixes, como Santo António na pregação do Padre António Vieira, um dos textos-base desta proposta.

Peixes, água, origem e evolução das espécies, esse um dos discursos que o espectáculo propõe; a relação do homem com os outros homens e com a sociedade e as formas de exploração que assumem, esse o outro discurso. Paralelos a estes dois discursos, suficientemente abstractos para permitir jogos obscuros, ambíguos diálogos epistimológicos, os gestos concretos, a realidade. O pescador (Deus e Ditador?) que prende ao seu corpo por elásticos os outros; o dispositivo cénico; cadeia e imagem da evolução (a roda), com o aquário onde vogam trutas; o acto de agarrar o peixe, de o preparar, de o fritar, de o comer. Tenha-se em conta a importância que o fazer e o comer têm para este grupo caso de «Nós de um Segredo» durante o qual fabricavam bolos que ofereciam aos espectadores mais pequenos. Estamos aqui muito perto de uma antropologia do teatro.

Para levantar este espectáculo, João Brites serviu-se também desse elemento concreto, além dos textos que anotei na ficha respectiva. Uma novidade nesta nova criação do Bando consiste no aparecimento de um novo colaborador do grupo, o polaco Kot Kotecki, creio que professor na Escola Superior de Teatro e Cinema, a quem coube a direcção de actores. Confesso que esta figura não me parece muito clara (como distinguir o trabalho de concepção do trabalho de campo, o trabalho do encenador do trabalho do ensaiador?), embora o trabalho dos actores seja, neste caso, de grande qualidade.

Todos eles, e em primeiro lugar Horácio Manuel, contribuíram para tornar teatral esta obscuridade, esta inquietude que marcam as personagens (não há na composição delas sugestões de palestinianos?).

Um espectáculo talvez menos inesperado do QUE PARECE; AO MESMO TEMPO FORTE E FRÁGIL; FÁCIL E DIFÍCIL; CLARO E OBSCURO. A não perder.

Carlos Porto

Falar de Cinema

Humor em corrida de estafetas

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS, II (The Gods Must Be Crazy, II) - R: Jamie Uys (Botswana, 1987); A: Jamie Uys; F(cor): Buster Reynolds; M: Charles Fox; Mont: Renee Engelbrecht e Ivan Hall; Narrador: Paddy O'Byrne; P: Boet Troskie; I: Nixau, Lena Farugia, Hans Strydom, Eiros, Nadies, Erick Bowen, Treasure Tshabalala, Pierre Van Pletzen, etc. D: 105 m; Dist: Mundial Filmes; Est: S. Jorge, Mundial, Alfas, Amoreiras, Império, Fonte Nova, Eden, Star (Lisboa), Babilónia (Amadora), Charlot, S. João, Stop (Porto); Cl: * (M/6 anos)

Que «os deuses devem estar loucos» não restam muitas dúvidas. Como poderá ser de outro modo, quando filmes como estes de Jamie Uys conseguem receitas de bilheteira em todo o Mundo que ultrapassam tudo quanto se poderia imaginar e saltam por cima de muitas obras bem mais meritórias, mesmo tendo em conta somente o reino da comédia?

Pois bem: em 1981, o sul-africano Jamie Uys, especialista em filmes de «câmara escondida», lança uma comédia rodada no Botswana a que chamou *The Gods Must Be Crazy* e que contava as peripécias por que passava uma garrafa de Coca Cola caída no deserto do Kalahari, no isolado território dos bosquimanes. Com uns indisfarçáveis resquícios de racismo, a garrafa lá viajava de mão em mão dos incrédulos negros para gáudio de brancos. Mas um pouco racista era, por exemplo, também *O Nascimento de uma Nação*, de Griffith, e não deixava por isso de ser uma obra-prima do cinema. *Os Deuses Devem Estar Loucos* nunca arrancava, porém, para lado nenhum que se visse. Era uma mera comédia, com alguns «gags» hilariantes, mas definitivamente menor, sem garra, sem nervo, sem estilo, sem nada que a definisse como obra original e marcante.

Em Portugal, recém-saído de uma descolonização em África, não seria de surpreender a nostalgia dos retornados pelas paisagens que por lá deixaram, nem mesmo o riso vingativo de alguns que viam os negros atarantados esbarrando uns nos outros, de frente, de costas ou ao molho. Mas que este sucesso se repetisse um pouco por todo o lado era algo de impensável. Enfim, segredos das plateias mundiais que por vezes ninguém sabe explicar. O que já é mais compreensível é o facto de quem teve a sorte grande uma vez tentar a segunda, a ver se pega. Foi o que fez Jamie Uys com *Os Deuses Devem Estar Loucos, II*. Como, no entanto, os tempos mudaram um pouco e a África do Sul (e o Botswana) se encontram cada vez mais isolados na sua política de «apartheid», Jamie Uys procurou uma história em que o racismo fosse menos declarado, onde se falasse menos de negros e mais de brancos, onde o humor vivesse sobretudo de situações protagonizadas por brancos. O que tem como consequência uma outra situação muito divertida: no coração de África, passa-se tudo em paralelo aos seus autóctones que se limitam a olhar e correr, sem tomarem muito bem consciência do que está a acontecer...

Os Deuses Devem Estar Loucos, II, tem uma estrutura de montagem em paralelo, com situações diversas, separadas no espaço, mas simultâneas no tempo, que ora se aproximam ora se afastam até ao grande encontro final. Dir-se-ia que, no início do filme, se deu ordem de partida a vários personagens que desataram a correr e vão passando o testemunho de tantos em tantos minutos: corre Xixo, o bosquimane, atrás de seus filhos que vão à boleia forçada num carro de caçadores furtivos que também correm para o lucro fácil; correm a advogada, dr. Ann Taylor, e o biólogo, dr. Stephen Marshall, que viram o seu pequeno avião aterrar de emergência numa árvore; correm o cubano para casa e o soldado africano (da UNITA?) para a sua base; enfim, correm todos, em grupo ou isoladamente, encontrando-se e desencontrando-se até ao «happy end» final, em que todos dão as mãos para a mensagem de paz derradeira. Neste aspecto, o número 2 destes *Deuses* é, mesmo assim, mais simpático que o número 1. Quanto a cinema, há que dizer que a narrativa escorrega sem sobressaltos, mas por vezes com alguma morosidade. O humor tem duas ou três situações divertidas (o avião voando em círculo preso nas árvores é uma delas), mas globalmente a banalidade impera. Ainda não é desta que os deuses deixam de estar loucos, se o público fizer desta comédia menor um êxito maior.

Lauro António

Os deuses devem estar loucos II

JAMIE UYS

Nascido na África do Sul em 1921, Jamie Uys trabalha essencialmente no Botswana, tendo começado a sua carreira como director de fotografia, montador e actor. Fez vários filmes de «câmara escondida» (entre nós «apanhados») e, em 1981, conhece um grande sucesso comercial com a comédia *Os Deuses Devem Estar Loucos*.

Filmografia:

1952: *Fifty-Fifty*; 1953: *Daas Doer in Die Stad*; 1954: *Geld Soos Bossies*; 1956: *Die Bosveld*; 1955: *Satanskoraal*; 1957: *Hans Endie Rooinek*; 1958: *Rip Van Wyk*; 1960: Doodkry Is Min; 1962: *Lord Oom Piet*; 1964: *All the Way to Paris*; 1965: *Dingaka* (Dingaka); 1967: *The Professor and the Beauty Queen*; 1974: *Beautiful People* (Gente como Eu e Você); 1976: *Funny People* (Gente Gira); 1981: *The Gods Must Be Crazy* (Os Deuses Devem Estar Loucos); 1982: *Funny People, II* (Gente Gira, II); 1987: *The Gods Must Be Crazy, II* (Os Deuses Devem Estar Loucos, II).

Cinema:
«A ementa do dia»

A BELA DE DIA, de Luis Buñuel (reposição)
E TUDO O VENTO LEVOU, de Victor Fleming (reposição)****

INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA, de Steven Spielberg
BATMAN, de Tim Burton
RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA, de João César Monteiro
FITZCARRALDO, de Werner Herzog (reposição)***

PERIGOSA SEDUÇÃO, de Harold Becker
SEXO, MENTIRAS E VIDEO, de Steven Sodenberg
AS VOZES DA IRA, de Oliver Stone
O ABISMO, de James Cameron
HANUSSEN, O PROFETA, de Istvan Szabo
VOZES DISTANTES, VIDAS SUSPENSAS, de Terence Davies**

O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA, de Blake Edwards
O VELHO GRINGO, de Luis Fuenzo*

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS, II, de James Uys
OS CAÇA FANTASMAS, II, de Ivan Reitman

L.A.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO do T.N.S. CARLOS
Direcção Artística de ARMANDO JORGE

COPPÉLIA
(Bailado em 3 actos)

DEZEMBRO, 22, 27 e 28 (21.00 h), 23 e 30 (16.00 h)
JANEIRO, 4, 5 e 6 (21.00 h), 7 (16.00 h)
no
Teatro Municipal de S. Luiz

Coreografia: JOHN AULD, segundo A. SAINT-LÉON, M. PETIPA e E. CECCHETTI
Música: LÉO DELIBES
Argumento: CHARLES NUITTER e ARTHUR SAINT-LÉON
Cenografia e Figurinos: PETER FARMER
Luzes: DAVID MOHR

ARTISTAS PRINCIPAIS
ADELINE CHARPENTIER,
DIDIER CHAZEAU (22, 23, 27, 28, 30)
CRISTINA MACIEL, PATRICK ARMAND* (4, 5, 6, 7)
JOHN AULD** (22, 23, 28)

BILHETES À VENDA: Bilheteira do Teatro Municipal de S. Luiz
AGÊNCIAS: ABEP e ALVALADE.

* Artista convidado
** Participação especial

Preço máximo: 1 650$00
Preço mínimo: 500$00

Apoio da Câmara Municipal de Lisboa
Patrocínio da Fundação de Mecenato Cultural do Teatro Nacional de S. Carlos
Dia 28 — Espectáculo para o "Metropolitano de Lisboa", E.P.

APOIOS: RTP / antena 1 / Rádio Comercial / CORREIO

Grande exposição de carpetes persas e orientais

Rua José Duro, 24 - A/B - Alvalade

O maior salão de exposições de Lisboa — *Armazéns do Minho*, convida os seus Ex.mos clientes e o público em geral a visitar a exposição-venda de carpetes do Irão, Afeganistão, Turquia, Índia, Paquistão, China, Arménia e nacionais (Arraiolos, etc.)

Armazéns do Minho

Rua José Duro, 25 - A/B - Alvalade
Tel.: 89 35 64 - 89 34 76 LISBOA

PROFESTÉTICA

ESCOLA TÉCNICA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ESPECIALIZADA, LDA.

Abertas as inscrições 1990
— Início em Janeiro
— Cursos: **CABELEIREIRO — ESTÉTICA — PRÓTESE DENTÁRIA — MASSAGENS e FISIOTERAPIA — AUXILIAR DE CLÍNICA — PUERICULTURA, etc.**

LISBOA — Av. Miguel Bombarda, 147-2.°-Dt.° — Tel. 52 56 60 / 54 33 12
LEIRIA — R. Cap. Mouzinho de Albuquerque, 20-3.°-Dt.° — TEL. 2 36 71
SETÚBAL — R. Garcia Peres, 14-1.° — Tel. 2 80 10

VENDE-SE

MOTA - YAMAHA
TCR-125
(como nova)

Contactar telef.
495 03 05

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

10.° JUÍZO

O DOUTOR MANUEL AUGUSTO MOUTINHO DA SILVA PEREIRA, juiz de Direito deste 10.° Juízo Cível de Lisboa e 1.ª Secção.

FAZ SABER que no próximo dia 2 de Fevereiro de 1990; pelas 11.00 horas, se há-de proceder, à porta deste tribunal, à arrematação em hasta pública do direito abaixo mencionado,penhorado nos autos de Execução Ordinária n.° 12128 desta 1.ª Secção, em que é exequente União de Bancos Portugueses, EP e executada MECA — ELECTRODOMÉSTICOS LDA, com sede na Calçada do Carmo, n.° 9, em Lisboa, pela quantia exequente de Esc.: 3 091 391$50, juros e demais acréscimos legais, direito este que será adjudicado ou entregue a quem maior valor oferecer acima do indicado e que é o seguinte:

BEM PENHORADO E A ARREMATAR

DIREITO AO TRESPASSE E ARRENDAMENTO do prédio sito na Rua Conde Redondo, n.° 21-Loja — em Lisboa e que vai à praça pelo valor de Esc: 3 000 000$00 (Três milhões de escudos).

Lisboa, 7 de Dezembro de 1989

O Juiz de Direito
(Manuel Augusto Moutinho da Silva Pereira)

O Esc. Adjunto
(Carlos Rodrigues)

«DL» 21/12/89 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.° JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Ordinária Hipotecária n.° 343/87, 2.ª Secção.

Exequentes — UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES, SA.

Executado — SADURDINE ALIMAMADE HERGY e mulher AMIRBANOS KASSAMALI JAFFAR BHANJI, casados, residentes na Rua Conde de Almoster 96-6.°-dt.° em Lisboa.

Lisboa, 7-12-89.

O Juiz de Direito,
Lino Augusto Pinto
Pel'O Escrivão de Direito,
Augusto Rodolfo Proença Mendes

«DL» 21/12/89 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.° JUIZO CÍVEL

ANÚNCIO

Proc.° n.° 9206
2.ª Secção

Por este Tribunal na execução que o exequente, União de Bancos Portugueses EP, move contra os executados JOÃO DE ALMEIDA FERREIRA BATISTA e mulher RITA DA FONSECA MIMOSO, residentes na Rua Carlos Mardel n.° 118-2.°-Dt.°, em Lisboa correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio citando os credores desconhecidos daqueles executados para, no prazo de dez dias posterior aos dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 7 de Dezembro de 1989

O Juiz de Direito
a) Guilherme Augusto da Igreja

O Escrivão de Direito
a) Manuel Henrique Guerreiro Bonita

«DL» 21/12/89 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

4.° JUÍZO

ANÚNCIO

A DOUTORA MARIA MARGARIDA LEANDRO MARTINS, Meritíssima Juíza de Direito do 4.° Juízo — 3.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

Faz saber que por este Juízo e Secção, correm seus termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho sob a forma Sumária, registados sob o n.° 304/87, em que é Autor SAUL DE JESUS ROCHA, residente no Bairro das Loureiras, Lt. 70 — Camarate — Sacavém e réus FERNANDO DOMINGOS DOS SANTOS e outros, cuja última residência conhecida foi na Av.ª Afonso III, Lote 2-10.° Esq.° em Lisboa, e por este meio é o referido réu notificado de que por despacho proferido em 12-12-89, foi designado o dia 6 de Fevereiro de 1990, pelas 10 horas, para audiência de discussão e julgamento nos referidos autos, devendo apresentar as suas testemunhas no julgamento nos termos do Art.° 88.° n.° 2 do Código de Processo do Trabalho, que é obrigatória a sua comparência pessoal no dia e hora acima indicada nos termos do Art.° 89.° n.° 1 do referido Código; e que tem até ao dia do julgamento, para efectuar o preparo para o mesmo, encontrando-se as guias de depósito à disposição da Ré nesta Secção do Juízo. Mais fica notificado de que foi concedido ao Autor o benefício do apoio judiciário, na modalidade por ele requerida.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1989

A Juíza de Direito
ilegível

A Escrivã Adjunta
Maria de Fátima Antunes Pires

«DL» 21/12/89 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SEIXAL

ANÚNCIO

Proc.° n.° 175/89 2.° Juízo 2.ª Secção

Faz-se saber que nos autos de Carta Precatória para Arrematação, n.° 175/89, que correm pela 2.ª Secção, do 2.° Juízo, do Tribunal Judicial do Seixal, vinda do 6.° Juízo Cível da Comarca de Lisboa e extraída dos autos de Execução Sumária, n.° 1966, da 1.ª Secção, que a União de Bancos Portugueses EP move contra LEONEL BATISTA DE MELO e mulher OLGA MARIA DE CARVALHO MENDES DE MELO, ausentes em parte incerta e com última residência conhecida na Azinhaga das Paivas, lote E-2, 2.°-esq.°, na Cruz de Pau, Seixal, são este notificados de que foi designado o dia 24 de Janeiro de 1990, às 10 horas, neste Tribunal Judicial do Seixal, para se proceder à Arrematação em hasta Pública, em 1.ª praça e pelo maior lanço oferecido acima do valor base de Esc.: 849 855$00, o seguinte bem:

Fracção autónoma designada pela letra «H», correspondente ao segundo andar esquerdo do prédio urbano, em regime de propriedade horizontal, designado por Lote E-2, sito na Quinta do Soares, Azinhaga das Paivas, Cruz de Pau, Amora, Seixal, e descrito na Conservatória do Registo Predial do Seixal sob o n.° 27 699, a fls. 163 v.° do livro B-75.

É fiel depositário o sr. Amândio Rodrigues Jorge, com escritório na Rua Vasco da Gama, 70-A, no Seixal.

Seixal, 7 de Dezembro de 1989

O Juiz de Direito,
Carlos António Paula Moreira

O Escrivão Adjunto,
Carlos Manuel Ramos

«DL» 21/12/89 — 1.ª pub.

14.° JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

Proc.° 8689
2.ª Secção

ANÚNCIO

FAZ SABER que no dia 29 de JANEIRO de 1990, pelas 10 horas, no Tribunal desta Comarca, na Execução Ordinária (Hipotecária) n.° 8689 — 2.ª Secção em que é Exequente a União de Bancos Portugueses EP, e executados JOAQUIM LEITÃO e mulher FLORINDA DA ESTRELA LEITÃO, ambos residentes na Rua A-Torre B-3-4.°-A — Sobreda da Caparica — Almada, que corre por esta secretaria judicial, hão-de ser postos em praça pela 3.ª vez, para serem arrematados ao maior lanço oferecido, as seguintes fracções do prédio urbano, penhoradas àqueles executados:

— Fracção autónoma «AA» correspondente ao 8.° andar direito.
— Fracção autónoma «F» correspondente ao 1.° andar direito.
— Fracção autónoma «I» correspondente ao 2.° andar direito.
— Fracção autónoma «L» correspondente ao 3.° andar direito.
— Fracção autónoma «O» correspondente ao 4.° andar direito.
— Fracção autónoma «X» correspondente ao 7.° andar direito.
— Fracção autónoma «U» correspondente ao 6.° andar direito

do prédio designado por lote 161, sito na Rua M. no Casal de São Brás, freguesia da Falagueira — Venda Nova, concelho da Amadora, descrito na Conservatória do Registo Predial da Amadera sob o n.° 9654 a fls. 5 do Livro B-37, omisso na matriz, mas pedida a sua inscrição.

Lisboa, 7 Dezembro de 1989

O Juiz de Direito
a) Pedro dos Santos Gonçalves Antunes

A Escriturária
(assinatura ilegível)

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SETÚBAL

ANÚNCIO

Pelo 3.° Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Setúbal, no dia 15 de Janeiro de 1990, pelas 10 horas, na 2.ª Secção, nos autos de Carta Precatória n.° 94/89, vinda da 3.ª Secção do Tribunal Judicial da Comarca do Montijo e extraída dos autos de Execução Ordinária n.° 6/86, em que é exequente a União de Bancos Portugueses, EP, e executados José António da Conceição Gaspar Caçoete e António José Agostinho Caçoete, residentes no Vale do Alecrim e Fonte da Vaca, respectivamente, no Pinhal Novo, há-de ser posto em praça pela 2.ª vez, para ser arrematado ao maior lanço oferecido acima de metade do valor indicado no processo, os seguintes bens:

«Um veículo automóvel de marca 'HANOMAG', de cor branca, com a matrícula HL-80-57, em razoável estado de conservação e a funcionar;

«Um veículo automóvel de marca 'FORD TRANSIT', de cor verde, com a matrícula IM-43-34, em razoável estado de conservação e a funcionar.»

Há créditos reclamados pela Repartição de Finanças de Palmela (não graduados) no valor de 656 288$00 (seiscentos e cinquenta e seis mil duzentos e oitenta e oito escudos).

Dos bens a arrematar é fiel depositário o executado José António da Conceição Gaspar Caçoete.

Setúbal, 13 de Dezembro de 1989

A Juíza de Direito,
Manuela Bento Fialho

A Escrivã Adjunta, Int.ª,
Lurdes Maria Jóia Cachão Coelho

«DL» 21/12/89

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SETÚBAL

2.ª SECÇÃO

4.° JUIZO

ANÚNCIO

FAZ SABER que no dia 26 de Janeiro de 1990, pelas 14 horas, no 4.° Juízo do Tribunal Judicial de Setúbal — 2.ª Secção, nos autos de Carta-Precatória, n.° 1300/88, extraída dos autos de Execução Ordinária Hipotecária, n.° 1917, que União de Bancos Portugueses, EP move contra SADOLHÃO — Cooperativa Industrial de Produtos Alimentares, SCARL, com sede na Travessa Fábrica Aurora, 1 — Setúbal, corre seus termos pela 3.ª Secção — 8.° Juízo Cível de Lisboa, há-de ser posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado em hasta pública ao maior lanço oferecido acima do preço-base de avaliação de Esc. 135 626 638$00, de 5/9 + 31/72 do prédio urbano sito na Rua Oriental do Mercado, Freguesia de S. Julião em Setúbal, inscrito na respectiva matriz sob os art.°s 560.°, 561.° e 562.° e descrito na Conservatória do Registo Predial de Setúbal sob o n.° 7456 a fls. 161 do Livro B-29, pertencente à executada Sadolhão — Cooperativa Industrial de Produtos Alimentares, SCARL.

Fica por este meio notificado o coproprietário Fernando Manuel de Matos Lopes Pedrosa, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Av. General Daniel de Sousa, Lote 24-2.° Esq.°, Setúbal, da data designada para a arrematação.

Setúbal, 4 de Dezembro de 1989.

A Juiz de Direito,
Maria José Costa Pinto

O Escrivão Adjunto,
José Alberto Esteves Salvado

«DL» — 21/12/89 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL

ANÚNCIO

Proc.° n.° 175/89 — 2.° Juízo
2.ª Secção

Faz-se saber que no dia 24 de Janeiro de 1990, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial do Seixal, nos autos de Carta Precatória para Arrematação, n.° 175/89, que correm pela 2.ª Secção, do 2.° Juízo do mesmo Tribunal, vinda do 6.° Juízo Cível da comarca de Lisboa e extraída dos autos de Execução Sumária n.° 1966, da 1.ª Secção, que a União de Bancos Portugueses, EP move contra Leonel Batista de Melo e mulher Olga Maria de Carvalho Mendes de Melo, ausentes em parte incerta e com última residência conhecida na Azinhaga das Paivas, Lote E-2, 2.° esq.°, Cruz de Pau, Seixal, há-de ser posto em 1.ª praça para se arrematar ao maior lanço oferecido acima do valor-base de Esc.: 849 855$00, o seguinte bem:

Fracção autónoma designada pela letra «H», correspondente ao segundo andar esquerdo do prédio urbano, em regime de propriedade horizontal, designado por Lote E-2, sito na Quinta do Soares, Azinhaga das Paivas, Cruz de Pau, Amora, Seixal, e descrito na Conservatória do Registo Predial do Seixal sob o n.° 27 699, a fls. 163 v.° do Livro B-75.

É fiel depositário o Sr. Amândio Rodrigues Jorge, com escritório na Rua Vasco da Gama, 70-A, no Seixal.

Seixal, 07 de Dezembro de 1989.

O Juiz de Direito,
Carlos António Paula Moreira

O Escrivão Adjunto,
Carlos Manuel Ramos

«DL» 21/12/89 — 1.ª Pub.

DESPORTO

João Pinto: o mais novo milionário de Portugal

João Pinto já não pertence ao Boavista: o melhor elemento do grupo que Carlos Queirós e Nelo Vingada conduziu ao título mundial de juniores, assinou o contrato de transferência para o Atlético de Madrid e, de uma assentada, logo embolsou 65 mil contos, ficando a receber 4500 contos por mês e com direito a mais de 335 mil contos que lhe serão pagos em quatro prestações, até Julho de 1993. Mais ainda: o clube de Paulo Futre compremete-se a dar-lhe prémios de jogo e ordenado equivalente ao dos demais futebolistas casados dos «colchoneros», para além de lhe ceder um apartamento e colocar carro à ordem.

Por seu lado, o negócio também foi esplêndido para o Boavista, que recebeu já 100 mil contos e, durante os próximos quatro anos será contemplado com mais 600 mil contos.

João Pinto (acompanhado pelo major Valentim Loureiro, presidente dos axadrezados) regressou ao Porto para preparar as malas, devendo ir definitivamente para a capital espanhola no próximo dia 26, começando a treinar a 27, para poder estrear-se a 7 de Janeiro. Nessa altura envergará a camisola do Atllético Madrileno (filial do Atlético de Madrid) que vai defender até ao final desta temporada, como se fora um período de rodagem. Primeiro opositor: o Castilla, curiosamente, filial do Real Madrid, o maior rival do clube do presidente Gil y Gil. No termo desta temporada, João Pinto reúne-se a Paulo Futre, já então na principal equipa dos «colchoneros».

• Contrariamente a afirmações anteriormente prestadas, o encontro Boavista-Sporting, referente às 13.ª jornada do «nacional», e que se realizará amanhã, pelas 21 horas e 30 minutos, ocorrerá no Estádio do Fontelo, em Viseu. Recorde-se que o Boavista pretendia jogar em Chaves, o que foi recusado pelo facto da DGD ter concluído que o estádio flaviense não reunia a segurança necessária. Lembre-se ainda que tanto o Boavista como o Sporting já tinham feito reservas em unidades hoteleiras dos arredores de Coimbra, em função de ter sido anunciado que o duelo iria processar-se no «Municipal» daquela cidade.

• Em jogo repetição do campeonato nacional da 2.ª divisão, o Lusitano de Vila Real de Santo António venceu o Lusitano de Évora, por 3-1.

• O Freamunde continua na Taça de Portugal ao eliminar, por 3-2 (após prolongamento) o Benfica de Castelo Branco, no jogo de desempate realizado em Freamunde.

• Para a 3.ª divisão, Imortal e Almancilense empataram a um golo em encontro realizado em Albufeira.

Holanda, 0-Brasil, 1. Soneca defronte da televisão

Afinal, a montanha pariu um rato: o espectáculo proporcionado pelo encontro particular Holanda-Brasil foi verdadeira decepção, pois além de pormenores técnicos de certa valia individual na equipa sul-americana, e de uma defesa firme dos colegas de Koeman, nada mais se viu. As duas formações capricharam em deixar passar o tempo, não se esforçando por aí além: e o Brasil, fechando bem a sua baliza, acabou por ganhar tangencialmente, através de um golpe de cabeça de Careca, no aproveitamento de «centro» da direita, por Jorginho.

Num «show» que chegou a entediar, nota desagradável: a entrada duríssima de Dunga sobre Ellerman, rasgando-lhe a perna direita, e (incrivelmente) não vendo o cartão «icterícia».

Na turma holandesa, não alinharam os milaneses Van Basten e Rijkaard (que o clube italiano não dispensou) nem Gullit (que está lesionado). Para além de Ronald Koeman, nenhum aluno do técnico Libregts atingiu grau sofrível, com a particularidade de Kieft praticamente não ter tocado na bola, «secado» por Mozer que, ao lado de Valdo, Jorginho, Aldair, Ricardo e Careca, ultrapassou a mediania no restante «team» dirigido por Lazaroni.

Provou-se que o futebol holandês já tem a sua «laranja mecânica» fora da melhor cotação: derrete-se como manteiga e apenas vive do suporte das «estrelas» vindas do Suriname e actualmente em Itália. Entre os brasileiros, prevaleceu o jonglerismo e a óptima técnica, mas há atletas em nítida falta de forma, como é o caso de Silas, que esteve no palco 15 minutos sem assinar nada de útil, naquilo que bem se poderia chamar «jogo de galinhas», pois nunca subiu na craveira emocional, arrastando-se molemente até ao toque de recolher.

Para a história do duelozinho dirigido pelo germânico Fockler, actuaram:

Holanda: Hans Van Breukelen; Edward Sturing, Adrie Van Tiggelen, Ronald Koeman (Martin Laamers, 2.ª parte) e Bob Reekers; Berry Van Aerle, Jan Wouters (Danny Blind, 70), Bart Latuheru e Frank Berghuis (Van't Schip, 55); Wim Kieft (John Van Loen, 80) e Juul Ellerman (Aron Winter, 25).

Brasil: Taffarel; Jorginho, Mozer, Ricardo Rocha e Branco; Aldair (Júlio César, 2.ª parte); Alemão, Dunga (Silas, 75) e Valdo; Romário (Bebeto, 55) e Careca (Muller, 75).

Neves de Sousa

Benfica e Sporting consolidam pacto com Ajax e PSV como «testemunhas»

• *Sousa Cintra assegura: Silas vestirá de verde no encontro inaugural do Torneio Internacional «Philips-Cidade de Lisboa»*

Benfica e Sporting mantêm firme um pacto de inquestionável solidariedade e que parece cada vez mais solidificado, sobretudo a partir das constantes garantias dos dirigentes «encarnados» de que o seu clube só estará eventualmente interessado na contratação de Silas se a colectividade de Alvalade não conseguisse voltar a tê-lo nas fileiras. O torneio luso-holandês, que foi divulgado em todos os promenores e que, para além do Benfica e do Sporting, terá a participação do Ajax e do PSV Eindhoven, vem demonstrar a existência de forte aliança entre 'águias' e 'leões'.

A sessão de apresentação da competição, que terá a designação «Torneio Philips-Cidade de Lisboa» ocorreu no Restaurante de Montes Claros, estando o Sporting representado por Sousa Cintra, Vasco Rodrigues, Tomás Aires, Manolo Vidal e Lopes Marques, enquanto o Benfica colocou na «mesa de honra» João Santos, Susete Abreu, Gaspar Ramos e Luís Tadeu. Por parte da Philips, esteve presente o seu administrador-delegado (Peter Dekker) e da Ecosport (patrocinador da prova) compareceu Michel Kies. De notar, a ausência de qualquer representante da Câmara Municipal de Lisboa (outro patrocinador) naturalmente porque, quer o seu presidente, quer os vereadores, aproveitam o tempo que lhes resta de mandato para «arrumar os gabinetes».

Na sala podiam ver-se, nomeadamete, os presidentes da assembleia geral dos dois clubes, Adriano Afonso (Benfica) e Nunes da Silva (Benfica) e os «capitães» Carlos Manuel e Veloso. Quanto aos presidentes dos clubes holandeses, a ausência foi justificada por estarem em Roterdão a assistir ao encontro Holanda-Brasil, integrado nas comemorações de mais um aniversário da fundação da Federação Holandesa de Futebol.

António Capela

Torneio «Philips/Cidade de Lisboa» na apresentação à Comunicação Social

Sousa Cintra disse: «*o Torneio Philips-Cidade de Lisboa» é uma prova de prestígio, denunciadora da boa vontade dos clubes que aderiram à iniciativa. Para além disso, a promoção conjunta veio reforçar os laços de amizade entre o Benfica e o Sporting, acabando, de uma vez para sempre, com as dúvidas que poderiam subsistir à volta de uma sólida amizade. Os portugueses e particularmente a cidade de Lisboa, vão ter oportunidade de ver em acção alguns dos melhores jogadores mundiais. Não tenho qualquer dúvida de que o êxito desportivo e financeiro está assegurado. Para o Sporting, o torneio tem, ainda, a vantagem de dar actividade internacional à sua equipa de profissionais prematuramente afastada da Taça UEFA.*

Sousa Cintra faria seguidamente uma promessa: «*O Sporting apresentar-se-á na máxima força, incluindo Silas, que voltará a envergar a camisola do Sporting*».

Antes de Sousa Cintra ter feita estas afirmações, o líder do executivo benfiquista (João Santos) usou da palavra para enaltecer o prestígio da competição baseado na grandeza dos quatro clubes em presença. Seguidamente, falou Peter Dekker (Philips Portuguesa) considerando a prova como «*uma ideia preciosa*» e afirmando que estavam assegurados prémios para os clubes participantes, medalhas para os jogadores das quatro equipas e ainda troféus para o melhor marcador e guarda-redes menos batido.

Luís Tadeu (vice-presidente do Benfica) fez questão de referir que «*o torneio irá ser escrupulosamene orientado por um regulamento que, por exemplo, exige que as equipas se apresentem na máxima força e que somente sejam permitidas duas substituições em cada jogo*».

Vasco Rodrigues e Gaspar Ramos esclareceram algumas dúvidas colocadas pelos jornalistas, no domínio da regulamentação da prova, tendo referido que os juízes serão nomeados pelo Conselho de Arbitragem da nossa Federação, com a recomendação de que deverão ter o estatuto de internacionais.

A competição decorrerá de 2 a 10 de Janeiro. Calendário: no dia 2: Benfica-Sporting pelas 20 horas, no Estádio da Luz; dia 5: PSV-Ajax, 20 horas, em Alvalade; dia 9: pelas 20 horas, decorrerá o apuramento dos 3.º e 4.º lugares no estádio do clube português interveniente e, no dia 10, tem lugar a final (igualmente pelas 20 horas) no Estádio de Alvalade ou da Luz, consoante o finalista português seja o Sporting ou o Benfica.

Quanto ao preço dos bilhetes foi fixado o seguinte esquema: para o encontro inaugural e final: central 2000$00; lateral, 1500, superior 1000 e 700 escudos para os sócios; para o 2.º e 3.º jogos, o preço será (respectivamente) de 1800, 1300, 800 e 500 escudos e, se o espectador pretender assitir aos quatro jogos poderá fazê-lo pelo preço de 6000 escudos (bancada central) ou 4500 (bancada lateral) e 2000 para os sócios do Benfica e do Sporting.

António Jorge

DESPORTO

Um olhar sobre o futebol na Europa da CEE

Espanha, França, Itália, Inglaterra e Bélgica são alguns dos países em que os campeonatos estão a chegar ao fim da primeira volta. Por isso este balanço.

No momento em que os campeonatos nacionais atingem o termo da primeira volta, será curioso atentar nas respectivas pautas classificativas e, sumariamente, recolher algumas ilações e adiantar previsões, naturalmente com alguma falibilidade e porque nestas coisas do futebol a lógica raramente funciona.

ESPANHA: decorridas 16 das 38 jornadas da prova, o Real Madrid parece encaminhado para averbar mais um título, a juntar no seu orgulhoso historial. Os madrilenos lideram a classificação (com 25 pontos) seguindo-se o Barcelona, Valência e Atlético de Madrid (com 21), o que evidencia que só muito dificilmente os comandados do nosso conhecido Toschak serão arredados da caminhada para mais uma época de glória. Na cauda da pauta situam-se o Real Vallecano (8 pontos) e o Celta (9).

FRANÇA: o campeonato mete pausa até 4 de Fevereiro e, após 23 rondas, o Bordéus lidera (36 pontos) com o Marselha colocado no degrau seguinte com menos três pontos. Sochaux e Mónaco encontram-se, respectivamente, nas 3.ª e 4.ª posições (27 pontos). Obviamente que, neste momento, perante o posicionamento na escala e considerando a valia dos artistas, a discussão parece restrita ao Bordéus e aos marselheses. As grandes decepções são o Nice (último lugar, com 17 pontos), o Montpellier e o Racing de Paris (18 pontos).

ITÁLIA: o Nápoles é naturalmente o líder e com cinco pontos de avanço sobre os mais directos seguidores (Sampdoria, Inter e Roma). Milão, Atalanta e Juventus (de Rui Barros) encontram-se no 3.º patamar, com menos seis pontos que os napolitanos.

No sopé da tabela situa-se o Verona com 9 pontos (o Nápoles já vai no número 25) enquanto a Fiorentina (anteriormene treinada pelo benfiquista Eriksson) está no meio da pauta, com 13 pontos.

INGLATERRA: o Arsenal vai de vento em popa quando, após 18 jornadas das 36 do campeonato, soma 36 pontos (recorde-se que a classificação britânica é de 3 pontos por triunfo e um por empate), mais oito do que o 2.º classificado (Liverpool). Nas posições imediatas, encontram-se o Aston Vila e o Norwich com 31 pontos averbados, sendo 5.º o Totthenham com 28. Na cauda da escala estão o Manchester Citty e o Charlton que somaram somente 16 pontos, dos 54 possíveis.

BÉLGICA: Anderlecht e Bruges contam 26 pontos, mas o Malines (único clube invicto no campeonato) persegue-os, com menos um ponto, estando o Antuérpia no 4.º posto com 23 e o Cercle Bruges em 5.º, com 20. No fundo da tabela, o Racing Malines que apenas conseguiu amealhar 8 pontos correspondentes a dois triunfos e quatro empates. Estão decorridas 17 jornadas das 34 que completam a prova.

RFA: Bayern de Munique (com 29 pontos) vai situar-se, até Fevereiro, no topo da escala com esta colheita, uma vez que o campeonato sofre paragem até ao dia 4 daquele mês, mas o Eintracht de Frankfurt (28 pontos) e o Bayern Leverkusem e o Colónia (27) espreitam o assalto ao pódio.

Nos lugares de «despromoção» estão o Borússia de Mondengladbach e o Homburgo com 14 pontos. Dos «históricos», o Werder Bremen está na 6.ª posição, somando menos sete pontos do que o líder.

OUTROS: na Holanda, o comandante é o Ajax (24 pontos) após 18 rondas, seguindo-se (com menos um ponto) quatro concorrentes (PSV, Roda, Vitesse e Volendam). Na Escócia, lidera o «clássico» Glasgow Rangers, com um ponto de avanço sobre o Aberdeen.

Vogts e Beckenbauer: ídolos do passado, garantias do futuro (foto de Horst Muller)

Beckenbauer diz adeus à selecção

Franz Beckenbauer vai abandonar o comando da selecção sénior da RFA, após o campeonato mundial de 1990, de acordo com afirmações produzidas por Hermann Neuberger, presidente da Confederação Alemã de Futebol (DFB) e, para o seu lugar, irá ser promovido Berti Vogts que, presentemente, se ocupa das selecções jovens.

«O que Vogts está fazendo é uma bênção para o futebol alemão.» Foi assim que Gunter Metzer definiu o trabalho do «operário» Vogts.

«Não vou mudar muita coisa porque temos uma selecção jovem que se está comportando muito bem«, afirmou o futuro patrão do futebol germânico, que conhece todos os actuais comandados de Beckenbauer, já que por ele passaram nas equipas de juniores, excepção feita ao «armador» Klaus Augenthaler.

Nem por isso a mudança é mera questão de rotina, porque Beckenbauer e Vogts têm temperamentos distintos.

Ave, César: o futebol te saúda!

Roma, a capital italiana, começa a viver a festa mundial de futebol onde Portugal, por razões já muito dissecadas, ficou longe da meta. Enquanto em todos os países minimamente organizados em termos desportivos se programou a longa distância um trabalho dirigido ao ojectivo, entre nós viveu-se anarquicamente: nada de escolha acertada de calendário de jogos, campeonato alargado em demasia e com jogos particulares colidentes (requerendo esforço demasiado aos atletas), erros tácticos transportados para o tapete verde por artistas mal encenados, falência aflitiva de sectores que deveriam estar altamente treinados para a sua missão. Enfim: um somatório de falhas que não vão permitir a uma selecção lusitana desfilar na bela montra, pela internacionalizada Via Veneto onde a estátua de Júlio César acaba de ser contemplada com um símbolo do jogo-soberano. Exacto: uma bola idêntica é que vai servir de íman para os olhos de muitos milhões, quando chegar Junho e as 24 melhores formações de cinco continentes iniciarem a luta pelo trono de rei do futebol. Restará saber se, a estas horas, o esférico de couro ainda calmamente adorna a estátua do imperador: com a loucura transalpina pelo «calcio» é muito provável que a bolinha já esteja à frente da biqueira de qualquer miúdo como nós já fomos...

assim vai o totobola

Penalti, 221 X12 212 112X; O Algarve; 221 11X X22 X1X1; O Jornal de Amarante, 221 X1X 11X 12XX; Jornal da Beira, 221 11X 2X1 X121; O Comércio de Leixões, 221 112 X21 1X21; De Tudo um Pouco, 221 X1X 12X 1121; Algarve Desporto; X21 212 2X2 X1X1; Ronda Desportiva, X21 2X2 212 XX21; Correio de Coimbra, 221 X1X 222 1XXX; Correio do Vouga, X21 X1X 111 11X1; A Defesa; X21 X11 XX1 X1X1; Defesa de Espinho, 221 112 22X XX21; Diário de Coimbra, 221 112 2X2 212X; O Diário, 221 11X 2X2 11X1; Diário de Lisboa, 221 X1X 21X X1X1; Diário de Viseu, 221 111 X2X 2121; Folha do Domingo, 221 X1X 112 X1X1; Ecos de Cacia, 221 X11 2X2 11X1; Eu Sei Tudo, 221 X1X 222 XX11; O Jornal de Felgueiras, 221 X1X X1X X1X1; Jornal do Fundão, X21 1XX 2XX X1X1; Gazeta das Caldas, 221 X11 X1X 1111; Rádio Guarda, 22X 112 112 2X21; Jornal da Graça, 22X XX2 XX2 11X1; Linhas de Elvas, 121 121 X11 X111; Litoral, 221 X12 X12 X121; Maria da Fonte, 221 X11 1XX 1121; O Mensageiro, 221 X12 2XX 21X; No Estúdio e no Estádio, X21 X1X X12 11X1; Jornal de Notícias, 221 1XX 2XX X12X; Notícias de Felgueiras, 221 X1X X1X X1X1; Notícias de Gouveia, X21 X12 122 X22X; Notícias de Viseu, X21 XX1 122 2X21; A Ordem, X21 1X1 2X2 1221; Notícias de Viana, X2X X1X 112 X121; Quadrante Norte, 221 11X 2X2 11XX; Informação Desportiva/R. Altitude, 221 XX2 222 1121; Bom Dia, 221 1XX 2X1 2121; Resenha Desportiva, X21 X11 XXX 1X22; Panorama, 22X X11 X11 1X11; RR/Desporto, 121 111 21X 1X21; Bola Branca, 121 111 X1X 11XX; Frente Desportiva, X21 1X2 2X2 X121; Placard Desportivo, 221 1X1 111 XX1; Alvo Desportivo, 2X1 XXX 211 1X11; Rádio Alvo, X21 111 XX1 X121; Alvo, 221 211 12X 22X1; Alvo Suplemento, 221 1XX X11 1121; Jornal de Santo Tirso, 221 111 X2X 11X2; Jornal do Sul, 221 21X 2XX 1XX1; A Voz do Domingo, X21 112 X12 X121; Voz de Lamego, 221 112 X1X 2122; A voz dos Ridículos, 221 111 21X 111X; Desporto/Rádio Guarda, 221 112 1X1 2XX1; Contacto/Rádio Guarda, 22X 112 1X1 2XX1; Meia Tarde, X21 1XX X1X XX12; Meia Tarde, X21 1XX X1X XX12; Encontro com a Manhã, XX1 111 211 122X; Convidámos para Lanchar, 221 12X 1X1 X1X1; Sons da Madrugada, 221 112 X11 1X11; Disco & Daquilo, 221 X1X 21X 1X21; tarde Desportiva, X21 11X XXX 1X21; Livre e Directo, 221 112 21X 1XXX; Música e Desporto, 221 11X 111 1X11; Um Caso por Semana, 1XX 222 11X 1111; Foi Notícia, 221 X12 2X1 X1X1; Desporto e Música/Rádio Covilhã, X2X 1XX X1X 1X21; Cultura e Recreio/Rádio Covilhã, X2X 222 11X 221X; De Tudo um Pouco/Rádio Covilhã, 1X2 111 11X XXX2; Tempo e Resultado, 221 112 21X 21X1; Secção Desportiva/R. Comercial, 221 X12 2X2 X1X1; Tempo de Desporto, X21 X12 XXX 1X21.

Prognósticos dos órgãos de Informação para o concurso n.º 51/89 de 23 de Dezembro de 1989

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (*) 1	X	2
1. E. Amadora-Porto	5	20	46	1	3	8
2. Tirsense-Benfica	0	4	67	1	1	11
3. Belenenses-Penafiel	62	8	1	10	1	1
4. Feirense-Marítimo	36	29	6	6	5	1
5. Chaves-Braga	53	14	4	9	2	1
6. Maia-Leixões	39	17	15	7	3	2
7. Vianense-Varzim	18	24	29	3	4	5
8. Vizela-P. Ferreira	34	25	12	6	4	2
9. Fafe-Famalicão	18	30	23	3	5	4
10. Guarda-A. Viseu	33	26	12	6	4	2
11. Sintrense-Portalegrense	42	23	6	7	4	1
12. Olhanense-Farense	11	28	31	2	5	5
13. Elvas-Barreirense	52	14	5	9	2	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
221 111 21X 1121

Steffi e Becker melhores atletas do ano

A Associação Internacional de Correspondentes elegeu dois tenistas alemães como os melhores atletas do ano.

Desde 1947 que a Associação Internacional de Correspondentes Desportivos na RFA, sediada em Estugarda, elege os melhores atletas do ano. A escolha é presidida por um critério que se ergue sobre princípios definidos: excelente desempenho, comportamento exemplar, evidência e respeito conquistados perante o público que está em sintonia com aquilo que vai acontecendo no campo do desporto.

Steffi Graff e Boris Becker são os laureados deste ano: dois tenistas ganham o ambicionado prémio renovando uma conquista de ambos conhecida. Steffi acaba (igualmente) de receber outro galardão idêntico, conferido pela Imprensa internaiconal, uma distinção arrebatada quatro anos de enfiada. A derrota no torneio de Roland Garros (Paris), não impediu que travasse um ciclo de sucessos: quatro êxitos nas outras maiores competições internacionais, especialmente no «Masters» de Nova Iorque, valeram-lhe o troféu. Por seu lado, Boris Becker acaba de prolongar a sua classe ao contribuir para a bela vitória germânica na «Taça Davis»: já votado como «melhor atleta da RFA» em 1985 e 1986, após as surpreendentes actuações vitoriosas em Wimbledon, novamente Boris toma conta do ceptro e da coroa.

(Telefoto UP/«DL»)

Steffi Graf e Boris Becker: triunfos são com eles

Nos lugares imediatos desta votação localizaram-se a concursista hípica Nicole Uphoff e a esgrimista Anja Fichtel, para além da tripulação de oito remadores que conquistou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Seul, do ginasta Andreas Aguilar e dos tenistas de mesa Steffen Fetzner e Jorg Rosskopf.

Nicole Uphoff e Anja Fichtel (campeãs olímpicas em 1988), foram triunfantes nacionais neste ano. Os remadores, no regresso de Seul, tinham pensado desmembrar a formação ou prosseguir os estudos: deram origem a uma nova equipa que, após uma fase de árduo treino, começa a conquistar triunfos internacionais: bateram, na corrida para o prémio de «Atletas do ano», a turma de tenistas da «Taça Davis» e a selecção feminina de futebol que conseguiu o título europeu.

Ingrid Kramer (de Dresden) que foi «Atleta do ano» em 1960 e é a última desportista da Alemanha Democrática distinguida antes da construção do Muro de Berlim, foi ao salão de festas da Estação Termal de Baden-Baden (onde se efectuou o espectáculo para distinguir os melhores «atletas do ano» e presidiu ao «show» que proporcionou a Andreas Aguilar (campeão mundial de argolas) Andreas Wecker, o seu concorrente da RDA no campeonato mundial, e o recordar de uma luta que durou até à última prova classificativa.

Disciplinas desportivas

ESGRIMA: em 613 árbitros pontuados pela Federação Internacional, o português Miguel Magalhães ocupa o 230.º posto, figurando também na tabela outros compatriotas: Amado Fernandes, José Paula Santos, João Marquinhas e José Bandeira. Mais notícias desta modalidade desportiva: representantes do ginásio Clube Português e do Ateneu Comercial de Lisboa participaram no Torneio de Madrid, em espadda e florete, tendo José Bandeira averbado o 4.º lugar e Manuel Barroso, Diogo Ravara e Rui Malaquias obtido excelentes posições. Na prova feminina de espada, Filomena Bandeira chegou à final de 8, eliminando, no quadro 16, a melhor atleta espanhola. Em florete, o destaque coube a Rui Ruas (GCP). Por seu turno, no troféu «Herculano Pimentel», saiu vencedora a equipa do União e Progresso da Venda Nova, seguindo-se Estrela da Amadora, Vilanovence, Ginásio Clube Português e Ateneu Comercial de Lisboa.

HÓQUEI EM PATINS: O Noia Freixenet (Espanha) conquistou a Supertaça europeia ao vencer o Roller Monza (de Itália), por 3-2. Como o confronto da primeira mão terminara com o mesmo desfecho numérico, houve que desempatar através da marcação de grandes penalidades, sorrindo o êxito à turma catalã, por 4-1.

XADREZ: Carlos Pereira dos Santos e António Fróis lideram, ex-aequo, o torneio nacional de «mestres», a decorrer na Aldeia das Açoteias. Aqueles dois xadrezistas somam quatro pontos, seguindo-se Joaquim Durão (3,5 pontos), João Cordovil e Melão Pereiraa (3) e Alberto Fernandes com 2,5 pontos.

GOLFE: Portugal vai organizar, a partir do próximo ano, duas competições do Circuito Europeu. O novo torneio, que vem juntar-se ao «Open de Portugal», designa-se «Open do Atlântico» e será disputado anualmente, percorrendo todo o país. Em 1990 é a 3.ª prova da temporada europeia.

A primeira edição realiza-se na Zona Norte, seguindo-se a região de Lisboa e, em 1992, processa-se no Algarve ou na Madeira (se o campo do Santo da Serra estiver já concluído e podendo mesmo marcar a sua inauguração).

B R E V E S

RDA vende métodos de treino

A Academia de Desportos da RDA está na disposição de partilhar os seus métodos de treino com países ocidentais. Recorde-se que a academia, cuja investigação foi fundamental para transformar a Alemanha Democrática numa potência a nível desportivo com diversos títulos olímpicos e mundiais, decidiu, no âmbito das reformas em curso no país, vender o seu «know how» aos EUA e a outros países ocidentais.

A academia dispõe de um amplo complexo desportivo, com piscinas, campos de futebol, pistas de atletismo e salas de aula, cerca de mil alunos e centenas de instrutores.

Além de aceitar treinadores ocidentais interessados em aprender os métodos de treino usados no país, a academia está também disposta a ceder alguns dos seus alunos para cargos de instrutores no estrangeiro.

A academia, conhecida pela sigla DHFK, desenvolveu um método próprio de selecção de futuras estrelas com acesso ao desporto de elite a partir de características físicas e leis da hereditariedade.

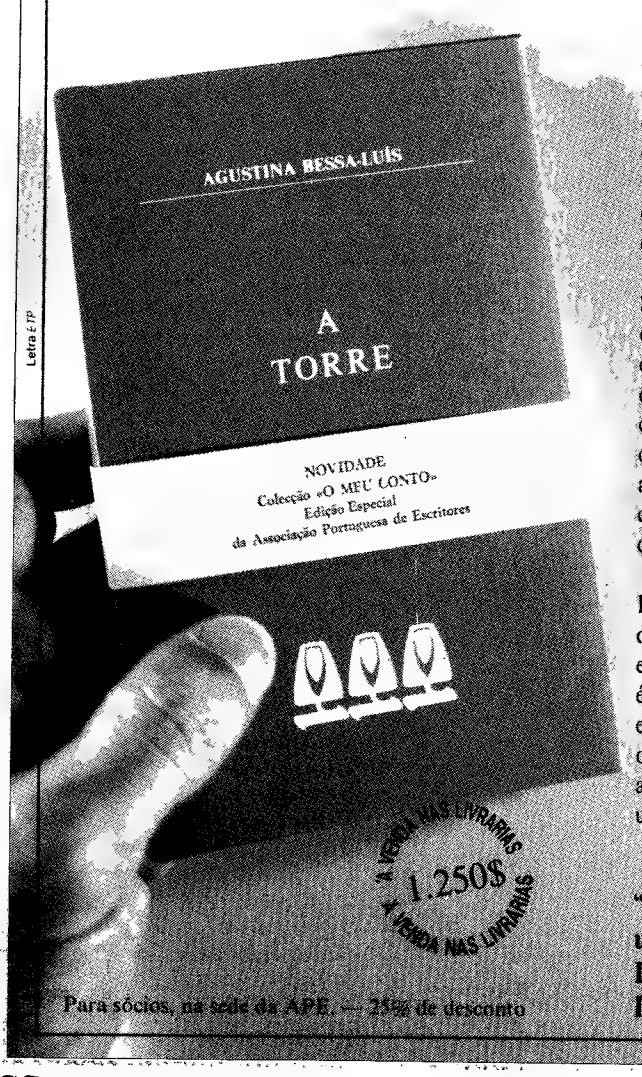
Automobilismo debate regulamentação

Aproveitando a realização da cerimónia de distribuição de prémios dos campeonatos nacionais de automobilismo, decorreu, em Espinho, a habitual reunião anual dos clubes organizadores de provas desportivas com a Comissão Desportiva Nacional, estando representados a quase totalidade dos clubes.

Inicialmente, foram discutidas as alterações propostas aos regulamentos dos vários campeonatos nacionais, cuja análise havia sido previamente efectuada em reunião do grupo de trabalho do regulamento e calendários, órgão consultivo da CDN no qual estão representados clubes organizadores e pilotos, eleitos directamente. Em relação aos campeonatos nacionais de «rallyes» (consagrados e iniciados) foi decidido que, além do título de campeão nacional absoluto, apenas venha a ser atribuído em 1990 a distinção de campeão nacional na classe do agrupamento. Neste sector, foram confirmadas as 11 provas que já constituíram o campeonato de 1989.

NOVIDADE - Colecção "O MEU CONTO"

Edição Especial da Associação Portuguesa de Escritores



Letra e Tipo

A colecção "O MEU CONTO", que se inicia com este volume da autoria de Agustina Bessa-Luís, é editada pela Associação Portuguesa de Escritores e leva a chancela do patrocinador TABAQUEIRA.

Seguir-se-ão outras obras inéditas de autores portugueses vivos, desde galardoados com o Grande Prémio de Romance e Novela da APE, a outros ficcionistas, consagrados ou menos conhecidos do público leitor.

Esta edição especial, de pequeno formato e particularmente cuidada, é numerada e assinada pelo Autor e tem a tiragem limitada, o que acrescenta ao valor literário de cada obra um singular valor bibliográfico.

Para sócios, na sede da APE, — 25% de desconto

"O MEU CONTO"
uma colecção para se ter.
De livros para ler.
De livros para oferecer.

BOAS FESTAS

O SEU NATAL NO BARREIRO

BOAS FESTAS

PRONTO A VESTIR DE CRIANÇA (DOS 0 AOS 14 ANOS)

FELIZ NATAL

R. Prof. Egas Moniz, 17 A — 2830 Barreiro
— Tel.: 207 96 47

Centro Comercial das Fontainhas
Loja 19 — Baixa da Banheira

ARMAZÉNS DE MÓVEIS

BEIRA RIO

DE
ANTÓNIO CARLOTO

MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS

PARA VOSSO INTERESSE CONSULTE OS NOSSOS PREÇOS

Desejamos Boas-Festas aos nossos clientes e amigos

VENDAS: R. Miguel Bombarda, 222 e 222-A
SEDE: Rua Serpa Pinto, 43-45

Tel. 207 24 48 BARREIRO

Comércio de Pneus e Peças Auto,Lda

Pneu auto

Agente das principais MARCAS DE PNEUS
– Alinhamento electrónico direcção
– Equilibragem de rodas
– Focagem faróis
– Óleos

FELIZES FESTAS

Estr. Stº António - Vila Chã
2830 BARREIRO

☎ 205 5870

NO MERCADO DO BARREIRO AO SEU DISPOR

TALHO DO LINO

TALHO E SALSICHARIA

FESTAS FELIZES

ESTÁ ABERTO DE 3.ª A SEXTA-FEIRA
ATÉ ÀS 20 HORAS
MERCADO 1.º DE MAIO

Tel. 207 43 97 BARREIRO

CERVEJARIA PRIMAVERA

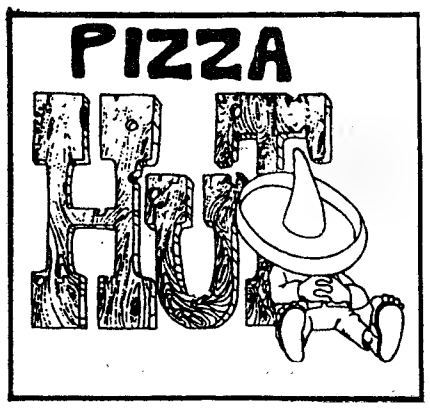
(Na Quinta da Lomba)

ESPECIALIDADES DA CASA:

- Arroz de tamboril
- Arroz de marisco
- Mariscos frescos (vivos)
- Outras especialidades

FESTAS FELIZES

Refeições das 12 às 00 horas
Av. Escola dos Fuzileiros Navais, 29-B
2830 BARREIRO Telef.: 205 28 33



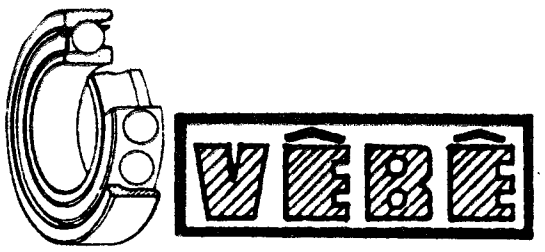
A PIZZARIA HUT

deseja

um **FELIZ NATAL** e um próspero **ANO NOVO**

Aguardando a vossa visita

Centro Comercial Bombarda, loja 7 — Tel. 207 90 97 — BARREIRO



— ROLAMENTOS
— VEDANTES
— PNEUMÁTICA

Deseja a todos os seus clientes, amigos e fornecedores
um Natal Feliz e um Próspero Ano Novo

Rua Miguel Pais, 214 – Tel. 207 31 17

2830 BARREIRO

BETA – VHS – BETA – VHS

TOP GUN

VIDEO CLUBE DO BARREIRO

TOP GUN 1 Rua Stara Zagora, 10 – Telef.: 207 70 67
BARREIRO

TOP GUN 2 Centro Comercial das Fontainhas — Loja 7
BAIXA DA BANHEIRA

Já informatizado

SEM JÓIA

FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO

AGENDA

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte e Centro: céu muito nublado.Vento Sudoeste moderado a forte, soprando com rajadas muito forte no litoral e terras altas. Períodos de chuva. Mar cavado a grosso com ondulação Oeste de 4 a 5 metros

Regiões do Sul: céu muito nublado. Vento Sudoeste moderado. Períodos de chuva fraca. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Oeste de 4 a 5 metros na Costa Ocidental e ondulação Sudoeste de 2 a 3 metros na Costa Sul.

AÇORES

Grupos Ocidental e Central: períodos de céu muito nublado.Vento Noroeste moderado a forte e com rajadas muito forte, rodando para Sudoeste no fim do dia.AgaceirosMar grosso a alteroso com ondulação Noroeste de 5 a 6 metros.

Grupo Oriental: períodos de céu muito nublado. Ventp Sudoeste forte a muito forte, rodando para Noroeste a partir da manhã e enfraquecendo. Aguaceiros.Mar grosso a alteroso com ondulação Noroeste de 5 a 6 metros.

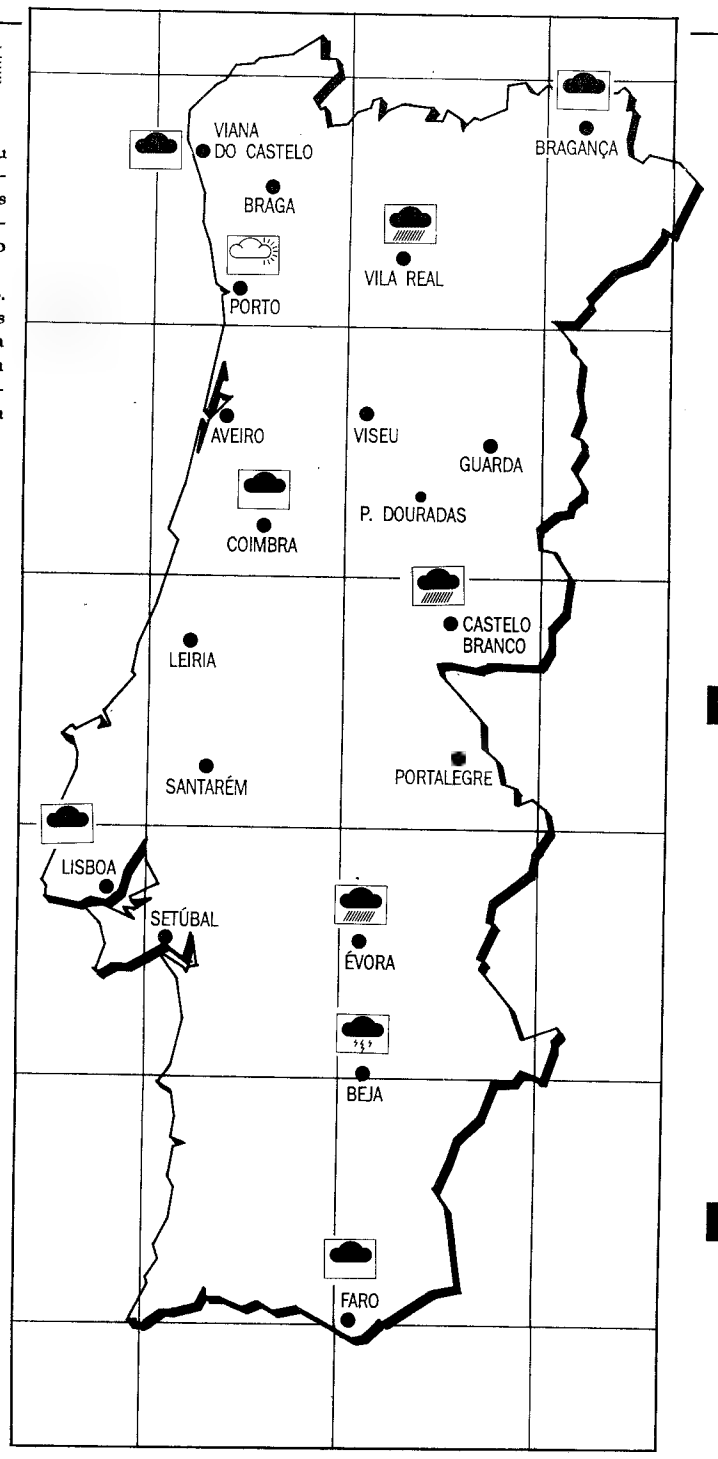
MADEIRA

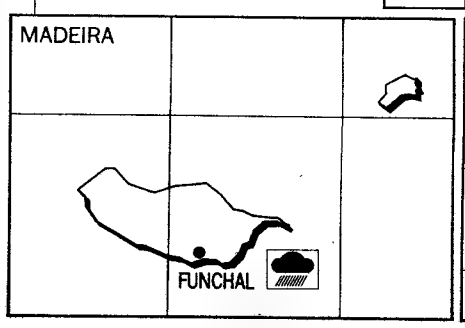
Céu muito nublado.Vento Sudoeste moderado a forte, rodando para Noroeste no fim do dia. Períodos de chuva. Mar cavado a grosso com ondulação Noroeste de 4 a 5 metros na Costa Norte e de pequena vaga a cavado com ondulação Sudoeste de 2 a 4 metros.

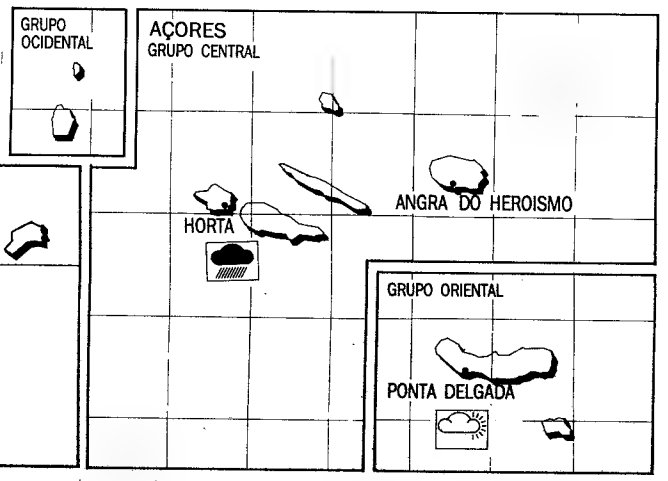
AMANHÃ

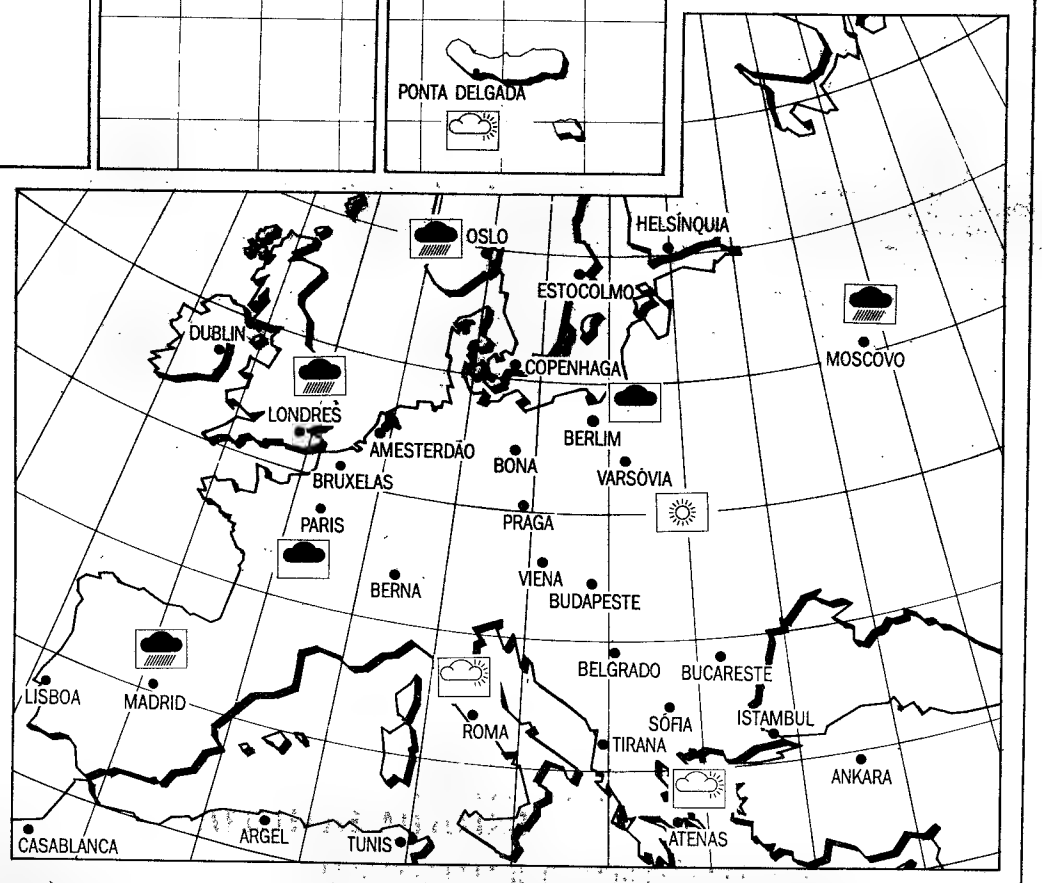
No continente: céu muito nublado com abertas a partir da tarde. Vento Sudoeste moderado rodando para Noroeste. Períodos de chuva, passando a aguaceiros, que serão de neve na Serra da Estrela. Condições favoráveis à ocorrência de trovoadas. Descida da temperatura

* Previsões do Instituto de Metereologia e Geofísica









- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PRAIA-MAR		BAIXA-MAR	
09.44	3,4m	03.03	2,0m
22.23	3,3m	15.53	1,9m

Amanhã

PRAIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.50	3,4m	04.13	2,0m
23.26	3,3m	16.51	1,9m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
	Min.	T. 6h	Às 18 h.
Bragança	10	13	Chuva
V. Castelo	14	17	Chuva
Vila Real	12	15	Aguaceiros
Porto	14	17	Chuva
P. Douradas	5	9	Nevoeiro
Coimbra	15	17	Chuva
C. Carvoeiro	16	18	Chuva
C. Branco	12	14	Chuva
Portalegre	10	13	Encoberto
Lisboa	16	18	Aguaceiros
Évora	12	16	Encoberto
Beja	11	17	M. nub.
Faro	16	18	M. nub.
Sagres	17	18	Encoberto
P. Delgada	12	17	Trovoadas
Horta	13	16	Aguaceiros
Funchal	18	20	M. nub.
Sines	-	-	-

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	11	14	P. nub.
Londres	12	14	Chuva forte
Paris	12	13	Chuva
Bruxelas	13	13	M. nub.
Amesterdão	13	14	M. nub.
Genebra	11	12	M. nub.
Roma	14	18	M. nub.
Oslo	-5	2	P. nub.
Copenhaga	4	4	Encoberto
Estocolmo	-3	0	P. nub.
Berlim	6	6	Chuva
Viena	7	12	M. nub.
Varsóvia	4	6	M. Nublado
Atenas	14	15	Limpo
Moscovo	1	3	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-15	-16	Nublado
Houston	-2	7	Limpo
Los Angeles	8	16	Limpo
Montreal	-20	-12	Neve
Nova Iorque	-8	-4	Nublado
S. Francisco	5	16	Limpo
Toronto	-15	-7	Nublado
Vancover	-5	1	Limpo
Washington	-8	-2	Limpo
Hong Kong	12	21	Nublado
Melbourne	10	21	Limpo
Pequim	-5	2	Nublado
Perth	20	30	Limpo
Singapura	24	31	Trovoada
Sydney	18	25	Limpo
Tóquio	-2	16	Limpo
Wellington	10	19	Limpo

HÁ 20 ANOS

PÁG. 11: «QUATRO LIVROS ENTRAM EM CENA E PEDEM PASSAGEM»

Diário de Lisboa

GRIPE ONZE MANEIRAS DE A COMBATER

«A guerra acabou» — anúncio dos Lemon

Apoio constante à F. N. L. — compromisso de Moscovo, Hanói e Pequim

O ÊXITO NA PROVÍNCIA

A CORRER PELA CIDADE

Apoio constante à F. N. L.

O Vietnam do Norte, a União Soviética e a China prometeram apoio constante ao Vietcong na sua luta contra os Estados Unidos. As promessas estão contidas em mensagens separadas enviadas à Frente Nacional de Libertação no nono aniversário da sua fundação. A mensagem norte-vietnamiana reza do seguinte modo: «Agora, como no passado, os nossos compatriotas do Norte apoiam com todas as suas forças os seus irmãos do Vietnam do Sul, e cumprem a sagrada tarefa da grande rectaguarda a favor da heroica linha da frente».

Hess poderá ver a família

O «Sunday Express», citando meios autorizados de Berlim, anuncia hoje que Rudolf Hess, antigo lugar-tenente de Hitler condenado a prisão perpétua, poderá, talvez pela primeira vez nos últimos vinte e três anos, ver sua mulher e seu filho por altura do Natal.

Filme premiado

O grande prémio anual do cinema francês, atribuído pela Sociedade de encorajamento à Arte e á Indústria, foi concedido, por um juri presidido por Wilfrid Baumgartner, ao filme de Pierre Étaix «Um Grande Amor».

EFEMÉRIDES

1470

Os portugueses João de Santarém e Pedro Escobar descobrem a ilha de S. Tomé, em África.

1805

Morre o poeta português Manuel Maria Barbosa du Bocage.

1940

Morre o escrito norte-americano Scott Fitzgerald.

1961

Moises Tchombé concorda em pôr termo à guerra separatista do Katanga.

1967

Louis Washkansky, o primeiro homem a ser submetido a uma transplantação cardíaca, morre 18 dias após ter sido operado pelo cirurgião sul-africano Barnard.

1975

Onze delegados à conferência da OPEP, em Viena, são mantidos como reféns por um comando palestiniano que se apossou do edifício em que decorria a reunião, matando dois guardas.

1977

É legalizado o divórcio no Brasil, o maior país católico do mundo.

1984

A Polícia sul-africana prende a líder nacionalista negra Winnie Mandela, depois de esta se ter recusado a deixar a sua casa no Soweto e regressar ao desterro na pequena localidade de Brandfort, no Estado livre de Orange.

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

PERMANENTE

Alcântara: Nogueira, Rua Alcântara, 5 A-B, Tel. 3637563; **Alvalade - Av. Brasil:** Marbel, Av. Roma, 131-A, Tel. 776235; **Benfica - Bairro Pedralvas:** Gouveia, Rua Augusto Costa (Costinha), Lt. 4 - Lj. Dt.ª, Tel. 707500; **Calçada do Combro:** Modelar, Largo Dr. António Sousa Macedo, 7, Tel. 608896; **Chelas - Colégio Valsassina:** Santos Silva, Zona N 2 - Chelas Bloco III - Lt. 226 - Loja 22, Tel. 851265; **Embaixada de Espanha:** Nacional, Rua do Salitre, 7, Tel. 546858; **Estrela - Infante Santo:** ALB, Rua Santana à Lapa, 156, Tel. 663562; **Frente Hospital do Desterro:** Magalhães, Av. Almirante Reis, 4 D-F, Tel. 549479; **Lumiar - Quinta das Mouras:** Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B, Tel. 7594174; **Rego:** G. Silva, Rua Francisco Tomás da Costa, 3 A-C, Tel. 771873; **Roma - Teatro Maria Matos:** São João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1 A-B, Tel. 885140; **São Vicente:** Rosa & Viegas, Rua São Vicente, 31-37, Tel. 864351; **Saldanha:** Cardeira, Av. Duque D'Ávila, 32-C, Tel. 543495; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Odivelas - Patameiras:** Amaral, Rua Antero Quental, 8-8 A, Tel. 9325455

REFORÇO

Alto São João: Oriente, Rua Lopes, 120, Tel. 8143381; **Baixa:** Unifa, Rua da Vitória, 21-23, Tel. 323793; **Boa Hora - Ajuda:** Boa Hora, Rua Quartéis, 25-27, Tel.363777; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; **Chile:** Bastos, Rua Morais Soares, 91-D, Tel. 8144350; **Conde Redondo:** Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 542239; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Fr. Feira Popular - Av. República:** Alcântara, Av. República, 74-A, Tel. 771379; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **São Domingos Benfica:** Sousa, Estrada Benfica, 429-431, Tel. 780027; **São Sebastião - Frente à Igreja:** São Sebastião, Largo São Sebastião da Pedreira, 1-3, Tel. 548642; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E, 36 B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Romeiro, Urb. Casal S. Brás, Lote 116, Tel. 4949050. Permamente; São Jorge, R. Pedro Del Negro, 5, Tel. 4938703. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; Pinto Leal, R. Ferreira de Castro, 61, Tel. 4378402. Permanente; **Camarate:** Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C, Tel. 2573158. Até às 19 h; **Cacém:** Araújo e Sá, Estrada de Paço de Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Estrada de Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h. **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 horas; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permamente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088.

OUTRAS LOCALIDADES

Moscavide: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918. Permamente; **Sacavém:** Lourenço, Av. Almirante Reis, 31, Tel. 2518151. Até às 22 h; **Loures:** Saraiva, Av. da República, 29, Tel. 9831240. Atéàs 22 h.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, lote 182, Tel. 4191697. Permamente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A r/c, Tel. 2441616. Até às 22 horas; **Alcabideche:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 Tel. 2690363. Até às 22 horas; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h. **Carcavelos:** Vilar, Av. Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permamente; **S. Domingos de Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Oeiras:** Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. Permamente; **Parede:** Macau, R. J. elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permamente; **Sassoeiros:** Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Modorma:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R.Ferreira J. A., 15, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B, Tel. 2750242. Permanente; **Cova da Piedade:** Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62, Tel. 2750121. Permamente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. do Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 horas; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. António Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido dos Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Higiénica: R. D. Manuel I, 178, Tel. 2073017. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Estrada Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Corroios, Até às 19 h; **Amora:** Matos Lopes, R. 1.º de Maio, Lote 401, Tel. 2216355. Permamente; **Seixal:** Casal do Marco, Seruca Lopes, Trav. da Paz, Tel. 2210369. Até às 22 h; **Montijo:** Higiene, R. José Joaquim Marques, 142, Tel. 2310370. Até às 22 h; **Moita:** União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga, Tel. 2390025. Até às 19 horas; **Alhos Vedros:** Portugal, Av.Bela Rosa, 8, Tel. 2040250. Até às 19 h; **Alcochete:** Nunes, L. Corn. Ramos Costa, 10, Tel. 2340137. Até às 19 horas; **Setúbal:** Cunha Pinheiro, Estrada Canarinha, 32, Tel. 29215. Permanente; Marques, R. Arronches Junqueira, 109, Tel. 22783. Permanente; Leão Soromenho, R. Machado Santos, 24, Tel. 22691. Até às 22 h.

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral e 99.4 em FM Zona de Lisboa

1.º Período:
10.00: Os Tons da Manhã - RDP Norte
2.º Período:
14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões (2.ª Edição) Informação; **17.15:** Porto d'Abrigo - RDP Norte

Onde Média e FM Stéreo

14.00: Gerações por Minuto; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio - Informação desportiva; **20.15:** Musical; **20.30:** A Viver também se Aprende - Programa da Direcção Geral Educação Adultos; **21.00:** Diálogo - João Coelho; **21.30:** Imaginário. Noticiários intercalares de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional (FM 2 Estéreo)

Emissão especial: «A Chegada do Inverno». **15.00:** Recolhimento - A Voz dos Poetas. Música de câmara de Bach, Beethoven, Schubert, Schumann, Brahms, Grieg, Cesar Frank, Borodin e Debussy; **17.00:** Paisagem de Chuva; **18.00:** SH - Noticiário; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Prossegue a transmissão das obras de câmara de Bela Bartok; **19.30:** Sinfonia «Sonhos de Inverno», de Tchaikovsky; **20.40:** À Lareira - Canções de Schubert, Mahler e Richard Strauss; **21.00:** Histórias de Música e Outras; **21.30:** O Silêncio; **22.00:** Música Vocal Comentada; **23.00:** O Inverno Português; **24.00:** Inverno: Noite Transfigurada - Poucas Palavras. A «Viagem de Inverno», de Shubert; **02.10:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

17.00: Contacto; **19.00:** Peça que a Gente Passa; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo de Desporto; **23.00:** 14.ª Hora; **01.00:** Fantástico; **03.00:** Serviço Nocturno; **06.00:** Diário Rural; **06.45:** Piadinhas e Torradinhas. Noticiários de hora a hora.

RC-FM Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da Música; **16.00:** Rock em Stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Ao Fim e ao Cabo; **20.00:** Topo de Gama; **22.00:** Pessoal e Transmissível; **00.00:** Morisson Hotel; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Serviço Nocturno; **06.00:** Diário Rural; **06.45:** Piadinhas e Torradinhas. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA PROGRAMA 2 RFM

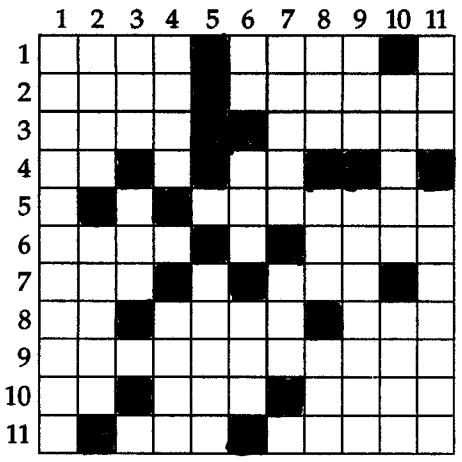
Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiários de hora a hora.

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico. Noticiários de hora a hora.

PALAVRAS CRUZADAS

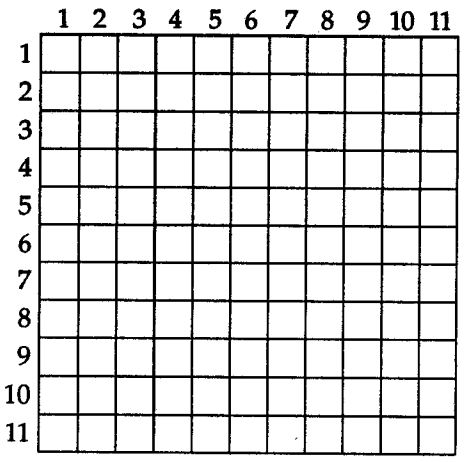


PROBLEMA N.º 17821

HORIZONTAIS:
1 Romance de Emílio Zola. Bebida do Peru. Artigo definido.
2 Estavas. Que se pagam todos os anos.
3 Grande desordem. Sarro.
4 Espera resposta. Pronome pessoal.
5 Que teme.
6 Remedeia. Filtres.
7 Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Pequeno macaco do Brasil.
8 Quinhentos e um em romano. Freguesia do concelho de Pinhel. Caminhar para cá.
9 Comparara.
10 Compaixão. Uma das Novas Hébridas na Melanésia. Cidade da Roménia.
11 Agora. Guarnecera de asas.

VERTICAIS:
1 Precisão.
2 Lavrar. Previno.
3 Recusa. Reúna.
4 Tosto. Impedir.
5 Prensa de penteeiro.
6 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Possui. Regra.
7 Antigamente. Óxido de cálcio.
8 Artéria. Dá aviso de alguma coisa em voz alta. Tens.
9 Rio da Suíça. Casara.
10 Inflamação da membrana íris. Indignar.
11 Guarneço de asas. Caminho para pessoas e veículos.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16631

HORIZONTAIS:

1 Bicas. Sensata.
2 Venera. Avarenta.
3 Mãe de Ismael.
4 Freguesia do concelho de Torres Novas. Espécie de mangueira do Gabão.
5 Ninho. Tempo do verbo ser.
6 Trataram por tu.
7 Reclusos. Nome de mulher.
8 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Separar de.
9 Autores. Grande quantidade.
10 Que tem ramos. Igual.
11 Fileiras. Nome de mulher.

VERTICAIS:
1 Utensílio doméstico. Desmontara.
2 Adora. Alumínio (s.q.).
3 Cobalto (s.q.). Interjeição que exprime admiração. Governanta.
4 Rapaz que anda pelas ruas a vender jornais (pl). Preposição e artigo (pl).
5 Sadia. Freguesia do concelho de Barcelos.
6 Relativos a oásis.
7 Bruxa. Saudáveis.
8 Nome de mulher. Ruído.
9 Invulgares. Oculto.
10 Caminhar. Porcarias.
11 Cidade da Suíça. Ave trepadora.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17820

HORIZONTAIS: 1 A. Parca. BOA. 2 Amarão. Pois. 3 Crismarias. 4 Temes. 5 Sueco. Ad. 6 Rs. Ajardina. 7 Io. Pã. Om. 8 DC. Irene. Ca. 9 Aa. Timbira. 10 Diria. Osa. 11 ESG. Mostrar. VERTICAIS: 1 Aa. CARIDADE. 2 Mc. Sociais. 3 Paris. Gr. 4 Ari. Uapiti. 5 Rastejariam. 6 COMEÇA . EM. 7 Amor. NB. 8 Pré. Doei. 9 Bois. Im. Ror. 10 Oiã. An. CASA. 11 Assedara. Ar.

PROVÉRBIO: A BOA CARIDADE COMEÇA EM CASA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16630

HORIZONTAIS: 1 Assa. Noras. 2 Soera. Mas. 3 AC. Ruminara. 4 Ramo. Aparar. 5 Ar. Moçar. Sr. 6 Ab. Irás. 7 Olá. Ao. Rif.8 Iraras. Ralo. 9 Sa. Si. Casos. 10 Ir. Assem. 11 Sa. Marmotas. VERTICAIS: 1 asaras. Ísis. 2 Socar. Orara. 3 Se. Ala. 4 Arrombariam. 5 Au. Assa. 6 Macias. Sr. 7 Opíparo. Cem. 8 Nara. Ramo. 9 Amar. Sras. 10 Saras. Ilo. 11 Sarrafos.

ORLANDO & ALMEIDA, LDA

Deseja a todos os seus clientes, fornecedores e amigos, um:

FELIZ NATAL

Rua de Arroios, 179-A e 166-B

HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

«REVEILLON»

...dois estilos diferentes que combinam consigo...

• Salão Panorâmico «Gala de S. Silvestre» c/o Conjunto IMPULSE
• Salão D. Fernando «Baile Reveillon» c/ Música Seleccionada

Com o nosso «Impulso» entrará melhor no NOVO ANO
Estadias • «REVEILLON» com Jantar de Gala
PREÇO DESDE 15 250$00

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

Farmácias

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

766171
766178
766179

Farmacias

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
O EMISSÁRIO
Filme de Jan Scholtz. Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24.

ALFA 1
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Filme de Vys. Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
Avenida Almirante Gago Coutinho. Telefone 806496
PERIGOSA SEDUÇÃO
Filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin. 6ª semana. Maiores de 6 anos
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15.

ALFA 3
Avenida Almirante Gago Coutinho. Telefone 806496
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman com Bill Murrey e Den Aykroyd. Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
Avenida Almirante Gago Coutinho. telefone 806496
SORTILÉGIO
Filme de Steve Miner com Julian Sands e Lori Singer. 4ª Semana. Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 1545, 1745, 19.45, 21.45

AMOREIRAS 2
Shpoping Center de Lisboa
Telef. 691275
OS CAÇA FANTASMAS II
Um filme de Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyd.
Maiores de 6 anos. Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 3
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
PERIGOSA SEDUÇÃO
Um filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas

AMOREIRAS 4
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
O MEU AMIGO MAC
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 E 24 HORAS.

AMOREIRAS 5
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
Um filme de Stev Spielberg com Harrison Ford e Sean Connery.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 6
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Um filme de Steven Soderbergh com James Spader e Anie MacDowell.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 14.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
OS MARADOS À SOLTA
Maiores de 6 anos.
Um filme de Howard Zieff
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 8
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões ás 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
A SENHORA
Um filme de Lewis Teague com Pat Morita e Jay Leno.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15.

AMOREIRAS 10
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS
Um filme de Tan Haisen - Desenhos animados.
Sessões às 13.45, 15.45, 21.45 e 24 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
HANUSSEN - O PROFETA
Um filme de Istvan Szabo com Klaus Maria Brandauer com Erland Josephson.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.15, 18, 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
FORÇA DE VINGANÇA
Filme de Sam Firstenberg c/ Michael Dudikoff e Steve James
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
SEXO ESPACIAL
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
FÉRIAS ESCALDANTES NA GRÉCIA
Com Telly Stalone e Rosy Esternizen
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 13.40, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
CHEGAM DJANGO E SARTANA E É O FIM
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
Com Harrison Ford e Sean Connery.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
O MICROHEROI
Sessão às 24.00 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434773
INDIANA JONES-E A

Em exibição na Sala 4 do Quarteto **M/12**
O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Pub.

GRANDE CRUZADA
Com Harrison Ford e Sean Connery
Maiores de 6anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
Telef. 9434773
PROFISSÃO DURO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
PERIGOSA SEDUÇÃO
Filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin.
Maires de 16 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
O ABISMO
Filme de qualidade de James Cameron.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

EDEN
Praça dos Restauradores, 21
Telef. 320768
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyid.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 887255
A FLORESTA DO MEDO
Com Anthony Forrest e Jane Hayden.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
CEGOS, SURDOS E LOUCOS
Filme de Arthur Hiller com Richard Prior e Jim Wilder. 9ªsemana
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
Estrada de Benfica 503
Tel.7145088

OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman com Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
Estrada de Benfica, 503
Telef. 7145088
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia. Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.45.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA
Filme de qualidade de João César Monteiro.
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 2
A BELA DE DIA
Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve e Jean Sorel.
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

FUNDAÇÃO GULBENKIAN
Av. de Berna
OBRAS DE DONIZETTI E VERDI
Sessão às 18.30 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Filme de Jamie Uys.
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 734009
BATMAN
Filme de Tim Burton com MichaelKeanton e Jack Nicholson.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 880808
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman com Bill Marray e Dan Aykroid.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 19 e 21.30

KING TRIPLEX 2
Rua Bulão Pato, 1-C
Telef. 880808

O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 880808
OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS
Maiores de 6 anos.
Às 14.30 e 17.30 horas.
CEGOS SURDOS E MUDOS
Maiores de 12 anos.
Às 19.30 e 21.45 horas

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 631162
O ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telef. 631162
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

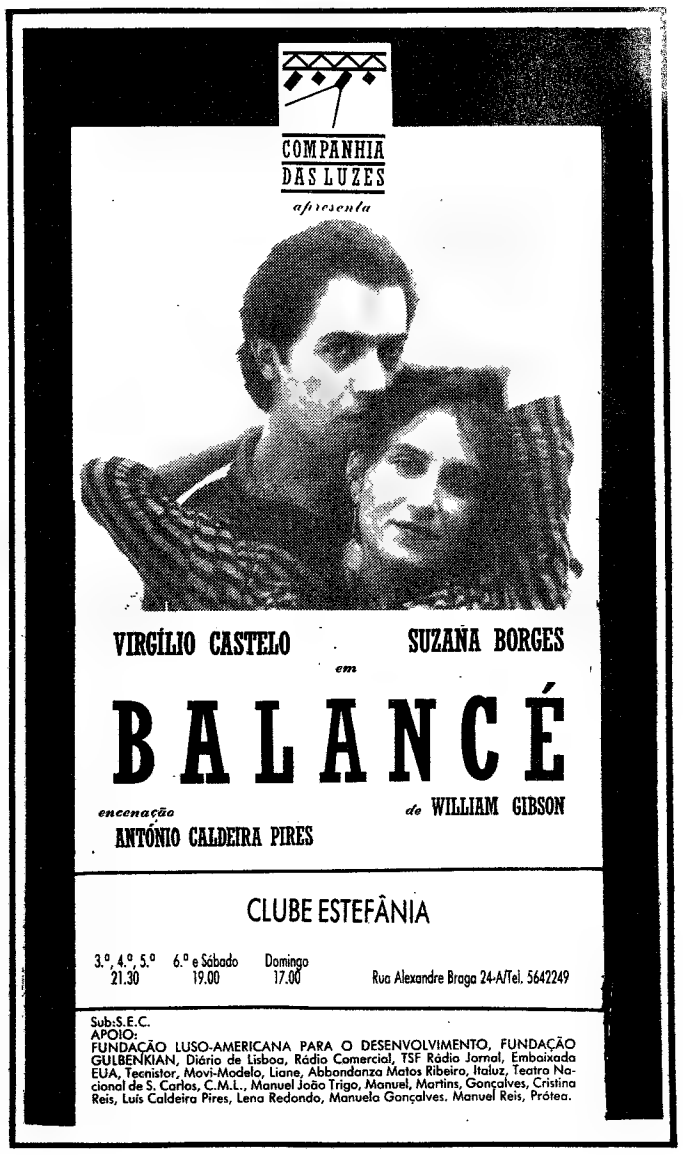
MUNDIAL 2
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
PERIGOSA SEDUÇÃO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
OLIVER E SEUS COMPANHEIROS
De Charles Dikens
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
TRÊS LOUCOS PARA UMA RUIVA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
ORGIAS NOCTURNAS
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.



CARTAZ

LISBOA

PLAZA 1
Telef. 806847
ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 18.45 e 21.45

PLAZA 2
Telef. 806847
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.45 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
O MEU AMIGO MAC
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
VOZES DISTANTES, VIDAS SUSPEITAS
De Terence Davis
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.30, 18.30, 20.15, 22 e 24 horas.

QUARTETO 2
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
SEXO, MENTIRAS E VÍDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

QUARTETO 3
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
OLIVER E SEUS COMPANHEIROS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16, 17.30 e 19 horas.
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Às 21.45 e 24 horas.

QUARTETO 4
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
De Blake Edwards.
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 16.30, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
E TUDO VENTO LEVOU
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 E 21.30

SÃO JORGE 2
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
Avenida da Liberdade 175
Tel.57914
OS DEUSE DEVEM ESTAR LOUCOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
QUEM TRAMOU ROGER RABIT?
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 368446
HONRA E VINGANÇA
Maiores de 18 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 horas.
LUCRÉCIA BÓRGIA
Às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA - BABILÓNI
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

AMADORA - LIDO
ASSASSINATO À CHUVA
Maiores de 16anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

ALGUEIRÃO - CINE TEATRO CHABY
(Encerrado para férias)

CACÉM - ESTÚDIO FLORES
Shopping Cacém
Telef. 9247570/45
LADRÕES E CAVALHEIROS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas

MEM MARTINS - ESTÚDIO 2 EME
Encerrado para descanso do pessoal.

CASCAIS

ALGÉS - CINEMA 2000
(Encerrado)

OEIRAS - ALTO DA BARRA 1
O CLÃ DOS GUERREIROS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

OEIRAS - ALTO DA BARRA 2
CALMA DE MORTE
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

NOVA OEIRAS - CINE PALMEIRAS 1
GOLPE DE VINGANÇA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

NOVA OEIRAS - CINE PALMEIRAS 2
O ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS - ATLÂNTIDA CINE
A IRA DO TIGRE
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

ESTORIL - CASINO ESTORIL
(Encerrado)

CASCAIS - MIRAMAR 1
O ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CASCAIS - M IRAMAR 2
SEXO, MENTIRAS E VÍDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.45 horas.

ALMADA

ALMADA - ACADEMIA
BAPTISMO DE FOGO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

ALMADA - INCRÍVEL ALMADENSE
A MINHA MADRASTA É UM EXTRA-TERRESTRE
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

ALMADA - CINESTÚDIO
ASSASSINATO À CHUVA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.15 e 21.30 horas.

COVA DA PIEDADE
Clube Desportivo Piedense
NAS GARRAS DA LEI
Maiores de 12 anos

COSTA DE CAPARICA - CINE PESCADOR
A MASCARA DA MORTE
Maiores de 16 anos.
Sessões às 21.30 horas.

TEATRO

ALGÉS - 1º ACTO DE TEATRO
R. Eduardo Pedroso - Telef. 2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30; Sáb. e Domingo às 17.00 horas.
TROCAM-SE MULHERES, MÁXIMO SIGILO
de Camilo Castelo Branco.
Enc.: Guilherme Filipe.
Interp.: Jorge Alonso, Carlos Borges, Custódia Gallego, Paula
Sá Nogueira, Teresa Faria, Miguel Meneses e Guilherme Filipe.

MAIZUM
R. Poiais de São Bento, 75-B - Telef. 607299
Sábados, Domingos e feriados às 16.00 horas
A LINGUAGEM DOS ANIMAIS
de António Botto. Dramaturgia: Manuel João Gomes.
Encenação: Filipe Petronilho.

TEATRO INFANTIL DE LISBOA - TIL
R. Leão de Oliveira, 1 - Telef. 3639974
SABOR DOS SONHOS
Encenação: Carlos Correia.
Música: maestro António Redes Cruz. Coreografia: Lúcia Maria. Cenários e figurinos: José Barbieri.

ALMADA - TEATRO MUNICIPAL
R. Conde Ferreira - Telef. 2752175
Às 4ª e 5ª às 17.30 horas.
MARCO MILHÃO de Eugene O'Neill. Pela Companhia de Teatro de Almada.
Encenação: Joaquim Benite.
Intérpretes: Álvaro Faria, António Assunção, Ana Nave, Luís Vicente, Alfredo Sobreira, Mário Timóteo, etc.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais
Raul Cascais, 1-A
De 3ª e Sábado às 21.30; Domingo às 16.00 horas.
CÉU DE PAPEL, textos de Pirandello e Beckett, pelo Teatro da Cornucópia. Enc.: Luís Miguel Cintra. Cen./Fig.: Crisitina Reis. Int.: Luísa Cruz, Márcia Breia, Teresa Madruga, Afonso Melo, António Fonseca, Gibelto Gonçalves, Luís Lima Barreto e Rogério Vieira.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN - SERVIÇO DE MÚSICA

TEMPORADA DE MÚSICA E DANÇA

JANEIRO A MARÇO 1990

JANEIRO

4 Quinta, 21.30 ▶ Grande Auditório D

ORQUESTRA GULBENKIAN
FRANS BRÜGGEN, maestro
RONALD BRAUTIGAM, piano

Mozart Idomeneo, música de bailado □ **Beethoven** Concerto n.º 2 para piano e orquestra em si bemol maior, op. 19 □ **Haydn** Sinfonia n.º 88 em sol maior, Hob I/88

5 Sexta, 18.30 ▶ Grande Auditório D

Mesmo programa do dia anterior

11 Quinta, 21.30 ▶ Grande Auditório D

ORQUESTRA GULBENKIAN
MAX RABINOVITSJ, maestro
ELISO VIRSALADZE, piano

Mendelssohn A Bela Melusina, op. 32 (abertura) □ **Mozart** Concerto n.º 15 para piano e orquestra em si bemol maior, K: 450 □ **Mendelssohn** Sinfonia n.º 1 em dó menor, op. 11 □ **Copland** Three American Sketches

12 Sexta, 18.30 ▶ Grande Auditório D

Mesmo programa do dia anterior

25 Quinta, 21.30 ▶ Grande Auditório D

ORQUESTRA GULBENKIAN
CLAUDIO SCIMONE, maestro
RICHARD STOLTZMAN, clarinete

Weber Der Freischütz, abertura da ópera □ Concerto n.º 2 para clarinete e orquestra em mi bemol maior, op. 74 □ **Bizet** Sinfonia em dó maior □ **Rossini** Isabel Rainha de Inglaterra, abertura da ópera

26 Sexta, 18.30 ▶ Grande Auditório D

Mesmo programa do dia anterior

CALENDÁRIO DA BILHETEIRA
21 e 22 de Dezembro
Venda de assinaturas para os concertos de Janeiro a Março da Orquestra Gulbenkian.
28 de Dezembro
Início da venda dos bilhetes avulso para os concertos de Janeiro a Março.
Continuam à venda os bilhetes avulso para os concertos do Ciclo «Grandes Orquestras Mundiais» (no Coliseu dos Recreios, excepto do concerto de 12/3/90, à venda na bilheteira da Fundação Calouste Gulbenkian) e para os espectáculos do Ballet Gulbenkian.

FEVEREIRO

1 Quinta, 21.30 ▶ Grande Auditório D

ORQUESTRA GULBENKIAN
BARRY TUCKWELL, maestro e solista

Elgar Introdução e allegro □ **Kodály** Summer Evening □ **Mozart** Concerto n.º 3 para trompa e orquestra em mi bemol maior, K. 447 □ **Haydn** Sinfonia n.º 104 em ré maior, Hob I/104

2 Sexta, 18.30 ▶ Grande Auditório D

Mesmo programa do dia anterior

8 Quinta, 21.30 ▶ Grande Auditório D

ORQUESTRA GULBENKIAN
SIR ALEXANDER GIBSON, maestro
MISCHA MAISKY, violoncelo

Haydn Sinfonia n.º 103 em mi bemol maior, Hob I□103 □ **Saint-Saëns** Concerto em lá menor, op. 33 □ **Mendelssohn** Sinfonia n.º 3 em lá menor, op. 56 (Escocesa»)

9 Sexta, 18.30 ▶ Grande Auditório D

Mesmo programa do dia anterior

15 Quinta, 21.30 ▶ Grande Auditório C

CORO GULBENKIAN
ORQUESTRA GULBENKIAN
RICHARD HICKOX, maestro
BARBARA BONNEY, soprano
MARTYN HILL, tenor
STEPHEN VARCOE, barítono

Haydn A Criação, oratória

16 Sexta, 18.30 ▶ Grande Auditório C

Mesmo programa do dia anterior

22 Quinta, 21.30 ▶ Grande Auditório D

ORQUESTRA GULBENKIAN
MICHAEL ZILM, maestro
DIMITRI ALEXEEV, piano

Mahler Totenfeier, poema sinfónico □ **Rachmaninov** Rapsódia para piano sobre um tema de Paganini, op. 43 □ **Schumann** Sinfonia n.º 3 em mi bemol maior, op. 97 («Renana»)

23 Sexta, 18.30 ▶ Grande Auditório D

Mesmo programa do dia anterior

MARÇO

15 Quinta, 21.30 ▶ Grande Auditório C

CORO GULBENKIAN
ORQUESTRA GULBENKIAN
FERNANDO ELDORO, maestro

Carl Orff Carmina Burana

16 Sexta, 18.30 ▶ Grande Auditório C

Mesmo programa do dia anterior

22 Quinta, 21.30 ▶ Grande Auditório D

ORQUESTRA GULBENKIAN
SILVA PEREIRA, maestro
MYUNG-WHA CHUNG, violoncelo

Joly Braga Santos Elegia Trágica (versão orq. de João Paes) □ **Dvorák** Concerto para violoncelo e orquestra em si menor, op. 104 □ Sinfonia n.º 8 em sol maior, op. 88

23 Sexta, 18.30 ▶ Grande Auditório D

Mesmo programa do dia anterior

29 Quinta, 21.30 ▶ Grande Auditório D

ORQUESTRA GULBENKIAN
MICHEL SWIERCZEWSKI, maestro
MAX RABINOVITSJ, violino

Berlioz Bob Roy, abertura □ **Lalo** Sinfonia espanhola para violino e orquestra em ré menor, op. 21 □ **Kurt Weil** Sinfonia n.º 2

30 Sexta, 18.30 ▶ Grande Auditório D

Mesmo programa do dia anterior

ASSINATURAS Orquestra Gulbenkian (10 concertos)		
1.ª Plateia	2.ª Plateia	Balcão
8 400$00	7.000$00	5.600$00

Desconto de 50% para jovens até aos 18 anos ou portadores de «Cartão Jovem», estudantes universitários até aos 25 anos, e sócios da Juventude Musical Portuguesa e da Associação Portuguesa de Educação Musical. No Coliseu dos Recreios, o desconto de 50% só é válido para os bilhetes avulso de Geral

CARTAZ

SNOOPY POR SCHULZ

HOJE

RTP-1

13.30 às 19.00 - NATAL DOS HOSPITAIS
Em transmissão directa, a partir do Hospital Pulido Valente (com ligações ao Porto, Açores e Madeira), a tradicional festa que, anualmente, o «Diário de Notícias» promove. Ana Zanatti, Eládio Clímaco, Alice Cruz e Fialho Gouveia são os apresentadores do espectáculo, cuja realização está a cargo de Rui Ferrão

19.00 - RUA SÉSAMO

19.25 - JOGO DE CARTAS
Concurso: 55ª sessão

19.50 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A AGRICULTURA

20.00 - TELEJORNAL

20.30 - BOLSA DIA A DIA

20.35 - O TEMPO

20.40 - DIREITO DE ANTENA

20.50- DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS

20.55 - BOLETIM AGRÁRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

21.00 - VALE TUDO

21.40 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA

No 1º canal às 22 horas, «Barbara Hutton - Pobre Menina Rica»

22.00 - BARBARA HUTTON-POBRE MENINA RICA
5º episódio: Barbara continua bela e rica e, apesar de ter adquirido maior experiência com as suas divagações amorosas, decide-se por um novo casamento. Trata-se do barão Gottfried von Cramm, um amigo de longa data e antiga vedeta do ténis. Barbara, agora com o título de baronesa, espera poder finalmente atingir a estabilidade. Ao descobrir, no entanto, a homossexualidade do marido, divorcia-se dele.

23.00 - HISTÓRIAS DO INCRÍVEL E DO BIZARRO
Jack Palance começa por nos contar a história fascinante do manuscrito original de «Alice no País das Maravilhas», que foi leiloado pela «módica» quantia de 70 mil dólares e escrito para uma jovenzinha de dez anos com o mesmo nome. Um carpinteiro cego e uma mãe sem braços, que conduz com os pés, incluem-se entre os deficientes que soube-ram superar os seus «handicaps».

23.55 - 24 HORAS

00.30 - REMATE

O 5º episódio da série «Rowena e Lora, no 2º canal às 16 e 55

RTP-2

16.55 - ROWENA E LORA
Série filmada, 5º episódio: Rowena corre em direcção à estação de comboios a tempo de encontrar Bernard e pedir-lhe que volte para junto de Miriam, explicando-lhe que ela não sabe que terminou o noivado com Sylvia. Dividida entre Bernard e a tia, Rowena torna-se o elo de comunicação entre eles e procura refúgio perto de Lora, única amiga com quem pode contar.

17.20 - TRINTA MINUTOS COM...

17.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
1º episódio da série extraída do livro homónino do escritor brasileiro José Mauro de Vasconcelos - uma das melhores histórias infantis do mundo, escrita na língua portuguesa. Agora na TV, o livro retoma e expande a sua dimensão de magia, de sonho, de veracidade e encanto.

18.35 - OS HENDERSON

19.00 - CLÁSSICOS DA TV

20.00 - PRIMEIRO ANDAMENTO
Homenagem a João de Freitas Branco.

20.50 - OBRAS PRIMAS DA PINTURA

21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.30 - MAUDE

21.55 - HORA DA VERDADE
Os Bebés

23.05 - QUINTA DIMENSÃO

ANTENAS PARABÓLICAS
sinal
Tel.: 892945-884650

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA

10.00 - ÀS DEZ COM RUA SÉSAMO

12.05 - FERA RADICAL

13.00 - JORNAL DA TARDE

13.27 - BOLSA DIA A DIA

13.30 - GLOSS

14.20 - PALAVRAS CRUZADAS

15.05 - SEGREDOS DA NATUREZA

15.45 - PONTO POR PONTO

16.40 - HOSPITAL CENTRAL

17.25 - BRINCA BRINCANDO

18.20 - RUA SÉSAMO

18.50 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA DIA A DIA

20.08 - O TEMPO

20.11 - DIREITO DE ANTENA

20.16 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
Inclui sorteio.

20.26 - BOLETIM AGRÁRIO

20.35 - VALE TUDO

21.30 - CONCERTO DE NATAL

22.35 - ENCONTRO DE NATAL

00.05 - NATAL COM JOSÉ CID

01.05 - 24 HORAS

01.40 - REMATE

01.55 - PELA NOITE DENTRO
«A Troca»

RTP-2

15.01 - FILHOS E FILHAS

15.25 - AGORA, ESCOLHA!

17.00 - 3,2,1 CONTACT

17.30 - TRINTA MINUTOS COM ...

17.55 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

18.40 - HAJA MÚSICA

19.30 - CLÁSSICOS DA TV
O Homem da Carabina

20.25 - AS CIDADES E AS TERRAS

21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.25 - ESPECIAL DESPORTO

23.20 - SÉCULO XX
A Revolução genética

00.15 - ROTAÇÕES
Desporto automóvel

Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.

Entregas em qualquer ponto do país.

DESEJA BOAS-FESTAS A TODOS OS CLIENTES E AMIGOS

Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)

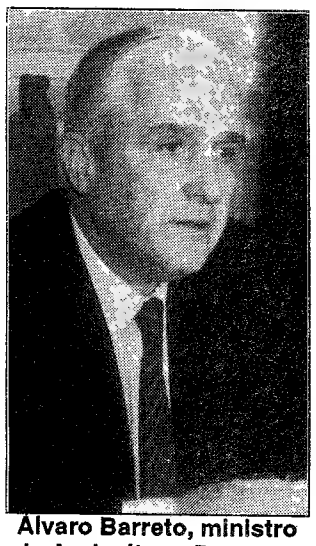
BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

«Vivemos um momento em que o optimismo tem sentido. Este é em si uma tremenda força política.»

Eurico Figueiredo, «Jornal de Notícias», 20.12.89

A PERGUNTA DO DIA



Alvaro Barreto, ministro da Agricultura, Pescas e Alimentação

O que é que vai fazer para ultrapassar a exclusão de Portugal no acordo de pescas entre a Groenlândia e a CEE?

«Nós temos neste momento pareceres jurídicos feitos na Secretaria de Estado das Pescas que nos dão inteira razão e reforçam os nossos direitos históricos de pesca nas águas NAFO (Organização de Pescas no Atlântico Norte). Vamos contratar um professor de direito internacional que nos fundamente ainda melhor as nossas razões e recorreremos para o Tribunal de Justiça das Comunidades. É evidente que vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para defender os interesses de Portugal, como aliás fizemos no Conselho de Ministros das Pescas esta semana. Não podemos perder de vista a possibilidade de criarmos anticorpos na Comunidade se não actuarmos em perfeita legalidade e objectividade com os nossos direitos e, para mais, quando se sabe que estamos em confronto com alemães e ingleses.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

«No rescaldo das eleições» por Fernando Piteira Santos

«A sublime porta e a terceira Roma»: Crónica de Luís Salgado de Matos

Zonas marítimas protegidas em Portugal

ENTREVISTA

«Asas sobre o Mundo»

Carlos Paredes é um homem fascinante, de uma humildade quase excessiva. O seu talento mereceu-lhe mais uma distinção: personalidade do ano

D.L. - Como se sentiu ao saber que o tinham escolhido «personalidade do ano»?

C. P. - Senti-me estimulado. Sabe, este mundo do jornalismo é um mundo de amigos... É interessante como os jornalistas estrangeiros se interessam por Portugal. Sabe, a guitarra portuguesa tem um estilo original e é muito apreciada tanto cá como lá fora...

D.L. - Gostou, portanto...

C.P. - Gostei. Embora pense que esta distinção poderia ser repartida por outros artistas portugueses, até porque a música ligeira está a desenvolver-se e a adquirir características novas.

D.L. - Mas sente-se pessoalmente lisonjeado?

C.P. - Sinto, sinto. Mas não guardo a distinção como coisa pessoal. Ela alarga sim é o âmbito das pessoas com que me relaciono, o meu convívio.

D.L. - Quem é a sua personalidade do ano?

C.P. - A minha?

D.L.- Sim.

C.P. - Nunca pensei nisso. Há tantas pessoas... Refere-se a Portugal?

D.L. - Por exemplo.

C.P. - Para lhe ser franco não pensei nisso.

D.L. - E o acontecimento do ano?

C.P. - Olhe, tivemos um ano com acontecimentos importantes que vão marcar o futuro. São muitos.

D.L. - Mas, não há nenhum...

C.P. - Não, sabe a História é um conjunto de dados de que conhecemos os resultados, mas nunca conhecemos o que lhes deu origem.

D.L. - Porquê?

C.P. - É muito complexo, é um trabalho para historiadores, sociólogos e jornalistas. Olhe, os jornalistas é que são boas testemunhas dos tempos...

D.L.- Quando é que vamos ter um novo disco seu?

C.P. - Lá para Fevereiro. Estou a prepará-lo. Uma peça desse disco toquei-a no dia em que o Presidente da República me entregou o medalhão da Associação de Imprensa Estrangeira.

D.L. - Como se chama ?

C.P. - Ainda não tem nome definitivo. Olhe, ponha aí: «Asas sobre o Mundo»... É que pouco antes da morte de João de Freitas Branco telefonei-lhe para perguntar se ele achava esta peça influenciada pelo Mozart. Ele disse-me que não e que poderia pôr-lhe o meu nome. É uma homenagem que lhe faço, embora eu nem sequer pertença ao campo da música erudita.

D.L. - E quanto a espectáculos?

C.P. - Vou tocar em vários sítios...

D.L. - Onde?

C.P. - Em Viseu, por exemplo, no dia 3. Vai-se fazendo música e satisfazendo os amigos, os amigos da guitarra...

A.J.T.

meteorologia

• É como beber um fino clarete, ler devagar o livro de Juan Eslava Gálan. *Em busca do Unicórnio*, eis o nome do livro, e Quetzal, o seu editor português, para completar a informação. Uma ficção feliz com um pano de fundo das realidades da época de Henrique IV, rei de Castela, chamado com alguma justiça, *O Impotente*, e por isso conhecendo os problemas da sucessão ao trono. Então, no romance, manda algures em África, uma expedição para ir buscar um super-afrodisíaco, contido no corno único, animal *raro*, (*) se não mitológico. A embaixada patusca, chefiada pelo jovem Juan de Olid, pequeno D. João, também escrivão desta fabulosa história, põe-se a caminho...

Acompanhamo-la por terras reais e imaginadas, com ela vivemos aventuras e desventuras, numa poética vigorosa, um tanto cruel, sensível sempre, avisada. Viajamos na nossa cadeira sem darmos por isso, o que certifico aqui, alguns dias antes do Natal prenhe de livros. Aliás, a escrita inicia-se pelo Natal. Cito: «Em nome de Deus Todo-Poderoso, eu Juan del Olid, começo este livro no dia de Natal de 1948...»

Lendo, pois, prezado leitor, olvidas tudo lembrando-te de tudo: definição de um bom romance. Esqueces até que *Em busca do Unicórnio* não é originalmente escrito em português, graças à graciosa tradução de José Colaço Barreiros. Honra aos bons tradutores! Raros como os unicórnios.

(*) O epíteto *raro* fez-me lembrar outra raridade, descoberta pela minha imprudente leitura de um recente *Diário da República* onde deparei com uma poderosa justificação assinada pelo Senhor Ministro da Educação, sobre a concessão da medalha de mérito desportivo a Aldegalega: «... pelos 35 anos ininterruptos de Armando Rodrigues Aldegalega, pela sua fidelidade ao Sporting Clube de Portugal, o que constitui *caso raro*, concedida a medalha de mérito desportivo».

Quis Roberto Carneiro desestabilizar ainda mais o Sporting?

Jorge Listopad

A MOSCA VOLTA A PICAR NO

Diário de Lisboa

ÀS SEXTAS-FEIRAS

LOTARIA DO NATAL
400 000 contos por 30 000$
20 000 contos por 1 500$

CASA VIOLA — A sorte que «Toca»

LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL

Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

SUPLEMENTO
LITERÁRIO
SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 21 DE DEZEMBRO DE 1989. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Inédito de Eugénio de Andrade na pág. 3. Contos de José Dias Neves e Daniel Sá nas pág. 4 e 7
A Poética de Fiama na pág. 6. A Biblioteca de JNRJ nas centrais. Rimbaud na pág. 11.

NATAL com Virginia

Sábado, 18 de Dezembro (1937)

Maldito 1937 — não nos larga das garras. Agora são os rins do L.: o Rau diz que pode ser uma constipação, ou haver qualquer problema com os rins; possivelmente a próstata — esse perene horror. O mais provável é que seja uma constipação, mas vamos ter que esperar duas semanas. Sendo assim, vamos partir com esta coisa em cima da cabeça — mais uma vez o meu único refúgio é o trabalho. Nem vale a pena alargar-me. O grande gato enterra as unhas outra vez.

Até que ponto me importa a morte? Ontem, que não fui à festa dos pintores da Helen, pensei nisso. Concluí que, em certo sentido pode ser aceite calmamente. O que é estranho, considerando que poucas pessoas se interessam tão imensamente pela vida ou são tão felizes. Suponho que é a morte do Julian que me deixou céptica em relação à vida. Embora nunca pense nele como morto, o que é raro. É mais como se me tivesse sido arrancado da vista, abruptamente, sem razão: tão violento e absurdo que não é possível enquadrar a morte dele em qualquer esquema.

Mas cá vamos: encontrar-me com a Sally em Ickenham: mais sadio que a prossecução destas análises. De facto, ainda ando às voltas com os 3.os. Acabei hoje o segundo — pronto para a máquina.

Segundo a Mabel, a festa da Helen, vista da copa onde ela lavou loiça até às 2.30 da manhã, estava cheia de gente ruidosa e bêbada. Vária gente nova a cair. Dores de cabeça dos vapores do *punch*. Ciumeira de copa; mas, também, a minha teria sido, se tivesse ido. E prometi garantir vinte cinco libras por cada uma. Porquê? O proselitismo exacerbado da Helen, quando jantou aqui com o Jao e se portou como a rebarbativa Helen de Bernard St. foi-me pôr a questão: (*)

Os Woolf foram de carro a Mouks House no dia 22 de Dezembro. Os Keynesses vieram almoçar no dia de Natal. No dia 28 de Dezembro LW caiu à cama com febre e no dia seguinte foi a Londres onde o dr. Rau lhe mandou tirar uma radiografia; passou o fim do ano na cama, Tavistock Square, à espera dos resultados da análise.

Domingo, 17 de Dezembro (1939)

Mais uma vez me arrimo a este caderno de capa vermelha, com que instinto não sei. Nem para que servem estas notas, a não ser que se me tornaram necessários para «aquecer» e que talvez algo disto me interesse mais tarde. Mas o quê? Porque nunca vou muito fundo, derivo à superfície. Mas escrevinho sempre antes de ir, uma olhadela no relógio. É, faltam dez minhutos — que dizer? Nada que careça pensar: o que é curioso; porque penso com frequência, o que poderia escrever aqui. Acerca do estar de fora. Do meu desvio da decência profissional. Outra alusão ácida à Mrs. W. e ao seu desejo de assassinar críticos, no Suplemento Literário, ontem. Frank Swinnerton é o bom menino e eu a menina torpe. Tudo isto é trivial. Comparado com quê? Ah, o Graf Spee singra hoje de Montevideu para as goelas da morte. E há jornalistas e ricaços que alugam aeroplanos para ver a vista. O que faz olhar a guerra doutra perspectiva; e a nossa psicologia. Sem tempo para reflectir. De qualquer dos modos, os olhos do mundo inteiro (BBC) estão postos no jogo; e muita gente estará morta hoje à noite, ou na agonia. É o prato que nos vai ser servido diante da lareira, nesta longa noite de Inverno. Deram o KCB ao capitão britânico e saiu o Horizon; e tiraram dentes à Louie; e comemos demasiada empada de lebre ontem à noite; estou a ler o Freud, sobre grupos; e tenho andado a enfeitar o Roger: e esta é a última página; e o ano acaba; e convidamos o Plomer para o Natal; e — o tempo acabou, como de costume. Estou a ler o diário do Ricketts — tudo acerca da guerra, a última guerra; e os diários de Herbert e... pois, o Shakespeare, de Dadie e há notas por todos os lados para os meus dois livros.

De 18 a 21 de Dezembro, os Woolf estiveram em Londres onde receberam os Hutchinson para jantar e viram muita gente. William Plomer não pode ir passar o Natal; no dia do Natal, os Woolf foram de bicicleta jantar a Charleston, através do nevoeiro: e a 23 e 27 trocaram visitas com os Keynes. No dia 28 caiu neve, seguida de grossa geada o que permitiu que LW andasse de patins no último dia do ano.

Terça-feira, 24 de Dezembro (1940)

Sinto (com alguma consternação) que a minha mão direita está a ficar paralisada. Porquê, não sei. Será que voltarei a escrever linhas direitas e claras? Creio que não. Estou a escrever isto à laia de experiência; de facto a mão está menos paralisada hoje, mas tenho estado a recopiar o meu manuscrito do DH e estou drogada com palavras — mas não vou entrar nisso. E tenho que me ir lavar e vestir para os Anrep e para o nosso algo forçado almoço.

(Mais tarde) 24 de Dezembro, véspera do Natal e não quis fechar os cortinados, tão escuros estavam o Leonard e a Virginia à contra-luz. Almoçamos com Helen; e de novo, «Talvez gostasse de viver ali». Uma beleza inverosímil. Os morros ondulando, pálido animal plácido, todos os celeiros e medas de um rosa esbatido ou verdejante verde; e o passeio ao largo do muro e a igreja e o celeiro maior. Como esta Inglaterra é consolação e conforto, estes espaços profundos onde o passado é quase estático. E a pequena espira sobre os campos... Estivemos na sala que dá para o jardim, desarrumada, algo suja, com os nossos dois pães. E eles tinham-nos preparado um festim. Lá voltámos para Lewes. E mais uma vez venerei a beleza desses campos, agora arrazados, mas vívidos, da sua antiga cor.

O L. está agora a rachar lenha. Depois do meu arrobo de amor e inveja pela casa de campo de Alciston, concluímos que é o lugar perfeito. L. diz que está certíssimo: não necessitamos de ser esmagados pela posse de coisas, aqui. O que me lembra: somos bastante pobres e a minha fortuna de quatrocentos e cinquenta libras não deve ser tocada de novo. Portanto tenho de escrever. É, a nossa velhice não vai ser doirada. Ao apagar a lareira, vejo, porém, que posso viver momento a momento; o que é bom; para quê ceder um momento ao remorso, à inveja ou à preocupação? De facto, para quê?

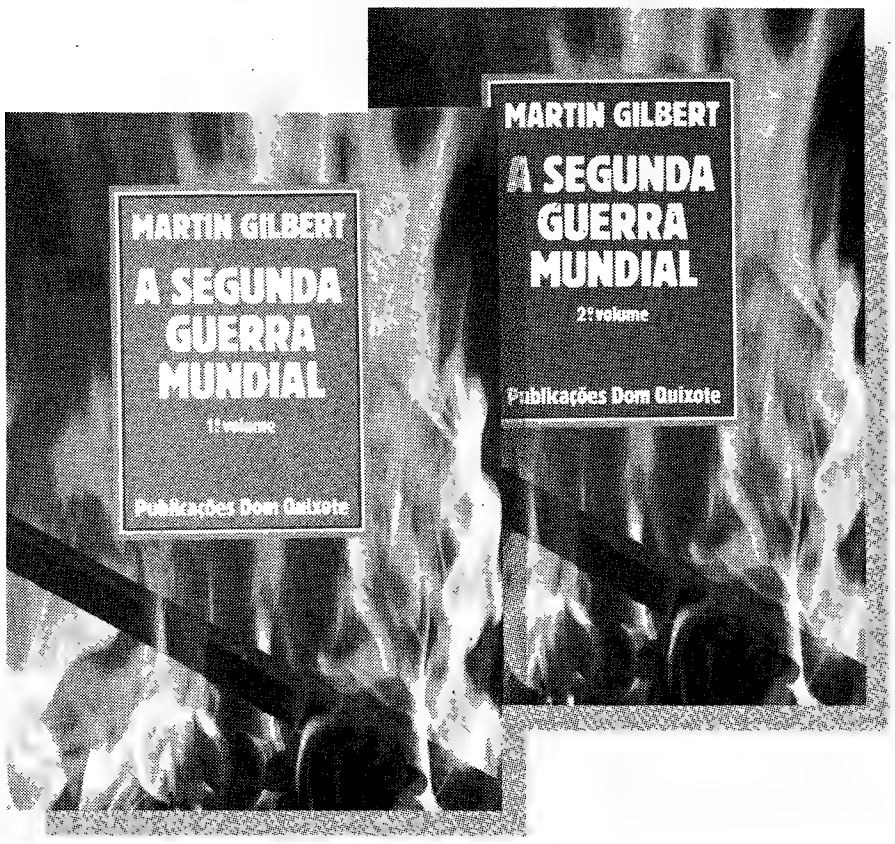
Ontem a Octávia veio com leite e natas; e a Lady Oxford mandou o carro com o busto do Voltaire em cima de um livro. Muito pesado. Um gesto extravagante. E vimos os Keynes e eu encolhi-me com os seus modos impositivos, agressivos, puritanos — uma parede fechada de desaprovação. Até que lhe dei um beijo, o que fez falar de Lýdia, do livro sobre o *ballet*, na sua maneira ávida e gaguejante. Só restam resolver algumas questões da paz, diz ele, a nossa vitória é certa. Churchill dirigiu-se aos italianos.

DO DIÁRIO DE VIRGINIA WOOLF
(trad. Ruth de Barros)

(*) A «festa dos pintores» foi dada por Helen Antep nos estúdios adjacentes ao n.º 8 da Fitzroy St, a 17 de Dezembro, para promover e granjear fundos para a recém-criada «Escola de Desenho e Pintura» (mais tarde conhecida como Escola de Euston Road).

Mrs. Anrep, que desde a morte de Roger Fry tinha mudado de residência de Bernard St. para Charlotte St. jantou com os Woolf a 16 de Dezembro.

50 Anos depois...



A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

de Martin Gilbert

UM RELATO FASCINANTE, UMA OBRA DEFINITIVA

2 Volumes • 102 mapas originais • 130 fotografias

«Martin Gilbert é portador das maiores credenciais da história da Segunda Guerra Mundial, e o resultado é uma obra magistral, mostrando até que ponto a maior guerra de sempre chegou a toda a parte do planeta, e continua a influenciar o pensamento das pessoas.
Gilbert foi o biógrafo oficial de Winston Churchill (...)
A pesquisa que desenvolveu, em vários arquivos, fez dele um dos principais peritos do holocausto.»

Diário de Notícias / New York Times

PORTUGAL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Contributos para uma reavaliação

POLÍTICA DE DEFESA E DE REARMAMENTO, por Maria Carrilho
A INDÚSTRIA PORTUGUESA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, por Fernando Rosas
ANGLOFILIA E GERMANOFILIA EM PORTUGAL DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, por Júlia Leitão de Barros
A DIPLOMACIA PORTUGUESA NAS DUAS GUERRAS DO SÉCULO, por Mário Neves
A GUERRA VISTA ATRAVÉS DA IMPRENSA PORTUGUESA, por José Manuel Paquete de Oliveira
PORTUGAL — O CINEMA DA GUERRA, por José de Matos-Cruz.

Procure estas obras no seu livreiro habitual ou peça-as directamente a Publicações Dom Quixote
Rua Luciano Cordeiro, 116-2.º — 1098 LISBOA CODEX, assinalando com uma ☒ a sua escolha no cupão anexo.

Queiram enviar-me ☐ à cobrança ☐ junto cheque/vale postal as obras que assinalo:
☐ A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL - 1.º volume (3350$00) ☐ A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL - 2.º volume (3350$00)
☐PORTUGAL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (2500$00)

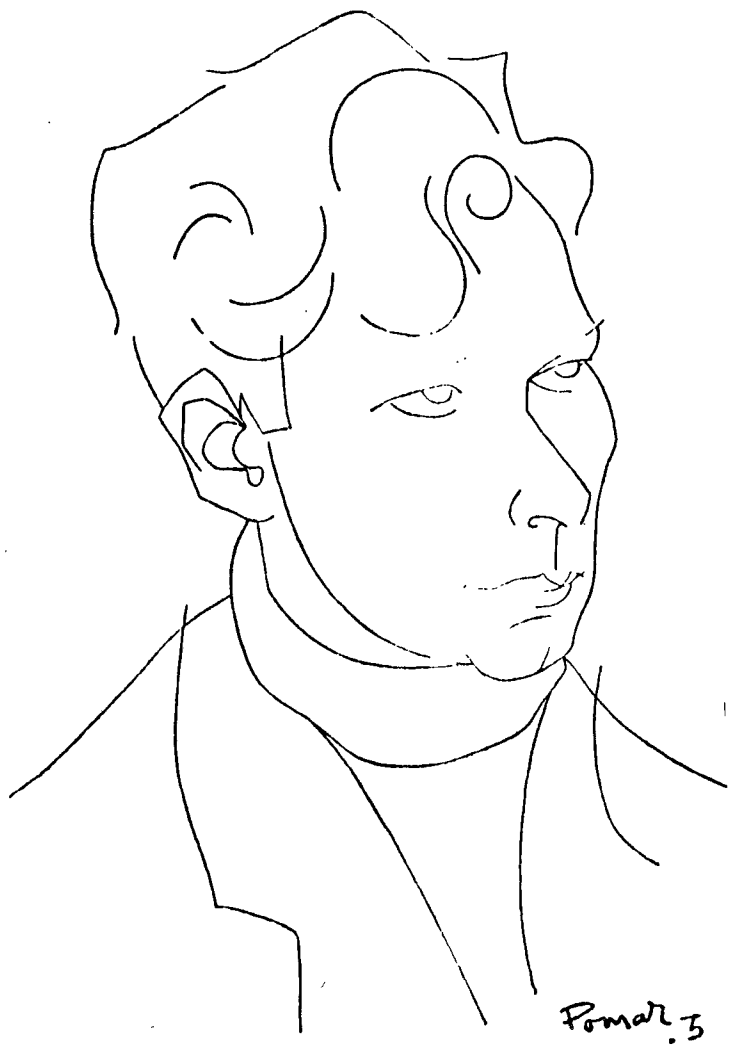
Nome _____

Morada _____

Código Postal _____ Telef. _____

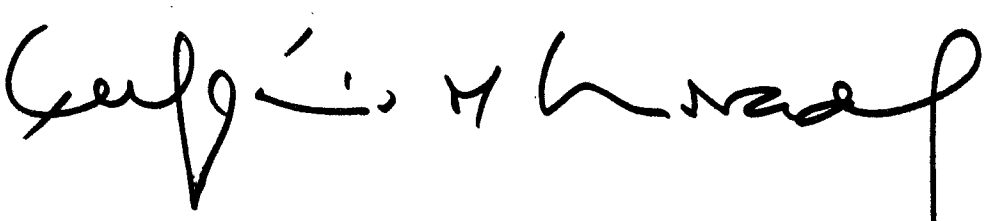
PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE • Distribuição: DIGLIVRO • MOVILIVRO

CAPITAL SOCIAL 47 500 000$00, MATRICULADA NA CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE LISBOA SOB O N.º 35890



DIAS DE INVERNO

As palavras, vício antigo,
lixo, estrume.
As últimas? As primeiras?
Como os ouriços
abrem-se ao rumor do mundo:
o sol ainda verde dos limões,
os esquilos
doutras tardes, o latido
da chuva nas janelas,
os velhos em redor do lume
— nunca foram tão belas.



Eugénio de Andrade

A mão sobrevoa o livro em construção, como o olhar consome a demora sobre o espaço. Vigilância apátrida apertada entre tábuas impressoras, desaguando no silêncio da luz.

Ainda que acendam sombras, **tudo quanto vejo é falso.**

Jorge Fallorca

Fotografia de Paulo Nozolino no Institut Franco-Portugais

O LEITOR DE RUSSOS

Já nascera fiado, mas não gostava de se considerar nocaute. Um sobretudo soava-lhe a golpe baixo, entre a nudez e os joelhos. Desconcerto igual só com aqueles sapatos achados pelo pai num terreiro de feira e com os quais fora obrigado a ir para o liceu. Semanas mortificadas pelo medo de o descobrirem calçando um esquerdo e um direito de números diferentes e de um modelo efeminado.

Inibições de quem tem de seu as unhas e o sabugo e a quem o tigre das obrigações, que cedo lhe pesou nos ombros, distingue com isenção de impostos, sem que provenha o benefício da nobre arte de fugir ao fisco. Nem mesmo quando recebeu a percentagem por sete mil livros vendidos, o seu único soldo nos últimos dois anos, conseguiu respirar fundo. Um frigorífico, um esquentador, um aborto e uma semana estapafúrdia em Sevilha, devolveram-no rapidamente ao quotidiano rasteiro de cobrador de futuros.

Mas ainda queria acreditar no sortilégio do amor, num câmbio distinto do que uma cooperativa de consumo pode sancionar e pôr a saldo. Um sobretudo! A miséria contaminara-lhe o sangue, como serapilheira. Se nesse momento lhe perguntassem o nome não hesitaria: Acaqui Acaquievich.

Retinha poucas imagens da sua vida de casado.

Teimosias. Na véspera do último Natal tinham comprado frutos secos. Na altura de os partir deram conta de que não tinham quebra-nozes. Entreteve-se a partilas na dobra da porta da cozinha, três ou quatro nozes de cada vez, num crac continental. Ela barafustou «isso estraga a porta, deixa mossas na ombreira, estala a pintura... a casa ainda não tem um ano». Ele, mais interessado em comer as nozes do que na saúde da porta, insistiu na eficácia. Trinta minutos de discussão e um Natal lançado à fogueira, e passado entre amuos e oleaginosas. No fim do ano ao esfíncter em aluvião, dava ele um nome de terra.

Amochava há três meses numa agência funerária que ficava ao lado de um ribeiro, três meses de fluido cinismo. Atendia os telefonemas e mantinha o ritcus: «As medidas do defunto? quer esquife de pinho, ou de nogueira? uma coroa de rosas? muito bem, realça sobre o pinho.» Três meses de cores sombrias e de bebedeiras muitíssimo vivazes. Porque só a esperança de uma hepatite renova o equilíbrio emocional ao arauto da morte.

Batia a cabeça contra o granito da tristeza quando sobrevieram dois dias de chuva em corda. Até Noé desviou o olhar do seu cenáculo de almas e alimentou por um instante a crença num terno retorno. O ribeiro habituou-se a outras margens, a uma genealogia mais nobre. A casa mortuária foi das primeiras a sofrer «danos materiais»: uma lenta ascensão de anjos e esquifes. As montras rebentaram pela madrugada do terceiro dia. Uma enxurrada crivou a rua de cruzes, terços, santos, molduras, relicários e de figuras de presépio. Gente mais velha ou mais temente avançava a braços na água pela cintura e catava apressadamente as figurinhas. A ele só lhe chegava do fundo do estômago uma gargalhada que calava por respeito à lividez do patrão. Reparara entretanto que um furinho na base das figuras de presépio as ia enchendo de água. Foi aprendendo a conhecer o momento exacto em que a alma daquelas figuras ficava saturada de água. Mantinham-se à tona largo tempo e de repente precipitavam-se. Reparou aí que ela estava no usufruto do mesmo conhecimento. Ficaram os dois frente a frente com duas figuras de permeio, que iam enchendo de água. Ele esperando pelo gesto dela e ela pelo dele. No último momento ela preteriu o Menino Jesus em favor de um jumento. Desataram a rir sem controlo. E mais quando ela lhe perguntou o nome e ele quis ser solene: «Chamo-me Manuel Branco Natal.» «Não acredito». «A sério, o meu avó era um pândego». Era a sério. Ganhou um casamento no dia em que foi despedido. E ela um apelido: Natal.

Na primeira noite de casados um deless pegou tricomonas ao outro, sem que depois alguém tivesse querido esclarecer quem teria sido infiel a quem na despedida de solteiro. O casamento consumara-se na primeira mentira. Agora, quase dois anos depois, na esplanada, distraía-o a dança da cereja no bueiro, arrastada pelas sobras de um chuvisco, quando o assaltou a suspeita de que a estabilidade do seu casamento se centrava na promessa da mulher em brindá-lo com um sobretudo pelo Natal. Sentiu um coice. Lembrou-se de um filme mexicano «que tens tu sobre os ombros?», pergunta o verdugo. «Um sobretudo, señor Quiroga». «Pois, a partir de agora, disparando, «passa a chamar-se sobrenada». E que fazia à tona do bueiro uma cereja — em pleno Outubro?

Há meses que esperava pelas palavras. Sentava-se naquela esplanada, sob o toldo listrado, e assistia ao declinar da luz sobre os martinis. De vez em quando caía-lhe na mesa uma folha de plátano com a qual, por decalque, tracejava mapas para uma terra confiada ao crepúsculo.

O verão sempre fora mais variado. Esparramachava-se ao canto do quarto e entretinha-se a atingir as moscas com bagos de arroz que soprava por um tubo de plástico. Cotava-se como um expert em artilharia anti-aérea. Esgotava assim os dias enquanto os outros julgavam que escrevia ou que se afadigava no exercitar das anedotas. Ela chegava das aulas, perguntava-lhe pelo labor dos dias e ele vestia por momentos a pele do histrionio, multiplicando-se em guizos que no dia seguinte esqueceria. A indiferença roía-lhe a língua a pouco e pouco e é senda onde não se encontram Virgílios.

Teimosias. Ele guardava uma perpétua saudade de «viande»: coelho, vaca, borrego, cavalo, e mais atavios para os ossos. Ela beneficiara de uma saudável e diversificada formação gastronómica e optara pelo velejar dos legumes. Não exclusiva mas com farto predomínio. Ao cabo de quatro meses cansara-se de alho francês com couve rouxa e de algas com arroz. Olhava a mesa e ia para a varanda resfolegar os olhos pela várzea, muito verde e sem grama de ruminantes. Adoptou então um método terrorista: assim que ela se aproximava com legumes ele pegava num manual de alimentação racional e conferia em voz alta os índices proteicos. Tabelava cientificamente cada rodela de cebola. Começaram aí, na listagem das propriedades bioquímicas, algumas discussões de arromba.

Gostava dela? Gostava de a ver rir. Sentia-se-lhe o sexo quando ria. E nas suas coxas imaturas nunca se sentira desempregado. Gostava ainda mais da forma como ela contava. Quando se referia a alguém nunca se lhe referia pelo artigo, usava-se dos nomes como clavas. Assim lhe tornava íntimos todos os seus desconhecidos mesmo que por vezes, a catadupla de nomes tornasse a conversa absolutamente abstracta. Mas nos últimos tempos masturbava-se imaginando-a com outros, o seu nome era já um desses nomes que desconhecia, e isso era já uma despedida.

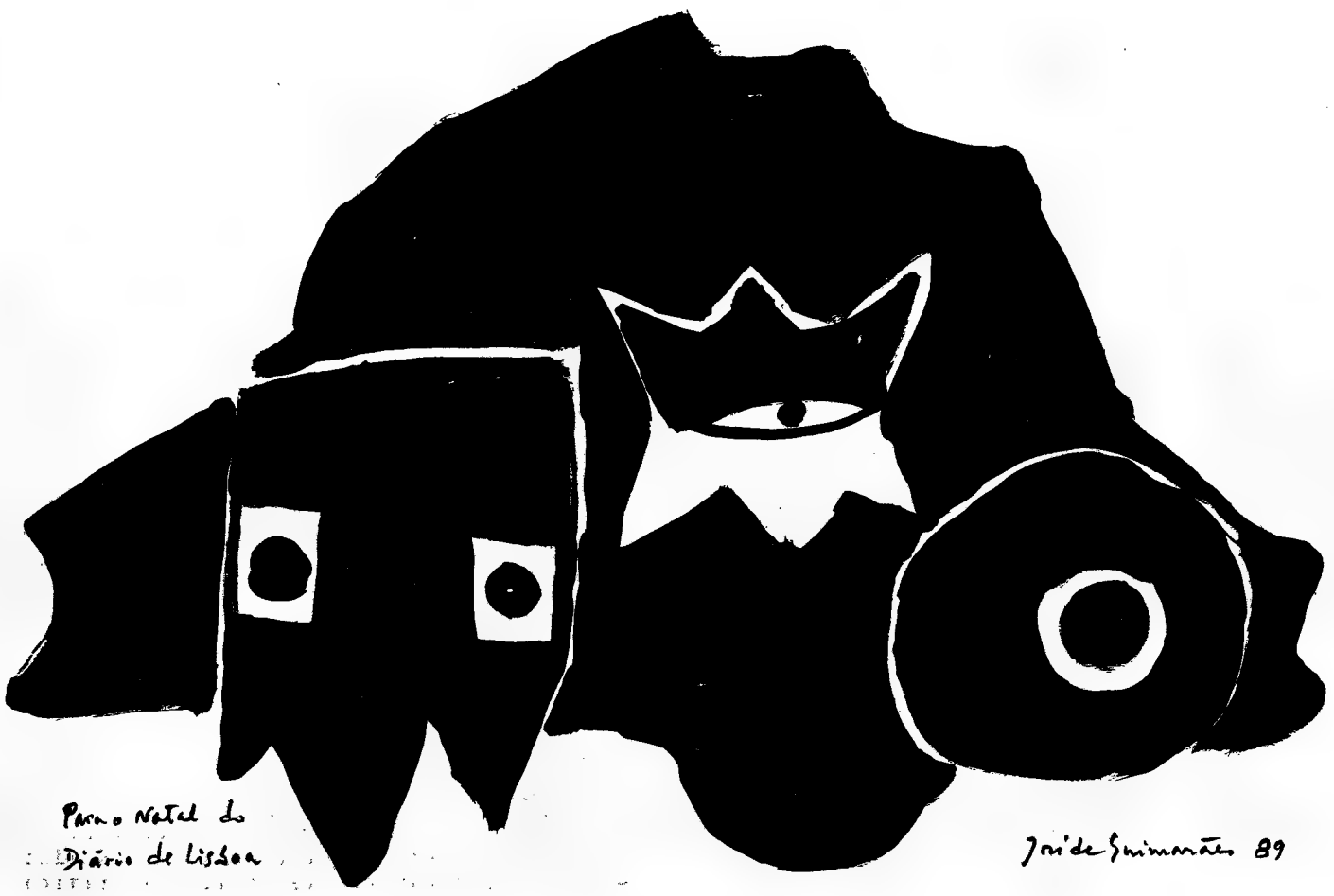
Às seis da tarde, quando a mulher regressou do trabalho, seguiu-a com o olhar no arco da rua. Excitou-se no seu andar bamboleante e desejou-a inexpugnável, distante. Ela não olhou para a esplanada, a ver se ele lá estaria, como seria normal. «Um sobretudo?», esborrachou a cereja no tronco de um plátano.

«Caí na rede dos amores burgueses, é o que é», pensava a caminho da gare. É a vantagem de morar na periferia das coisas: há um centro para fugir, uma esperança de anonimato para o entendimento que lacera. No átrio do edifício realizavam-se obras. Uma britadeira pegava num homem pelos braços e sacudia-o num estalar de ladrilhos.

Comprou um jornal popular, e mergulhou nas páginas do Correio Pessoal. Aqueles pequenos colapsos, hábitos e denúncias de uma urbe que enquadrava a sua solidão, são uma fonte de chamamentos. Mulher de trinta anos procura companhia? Onde? Em Santos-o-Novo? O comboio começou a aproximá-lo do seu novo endereço.

Pelo fim do ano, o frio que lhe cerzia os pulmõess fê-lo ter saudades do sobretudo. Sobrenada.

José Dias Neves



Quase completamente ignorada e esquecida, nos nossos dias, pelos órgãos de comunicação, a poesia perdeu também, há muito, esses espaços privilegiados que foram, sobretudo até ao começo da década de 60, as revistas e os cadernos onde se agruparam poetas, se revelaram gerações, se manifestaram tendências.
No novo Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» haverá uma área para a atenção à poesia. Porque pensamos que é, principalmente, de um problema de atenção, ou de falta dela, que se trata. A atenção conduz ao rigor e é deste critério que, antes de mais, nos reclamamos. Ver o que deve ser visto, discutir o que deve ser discutido (independentemente dos cortes geracionais e dos exclusivismos das correntes, que não faria sentido ter aqui em conta) — um objectivo claro e um compromisso com a única coisa que nos interessa: a tensão, a densidade, a espessura inalienáveis da linguagem poética, aquele «equilíbrio das palavras entre si» de que fala Sophia de Mello Breyner. A poesia será, porventura, ***só uma*** *— na condição de que seja sempre poesia.*
Em homenagem às publicações que largamente contribuíram para conformar a história da nossa poesia nas décadas de afirmação da sua modernidade, chamámos a estas páginas Revista de Poesia. E é isso, precisamente, que queremos que elas sejam: um lugar para ***rever*** *a poesia.*

Gastão Cruz

UM ROSTO DE NATAL

Caiu sobre o país uma cortina de silêncio
a voz distingue o homem mas há homens que
não querem que os demais se elevem sobre os animais
e o que aos outros falta têm eles a mais
No dia de natal eu caminhava
e vi que em certo rosto havia a paz que não havia
era na multidão o rosto da justiça
um rosto que falava quanto a voz calava
um rosto que chegava até junto de mim da nicarágua
um rosto que me vinha de qualquer das indochinas
num mundo onde o homem é um lobo para o homem
e o brilho dos olhos o embacia a água

Caminhava no dia de natal
e entre muitos ombros eu pensava
em quanto homem morreu por um deus que nasceu
A minha oração fora a leitura do jornal
e por ele soubera que o deus que cria
consentia em seu dia o terramoto de manágua
e que sobre os escombros inda havia
as ornamentações da quadra do natal
Olhava aquele rosto e nesse rosto via
a gente do dinheiro que fugia em aviões fretados
e os pés gretados de homens humilhados
de pé sobre os seus pés se ainda tinham pés
ao longo de desertos descampados
Morrera nesse rosto toda uma cidade
talvez pra que às mulheres de ministros e banqueiros
se permita exercitar melhor à caridade
A aparente paz que nesse rosto havia
como que prometia a paz na indochina a paz na alma
Eu caminhava e como que dizia
àquele homem de guerra oculta pela calma:
se cais pela justiça alguém pela justiça
há-de erguer-se no sítio exacto onde caíste
e há-de levar mais longe o incontido lume
visível nesse teu olhar molhado e triste
Não temas nem sequer o não poder falar
porque fala por ti o teu olhar
Olhei mais uma vez aquele rosto era natal
é certo que o silêncio entristecia
mas não fazia mal pensei pois me bastara olhar
tal rosto para ver que alguém nascia

Ruy Belo in Transporte no Tempo

NATAL – 1950

Nenhum Natal será possível: sei
que tudo enfim suspenso aguarda
não já Natais sempre de guerra mas
a morte iluminada como aurora
entre esta gente que se junta rindo
e as luzes interiores, muitas cabeças juntas;

entre as lágrimas de ternura e os murmúrios de esperança,
entre as vozes e os silêncios, as pedras e as árvores,
entre muralhas de janelas sob a chuva,
entre agonias dos que lutam porque são mandados
e a cobarde angústia dos que apenas mandam,
no meio da vida, no círculo do fogo,
à luz de que se vê uma calçada suja
de restos de comida e de papéis rasgados
— se sei, embora saiba, quanto soube:
ah canto do meu canto, olhar do meu olhar,
nenhum Natal, bem sei, mas outra gente,
e tanta gente, e mesmo que um só fosse,
já louco, envelhecido, apenas hábito,
que poderei fazer, senão humildemente
cantar?

25/12/50

Jorge de Sena in Poesia — 1 (1961)

* Este poema faz parte da sequência dos *Natais*, in *Pedra Filosofal* (n. do A.)

A poesia contemporânea portuguesa e o fim da modernidade de Fernando Guimarães

Editorial Caminho, Lisboa, 1989

O volume em epígrafe inaugura uma colecção, «Estudos de Literatura Portuguesa», dirigida por Isabel Pires de Lima e Óscar Lopes. O seu autor, Fernando Guimarães, é um dos mais atentos e creditados estudiosos da poesia portuguesa contemporânea. Os seus estudos, conforme salientou Óscar Lopes na apresentação a *A poesia da «Presença» e o aparecimento do neo-realismo*, de 1969, são orientados por uma perspectiva em que é concedida decisiva importância a «linguagem», à «expressão».

Aceitando a sugestão feita pelo A, na «Introdução», o segundo capítulo da primeira das três partes em que se divide *A poesia portuguesa contemporânea e o fim da modernidade*. «Do modernismo à crise das vanguardas», pode ser visto como o «núcleo» do livro, a que não seria despropositado agregar os outros textos de tipo panorâmico, designadamente o primeiro capítulo da primeira parte. «Antecedentes e desvios românticos» e o texto, que preenche totalmente a terceira parte «Do modernismo ao pós-modernismo, um caminho possível?». A ordem de leitura a propor, partindo naturalmente do breve texto introdutório, poderia, pois, passar dos dois capítulos da primeira parte para o capítulo único da terceira, só depois atendendo aos capítulos da segunda parte. «Várias direcções da poesia entre os finais da década de 50 e os anos 80», em que se consideram poetas do período a que o título se reporta, ora individualmente, ora em pequenos grupos em função das afinidades que o A, neles descortina, ora integrados em panoramas, mas de âmbito mais reduzido que os acima citados. Ficaria, assim, evidenciada a importância do romantismo e do simbolismo como matrizes do modernismo, ao mesmo tem-

cont. na pág. 6

cont. da pág. 5

po que mais fácil se tornaria seguir o percurso realizado pela lírica contemporânea nacional, estabelecido, aliás, já com apreciável consenso pela nossa tradição crítica recente, até atingir, na passagem dos anos 70 para os anos 80, o ponto de crise que remeteria para o fim da modernidade a que o título da obra se refere.

Num passo do último capítulo, e a propósito de um artigo de Delfim Santos sobre Meidegger publicado no n.º 4 da *Revista de Portugal*, fala-se de uma «poesia que se volta (...) para a linguagem, para a imagem, para o símbolo». Ora tal poesia corresponde precisamente à tradição próxima em que se integra, em termos nacionais, a própria prática poética de Fernando Guimarães, e que tem no Nemésio de *Eu, comovido a Oeste*, 1940, e no Cinatti de *Nós não somos deste mundo*, 1941, dois dos seus pontos de referência mais salientes. A importância da tendência que esses e outros autores afins, nos começos da década de 40, representam — «uma tendência onde (...) se afirma o recurso à linguagem simbólica, à metáfora e à imagem» — não deixa de ser convenientemente assinalada quer em «Do modernismo à crise das vanguardas», quer em «Do modernismo ao pós-modernismo: um caminho possível», e sempre no sentido de a inserir num desenvolvimento do nosso modernismo não identificado com as propostas de vanguarda. Embora em Guimarães, no exercício da sua actividade crítica, não seja um exemplo extremo de escritor-crítico, no sentido em que Leyla Perrone-Moisés define tal figura em três artigos publicados na *Colóquio/Letras*, «Escolher e/é julgar» (n.º 65), «História literária e julgamento de valor» (n.º 77) e «História literária e julgamento de valor — II» (n.º 100) — o escritor-crítico, segundo a ensaísta brasileira, orientaria a sua intervenção crítica em função de um *fazer*, da sua própria obra — , o caso é que o que ele tende a valorizar nos autores estudados se prende, no essencial, com a linguagem, a imagem e o símbolo.

Como quer que seja, a mão que orienta a viagem que, aqui, se propõe, à nossa lírica contemporânea, não poderia ser mais segura. Nem mais esclarecedora a rota traçada. Limpam-se pelo caminho equívocos que pareciam inamovíveis, como os que, durante largos anos, alimentaram a confusão entre modernismo e vanguarda. Não se esquece a tradição onde radica o modernismo, que muita da nossa crítica contemporânea insistiria em ver desligado das suas matrizes. Precisam-se conceitos como os de novo romantismo e neo-romantismo. E fazem-se advertências pertinentes relativamente às contradições que, indubitavelmente, abalam as opções poéticas para as quais um termo como pós-modernismo, com maior ou menor acerto, tem servido de bandeira. Não importa se o convite feito pelo A, no termo do último capítulo a que sobre elas se medite será ou não atendido. O mais importante será, afinal, saber que, independentemente da pertinência das designações, a *crise* da modernidade não implica necessariamente a existência de uma crise na nossa poesia mais recente, herdeira consciente de uma tradição que lhe permite olhar o futuro com confiança.

Fernando JB Martinho

REQUIEM

Quando todos os séculos regressam,
anoitecendo, à sua beleza,
sobe ao âmbito universal
a funda unidade terrena.

Então a nossa vida alcança
a alta razão da sua existência:
todos somos reis iguais
na terra, rainha completa.

Vemos-lhe as têmperas infindas,
escutamos-lhe a voz imensa,
sentimo-nos acumulados
por suas mãos verdadeiras.

Seu mar total é nosso sangue,
a nossa carne é a sua pedra,
respiramos o seu ar uno,
seu fogo único incendeia-nos.

Ela está com todos nós,
e todos nós estamos com ela:
ela é bastante para dar-nos
a todos a substância eterna.

E tocamos o zénite último
com a luz em nossas cabeças,
e detemo-nos com a certeza
de estar no que já mais se deixa.

Juan Ramón Jiménez
(trad. José Bento)

OS LIVROS DE DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE MAIS VENDIDOS EM PORTUGAL

LIVROS FUNDAMENTAIS PARA UM VERDADEIRO CONHECIMENTO DOS PROBLEMAS DA PERSONALIDADE E DO DESENVOLVIMENTO MENTAL.

BRASÍLIA EDITORA
PORTO LISBOA

o exercício lírico

A MINHA POÉTICA NOS ANOS 60

«memorandum» talvez para os críticos

1. O substantivo

Comecei palavra a palavra. Assim: Água significa ave (primeiro verso de *Morfismos*, 61) ou *O substantivo é audível / como de cada vez um óvulo.*

A poesia estava quase numa única imagem avassaladora, que coincidia quase com uma única palavra. Tão avassaladoras que eram totais, uma a uma. Recordo que entre amigos fiz um jogo; dizia-lhes, dizia a cada um: a palavra água, por exemplo, de chofre, que imagem concita? Um dizia água: barco; outro água: núvens; outro água: tanque. Mas não, não parti das evocações dos outros! Parti, desde logo, do meu eterno léxico: Água significa ave. Sempre tinha sido assim, e assim continua. Então, o conhecimento e a memória eram pontuais. Uma palavra em equilíbrio com o seu referente imagético/verbal. Quase sempre equilíbrio de sons: assonâncias, ecos, ritmos sincopados mínimos, repetidos. E a obsessão visual, um êxtase, mais do que uma metodologia estilística. Sim, da estrutura gramatical emergiam seres verbais quase biologicamente iniciais e vivos (de cada vez um óvulo): água era um substantivo: um ente de substância verbal e imagética. Era, pois, uma poética do substantivo e, pela soma das presenças desses entes e suas significações (água significa ave), a poética de um léxico, no sentido próprio.

2. O nome

Segue-se, após alguns anos de mundo, a passagem do conhecimento substantivo e ôntico, de palavras, uma a uma codificadas no seu significado de evocação primeva pessoal (léxico pessoal próprio) a uma noção, um conceito. Por esta e por este, um nome surge. Não puro dado da experiência sensorial, não memória imagética. não material bruto da vivência ou da gramática, que é a primeira organização poética da palavra. Mas sim o de uma fase filosófica: a palavra água torna aparente a visão da ave, que só existia agora, pensada e dita, em nome. Disse, em Barcas Novas, 67: Esta manhã / hoje / é um nome. Mas podia ter dito: Esta água / hoje / é um nome.

Então, senhora do nome, aquiesci perante mim, que vivia, como Eu lírico. Estou a recordar-me da:

PEDRA EM EXPANSÃO

Diz não são os anos que passam
é a pedra

Não o tempo
o que por mim passa
mas ela
que somente acompanha

Diz não passam anos
para a minha idade
só uma pedra está

Descoberto o nome e o eu lírico, os enunciados pessoais, chamados poemas, tornaram-se potencialmente infinitos. Os ritmos, mais eufónicos e um pouco cantantes.

3. O discurso

Nesse decénio memorável, em que os meus olhos e o meu cérebro se ligaram por novos canais, em que já não me chegava abrir as pupilas para o êxtase ou ler a estética de Hegel, quando fisicamente sentia o peso de cada coisa minha nos olhos (em 61), e me aconteceu a grande sucção do cérebro para a fronte e para a testa como para um lago. Passados mais dois anos após a descoberta do nome; ele sim, depois, identificador dos entes: O mesmo nome tem uma casa ou um vale / entre montes (Barcas Novas) é uma reiteração filosófica da anterior asserção empírica Água significa ave.

Nesse decénio memorável, dizia, a minha poesia, dentro da minha cabeça, expandindo-se dos êxtases coisificados (61) até a consciência da nomeação e do sujeito, que já memoravam pequenas cenas e paisagens (67), chegou, pela sua avidez e pela aceleração infinita do sujeito quando vive, até ao discurso poético literalmente discursivo, longo, enunciativo e confessional.

Como de Poesia se tratava, o que ficou longo e enunciativo, ao desencadearem-se o nome e o sujeito em cumulações confessionais, foram os versos. Para caberem nos poemas, os meus nomes e o meu sujeito tiveram de alongar os meus versos em 69. Recordo-vos o que disse então: comecei assim um poema intitulado Matinal, de (Este) Rosto (1970), por exemplo:

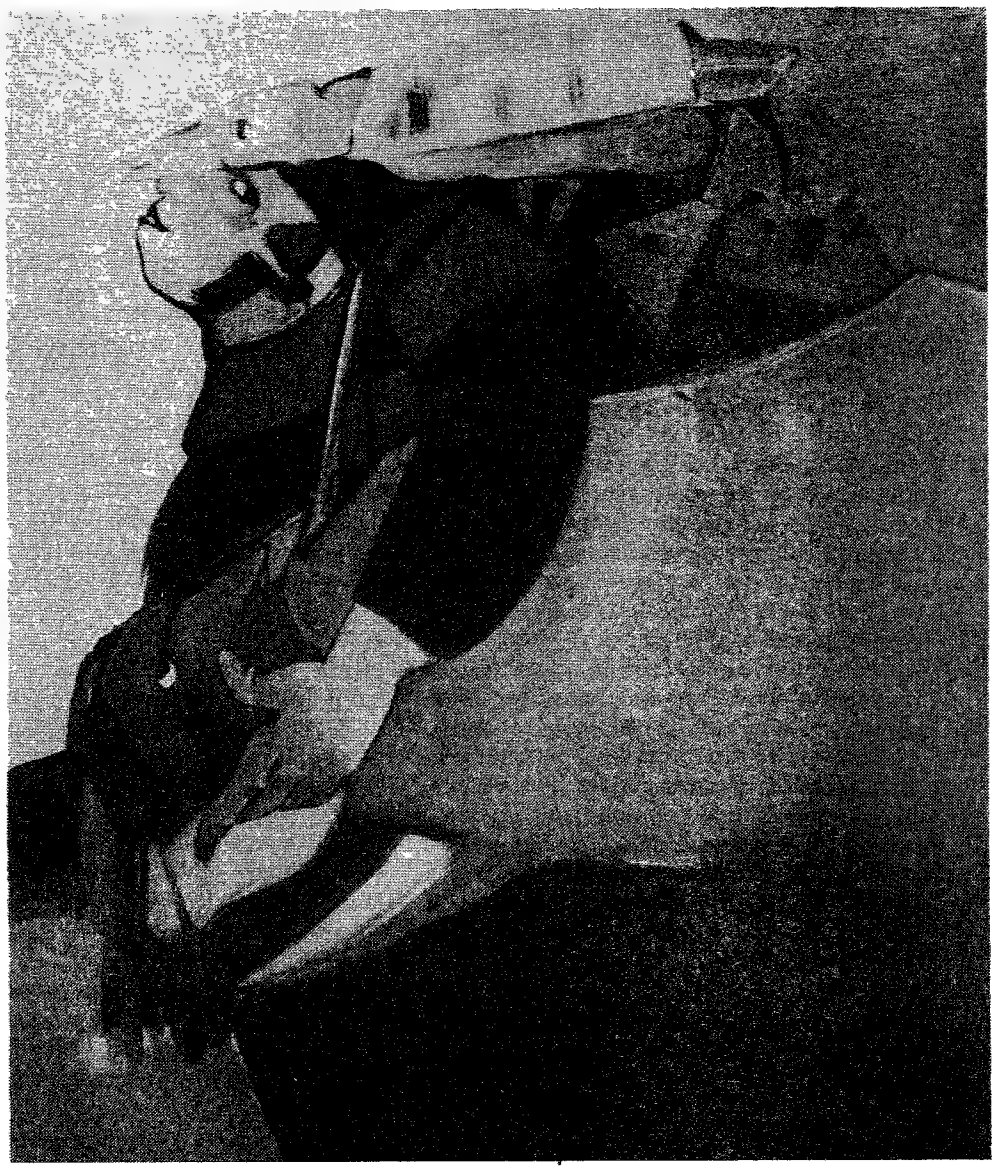
Não é o mar que nos oculta ou reconduz esses navios,
os de sextantes, da renascença, para além deste coração plácido,
mas a própria terra, a que contém a elevação das árvores, em corte ao vivo, em serrações,
estas marés dos campos (sedimentos) vulneráveis, estes vários
ocasos, turíbulos, os da névoa (que une o que é diverso; noite e o dia).

Claro que os canais ligavam agora os olhos, o cérebro e o coração, acabei de o dizer. E as cadências espraiavam-se com pequenas rupturas, e rupturas, de rupturas, como manchas e meandros.

Tudo isto se passou nos anos 60. Não foi nada singular, tive como companheiros poetas meus contemporâneos e futuros.

Fiama Hasse Pais Brandão

as TAMAREIRAS também são ÁRVORES DE NATAL



Largos quilómetros de deserto tinham servido de campo de batalha. O seu exército deixara o oásis que ocupava para vir surpreender longe, de madrugada, o inimigo. Uma granada que rebentara perto ferira-o na cabeça e deixara-o inconsciente por algumas horas. Quando retomou o conhecimento, estava só, fraco e coberto de sangue. Uma sede enorme atormentava-o, bebeu uns goles da água morna do cantil, e levantou-se cambaleando. Andou a custo, por entre as dunas escaldantes e, aqui e ali, foi deparando com cadáveres de um e outro exército. Lavou-se com os cantis de dois mortos e amarrou um lenço à volta da cabeça para suster a hemorragia. Não encontrou ninguém vivo, e dispôs-se a caminhar, na esperança de alcançar o oásis e de que fossem ainda os seus que o ocupassem.

Uns passos adiante, numa sobra exígua, viu, com surpresa, um soldado inimigo que lhe pareceu ferido numa perna. O primeiro pensamento foi o de apontar-lhe a espingarda, mas uma alegria inesperada por encontrar companhia foi superior ao instinto. O outro assustou-se, ao reparar nele, e preparou também a sua defesa. Levantou o braço esquerdo e acenou-lhe sorrindo. Não fazia sentido que se destruíssem; deviam ser, os dois, toda a vida que restava naquele campo de morte. Sentou-se a seu lado e, quase sem palavras, ajudou-o a cuidar da perna que sangrava.

«Temos de alcançar o oásis.»

«Não sei se resistirei até lá. Mas, se o conseguirmos, haverá lugar apenas para um de nós.»

Era verdade. Chegar ao oásis só salvaria um deles. O outro seria certamente torturado e morto, porque assim tratavam ambas as partes os prisioneiros.

Marchavam penosamente, com a esperança dividida. De vez em quando, paravam para aliviar o garrote da perna por uns instantes, para molhar a ferida da cabeça com umas gotas de água.

«Que vamos fazer se atingirmos o oásis?»

«Se os teus estiverem lá, prefiro que me mates.»

«Também eu te peço o mesmo.»

Deram a sua palavra que isso seria lei entre eles.

Iam seguindo os rastos que os exércitos tinham deixado claramente, um decerto em fuga precipitada, o outro em perseguição implacável.

«Escrevi ontem cartas para os meus pais e a minha namorada. Se ficares tu, envia-as, se puderes. Não digas que morri, deixa-os viver mais uns dias sem o saberem.» Tirou uma carteira com fotografias. «É linda, esta rapariga, não é?»

O calor não diminuía. Bebiam poupando a água, mas não podiam parar. Se a noite os surpreendesse, perderiam os rastos que seguiam, e talvez nenhum deles resistisse até ao dia seguinte.

«Se estivesse em minha casa, a esta hora começava a preparar o presépio e a áravore de Natal. Com certeza ninguém vai ser capaz de o fazer.»

Chegavam a pensar que era impossível irem até ao fim da viagem. O corpo pesava-lhes cada vez mais para umas forças que o eram cada vez menos.

«Devemos estar perto.»

E estavam. Pouco depois, avistaram as tamareiras do oásis. Apressaram o passo como puderam, fixando os olhos em busca da bandeira que definisse os vencedores da batalha.

«É a minha!» Foi uma explosão de alegria. Mas, imediatamente, pensou no companheiro, e pediu-lhe perdão com lágrimas nos olhos.

«Eu teria feito o mesmo.» Deu-lhe as cartas e a fotografia da namorada. «Guarda-a.» Pôs-se à espera da morte.

O outro preparou a pistola, e ficou parado sem coragem para cumprir o contrato. Queria uma palavra dele a pedir que o não matasse.

Olhou o cano da arma, apavorado, sem saber o que faria se a situação lhe fosse favorável, mas não se atreveu a suplicar que o novo e já perdido amigo faltasse à lei criada pelos dois.

Era uma espécie de Deus, a dispor da vida e da morte.

Sabia que, se falasse, teria, pelo menos, mais uma hipótese ainda.

«Pede-me que te deixe viver.» Não o disse, foi um pensamento apenas.

«Tem a misericórida de ser superior à lei que nós criámos.» Olhava-o calado, no entanto.

Aquela cena não fazia sentido. Sabia lá se teria tido ânimo de chegar ali sem a presença dele.

Tinham andado juntos a viagem...

Morria também, de algum forma, com o amigo.

De certa maneira, continuaria a viver na memória do companheiro, o que era pouco.

Por que não quereria ele viver?...

A vida era tudo o que tinha...

Ambos calados sempre, no entanto.

Um tiro. Parecia-lhe ter matado o que restava da Humanidade.

Não entrou no oásis com um sinal de alegria que fosse. E, mais do que exultarem com a presença dele (iam voltar ao lugar da batalha para identificarem os mortos), deram-lhe a grande novidade de que haviam começado, uma hora antes, três dias de tréguas de Natal.

Daniel de Sá

EDIÇÕES AFRONTAMENTO
R. Costa Cabral, 859 - 4200 PORTO

DISTRIBUIÇÃO
AUDIL, LDA.
Rua Cidade de Cádiz, 14/B — 1500 LISBOA
Tel. 7265859
Rua Adolfo Casais Monteiro, 16 — 4000 PORTO
Tel. 668517

EM BUSCA DO UNICÓRNIO

E assim chegaram as festas do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo que ali são na estação quente como Agosto e naquele dia vestimo-nos com os nossos melhores atavios e montámos um mui brilhante altar de madeira, com certas toucas e baetas de muita vista, no meio do cortil e frei Jordi disse missa cantada a que assistimos todos mui devotamente e Federico Esteban tangeu música mui gentilmente, que em fechando os olhos nos parecia que estávamos na Igreja Maior se não fora pela míngua de incenso. E dita a missa, frei Jordi baptizou mui solenemente o seu criado o Negro Manuel e foi a madrinha Inesilla e o padrinho da vela fui eu. E logo lhe demos prendas como é costume e eu dei-lhe um gorro de lã que não pensava que me fosse servir mais com aqueles grandes calores que sofríamos, e Inesilla deu-lhe uma fiada de cristais. E logo fizemos colação e comemos muitos frutos da terra aos quais já nos íamos acostumando e que são estranhos em grande maneira e mui gordurosos e doces e a seguir carne assada que tínhamos caçado na véspera. E tivemos todos grande contentamento e, embora faltasse o vinho, cantámos muito bizarramente e fizemos mui grandes festas de convites e salas e dançámos e bailámos como nestas festas se faz. E no outro dia amanheceu com grande multidão de negros às portas do cortil que pediam baptismo com muita devoção postos de joelhos e frei Jordi acorreu de lágrimas nos olhos mui fortemente chorando e disse que Deus Nosso Senhor tinha feito o milagre de se converterem tantos no dia em que comemorávamos o seu Nascimento. E visto o prodígio logo tombámos todos de joelhos e entoámos o «Te Deum Laudamus» mui devotamente cantando. E toda a manhã estivemos a baptizar negros na margem do rio como se aquele fosse o Jordão, mas à tarde correu a voz de que a estes já não lhe davam gorros de lã nem fiadas de contas de cores nem prenda nenhuma e logo lhes passou a fé e se retiraram todos dizendo mui feias palavras de enfado nas suas línguas africanas. E ficou frei Jordi mui aborrecido no meio da água e pesaroso e sofredor de ver quão pouco consistente é a fé humana e não lhe voltámos a ver boa cara durante dez ou vinte dias.

De tudo o qual todos tivemos grande e proveitoso ensinamento.

Juan Eslava Galán

NATAL DAS ILHAS

À Maria e ao Manuel Pinheirinho,
primos-irmãos

Natal das Ilhas. Aonde
O prato do trigo novo,
A camélia imaculada,
O gosto no pão do povo?
Olho, já não vejo nada.
Chamo, ninguém me responde.

Natal das Ilhas. Serão
Ilhas de gente sem telha,
Jesus nascido no chão
Sobre alguma colcha velha?

Burra de cigano às palhas,
Vaca com língua de pneu,
Presépio girando em calhas
Como o eléctrico, tu e eu.

Natal das Ilhas. Já brilha
Nas ondas do mar de inverno
O menino bem lembrado,
Que trouxe da sua ilha
O gosto do peixe eterno
Em perdão do seu passado.

Vitorino Nemésio in **Sapateia Açoriana**

NO TEMPO DOS JESUÍTAS

Quando não podem recorrer à força, os jesuítas valem-se de artimanhas ou da zombaria. Se, por tais processos, conseguem, em vez de o aniquilar, converter um homem-deus, este pode vir a ser-lhes útil. Assim acontece com Zaguaçari, messias disforme, cuja influência se estendia até aos Guaranis que viviam entre os espanhóis e até aos cristãos muito antigos. Atrai ao seu retiro grande multidão de peregrinos e promete-lhes colheitas prodigiosas se eles se não mostrarem mesquinhos nas oferendas. O padre Ruiz de Montoya envia-lhe emissários carregados de presentes, com uma mensagem cheia de elogios, em que lhe pede a honra de uma visita à sua redução. Reticente de princípio, Zaguaçari acaba por aceitar e chega no dia de Natal. É recebido com magnificência. Depois, os missionários explicam-lhe a solenidade daquela festa. Dignar-se-ia ele participar em tais regozijos, prestando-se a um jogo muito da predilecção dos cristãos? Seduzido pela promessa de uma generosa recompensa em caso de vitória, o índio consente que lhe vendam os olhos para o jogo da cabra-cega. Alguns jovens dedicados aos jesuítas dão-lhe a réplica; subjugam-no com lisonjas grandiloquentes; imitam-lhe o andar deselegante; puxam-lhe pelas abas das vestes; dão-lhe encontrões; atiram-no ao chão; enfim, fazem-lhe tantas ou tão poucas partidas que o pobre homem se converte em objecto de troça até para os próprios discípulos, ao ponto de os jesuítas o terem de subtrair à fúria do povo. Recolhem-no na sua casa, e o deus destituído converte-se em criado dos sacerdotes de Jesus Cristo, tendo por missão varrer a cozinha e o adro da igreja. Converte-se, vai à missa todos os dias e prega a palavra da verdade aos pagãos que continuam a fazer-lhe visitas.

Maxime Haubert

erário

a de JNRJ

COLOMBO

24 de Dezembro de 1492

Pouco avançaram os dois navios durante todo esse dia de vento fraco e corrente contrária(...).

No momento em que, pela segunda vez nesse quarto, a areia se esvaziou na ampulheta a indicar que era a hora santa do Natal, a «Santa Maria» resvalava sobre um recife da baía do Caracol, tão docemente que ninguém a bordo acordou. A atenção do grumete só se alarmou quando sentiu o leme raspar no fundo e ouviu depois já muito perto o barulho da ressaca. Então, sem perder um momento dá o alarme. É o almirante o primeiro a acudir, logo seguido por Juan de la Cosa todo esbofado a sair da sua cama, e bem depressa toda a ponte se enchia de homens espavoridos, atroando com gritos, ordens, apitos, pragas, imprecações, a imensa calma da noite.

Num relance Colombo deu-se conta da situação. A «Santa Maria» encalhava docemente pela proa; e como o seu calado de água era maior à ré do que a vante, o único meio de a pôr a reflutuar era largar uma âncora na água profunda, amarrar o cabo ao guincho de vante e safar o barco pela po-
[illegible]a(...).

A celebração do primeiro Natal no Novo Mundo não foi pois assinalado por missas, cânticos, hossanas de júbilo, mas por uma azáfama febril. Urgia salvar toda a carga e equipamento da «Santa Maria». Ao alvorecer foram a terra Diogo de Harana e Pedro Gutierrez, incumbidos de pedir auxílio a Guacanagari, enquanto Colombo ia noutra chalupa ao seu navio. Assim prevenido, o grande cacique mandou-lhe imediatamente todas as suas pirogas e numerosos índios para descarregarem o barco; e tão lestamente trabalharam que, a 25, ao anoitecer, a pesada tarefa ficava quase cumprida. Ele mesmo e os seus irmãos se puseram de guarda, a bordo e na praia, para que nada fosse roubado; e Colombo atesta que nem um ferro, nem uma tábua ou um prego lhe desapareceram, se bem que se tornasse forçoso fazer vários furos no casco para se chegar a certos lotes da carga nos porões. «De tempos a tempos — anota Colombo — o cacique mandava-lhe em pranto um dos seus parentes para o consolar, assegurando-lhe que não tinha que se apoquentar ou desolar, porque ele lhe daria tudo quanto possuía.»(...)

Nunca a elaboração dos raciocínios de Colombo se desvenda mais nitidamente do que no que ele escreveu no dia seguinte ao Natal de 1492. Chegara à conclusão de que o naufrágio da véspera tinha sido coisa de Deus, para lhe permitir que descobrisse a mina de ouro de Cibao e fundasse naquelas paragens uma grande colónia. Nem a pobre «Santa Maria» lhe merece mais as suas graças. «Era — escreve ele — muito pesada, ronceira, de todo incapaz para a exploração». Remata com o voto piedoso de que os homens que lá deixar poderão armazenar por troca um bom tonel de ouro, achar a mina de ouro e especiarias, e permitir assim aos Reis Católicos reconquistar em três anos o Santo Sepulcro.

Samuel Eliot Morison

DIÁRIO DE UM CONDENADO POLÍTICO

25 de Dezembro (fortaleza de S. Miguel)

Esta noite, no calabouço dos marujos, andaram às facadas. A sentinella bradou — ás armas! — houve correrias pela esplanada e a guarda formou em cordão para conter os condemnados. Pela porta do calabouço, aberta á pressa e entre gritos sahiu um roldão d'homens, praguejando. Um sargento, de bayoneta em punho, agarrou por um braço o Assumpção — porque todos diziam ser o Assumpção — e, a grandes passadas, levou-o para a prisão isolada. O primeiro que sahiu ferido foi um da 3.ª; não quiz dizer quem tinha sido e mostrando o braço a escorrer sangue, affirmava que não era nada. Mas logo atraz veio um outro, com uma facada nas costellas, e poz-se a luctar para ir ter com o Assumpção. Agarraram-n'o, houve confusão, soccos, gente tinta de sangue, e uma voz disse ameaçadora: — Olhe que está nas mãos d'um homem! O ferido esmoreceu e veio cahir aos meus pés, de ventre para o ar, os braços abertos, as mãos crispadas. Reclamou-se a maca immediatamente; o official de inspecção mandou tocar a cabos de dia e, n'aquelle tumulto, o clarim poz um calafrio.

— A caixa! disse do chão o homem ferido.

Logo todos gritaram pela caixa, que havia ficado no calabouço e tinha dez tostões dentro e tabaco.

— Já está guardada, disseram de longe.

— Dez tostões! repetia o ferido.

O da facada no braço continuava de pé, o braço pendente, os dedos a gottejarem, a confirmar que não era nada.

A maca veio, entre gente a correr; um sargento gritou: — dois homens para os pés! o ferido foi levantado do chão e encafuado cautelosamente na maca. — Não lhe toquem na costella! Entre ais, o ferido repetiu: — A caixa! cuidado com a caixa! tem dez tostões dentro!

A maca abalou, pela rampa do revelim. Tocou-se à limpeza, e este novo toque de clarim, chamando à faina de todos os dias, pareceu restabelecer o socego.

Mais tarde o doido, que tinha sido posto em liberdade, foi acommettido de um novo accesso e andou a rolar pelo chão. Doze homens enleiaram-n'o em cordas e de novo foi mettido no «Segredo», aqui ao lado, porque no hospital se recusam a receber doidos. Cá está a gritar que lhe abram a porta.

Esta noite tambem promette. É a do Natal.

João Chagas

(1892 — 1893 — 1894)

biblioteca de JNRJ

OS MENINOS DO CERCO

Campo de refugiados palestinianos em Beirute. Dia de Natal. Pauline Cutting faz a sua viagem ao fundo da noite.

O dia de Natal amanheceu como qualquer outro. Logo de manhã fui assistir o dr. Aissan numa difícil cesariana. O bebé, uma menina, nasceu às oito e trinta.

Em seguida dei uma volta pela enfermaria distribuindo os postais de Boas-Festas que tinha feito. As pessoas desejaram-nos um Natal feliz e Noé afixou no quadro onde costumávamos colocar as escalas de serviço, o cartão que eu fizera para o pessoal da sala de operações. Depois fui ao abrigo do hospital observar um jovem que fora amputado a uma perna. Tínhamos tentado estabelecer como regra que as famílias e outros visitantes deveriam abandonar os quartos no momento dos curativos, uma vez que a maioria dos pacientes não queria que as suas feridas fossem expostas em público. À medida que se retiravam, Imad, o jovem amputado, começou a ficar impaciente e a resmungar. «Vamos embora, ponham-se todos na rua!»

Na cama ao lado estava Sofaa, um jovem que ficara quase cego devido a um jacto de areia. Com ambos os olhos vendados chamou pelos amigos: «Esperem aí, para onde vão? Que se passa?»

«Vão fazer-me o curativo e têm que sair todos!», disse Imad indignado.

Sofaa protestou e começaram a discutir. A certa altura, Imad gritou: «Cala-te ou corto-te a cabeça!»

«Cala-te tu ou corto-te uma perna!», berrou Sofaa.

Toda a gente se silenciou.

«Ele sabe que perdeste a perna?», murmurei a Imad em árabe.

«Sim, ele sabe», retorquiu o jovem olhando carrancudo para Sofaa. «Quer cortar-me a outra!»

Para meu alívio ambos desataram a rir acanhadamente.

A manhã passou-se tranquilamente. Tivemos apenas que tratar alguns feridos atingidos por estilhaços de granada. Ia descer até à clínica para o jantar de Natal com o Ben, quando ouvi o som de passos apressados. Havia pânico no corredor e dois jovens foram levados para a emergência. Um deles já estava morto, e tinha ferimentos terríveis. O outro apresentava múltiplas fracturas crâneanas e estilhaços profundamente incrustados na cabeça.

Após os dois primeiros pacientes terem sobrevivido à neurocirurgia, tentei uma outra, mas fui incapaz de parar a hemorragia. Noé disse-me: «Já vi muitos casos destes. Mesmo com as melhores mãos e os instrumentos mais adequados, são irrecuperáveis.»

Decidimos então guardar os nossos esforços e recursos para os pacientes que se encontravam em melhores condições. Adoptámos o critério básico de que os feridos deveriam poder, pelo menos, respirar sem auxílio antes da operação.

Naquele dia de Natal, um dos homens não conseguia respirar sozinho. Durante duas horas ventilámo-lo manualmente. Mas cada vez que parávamos, ele não fazia qualquer esforço para respirar. E, salvo um ritmo cardíaco cada vez mais fraco, não mostrava qualquer sinal de vida. Duas horas depois deixámos de o socorrer e morreu.

A sua morte lançou uma sombra negra sobre o dia de Natal. Quando nessa noite me dirigi finalmente à clínica, a reunião teve um início sombrio. Com o auxílio dos vizinhos, Ben tinha conseguido umna lata de Spam, alguma calda de tomate, uma cebola e um bocado de queijo já velho. Com estes ingredientes pouco apelativos, fez um «spaghetti». Estava delicioso. Uma tal mudança do habitual arroz cozido levantou-nos o moral. Um dos homens trouxe-nos uma garrafa de plástico com o seu vinho tinto de fabrico caseiro. Segundo ele, era uma colheita já com seis anos. Sabia muito bem. Ben, Susiem, Hannes e eu sentámo-nos à volta da mesa de madeira no meio das macas de primeiros socorros e os carrinhos para os curativos. Encontrávamo-nos no pequeno quarto das traseiras da clínica, cheio de sacos de areia empilhados nas janelas. Susie tinha assegurado uma preciosa vela para a festa e o seu tremeluzir iluminava os enfeites que fizera a partir de laços de púrpura e prata. A clínica estava seca, a companhia era boa e a comida e vinho aqueceram-me. Foi uma ceia de Natal que nunca mais esquecerei.

Quando a refeição terminou Ben, Hannes e eu subimos a encosta de regresso ao hospital. Ele ainda tinha de uma lanterna mas a luz era fraca, pelo que fomos guiando cuidadosamente os nossos passos, ao longo de um estreito carreiro entre as casas, tentando não cair nos esgotos escancarados ou esbarrar contra canos de águas ou pilhas de tijolos e alvenaria.

Conseguíamos ouvir os ratos revolvendo nas montanhas de lixo. Era arrepiante o silêncio, apenas interrompido pelo ruído das balas disparadas por atiradores furtivos alvejando os prédios por cima de nós. Tentámos apressar-nos, com os nervos em franja, conscientes de que, a qualquer momento, uma bomba poderia ali cair e fazer-nos aos pedaços.

Quando por fim chegámos ao abrigo do hospital, suspirei: «Ben, não sei como consegues fazer isto todos os dias.» Ele executava regularmente aquele trajecto para o hospital transportando gaze esterilizada para a sua clínica.

Com uma gargalhada respondeu-me: «Recito a mim próprio a frase 'Bism Allah rahman wa rahim' que significa 'Em nome de Deus, o Misericordioso'. E desato a correr que nem um doido.»

«Uma vez tive que me atirar para uma portada quando uma bomba caiu a cerca de 20 metros de mim. Mas, até agora, só uma vez mordi o chão.»

DIÁRIO DE TRYGGVE GRAN

Em 1910, o norueguês Tryggve Gran embarca com Scott, à conquista do Pólo Sul. Em breve se aperceberia da fatal teimosia do explorador.

•

24 de Dezembro de 1910

É estranho pensar que estamos na véspera de Natal. O Sol faísca através de núvens róseas e brilhantes sobre o gelo e os telhados de chumbo. Reduzimos o vapor porque esta manhã o gelo derrotou-nos com a sua impenetrabilidade. Abrandou, naturalmente, horas depois de termos diminuído a pressão. Por isso desfraldámos as velas e navegámos cerca de 10 km. Foi uma noite tranquila. Os ingleses não celebram a véspera de Natal. Apenas o dia de Natal.

25 de Dezembro de 1910

Esta noite celebrámos o Natal. A messe foi decorada com a bandeira da expedição e a minha tentativa de símbolo conjunto inglês e norueguês recebeu um lugar de honra no alto do espelho. O tempo criou-nos um estado de espírito entre o riso e as lágrimas. Nevou toda a noite bem ao jeito do Natal. O convés ficou branco e brilhante. Mantivemos as velas içadas mas o gelo era demasiado denso para nós.

24 de Dezembro de 1911

Segunda noite de Natal no Antárctico. E, provavelmente, ainda não a derradeira. Hoje cozinhei. Passei o dia todo a preparar um empadão de carne seca para a nossa próxima jornada no interior. Não é uma tarefa muito adequada a uma véspera de Natal, mas tinha que ser feita e mais valia avançar para ela hoje do que amanhã, uma vez que queremos festejar o Natal. Forde deu-me uma ajuda e ficámos na Smoking Villa falando de casa e dos tempos passados. Esta manhã o dia esteve esplêndido com o Sol a brilhar nas montanhas e glaciares até perder de vista. Calmo como num dia de Verão, sem uma única arajem. Estou, agora, metido no meu saco-cama, sujíssimo. Mas fumo um charuto.Foi Forde quem mo deu. Parto para a região dos sonhos, para a minha terra a milhares de quilómetros de distância.

25 de Dezembro de 1911

Festejámos o dia de um modo que seria bem aceitável caso se passasse num ambiente mais civilizado. As nossas bandeiras de expedição flutuavam orgulhosas sobre o acampamento. As cores da Inglaterra, da Austrália, da Irlanda e da Noruega estavam lado a lado.

Representamos uma irmandade mista: o Taylor é inglês, Debenham é australiano, Forde é irlandês e eu norueguês.

Ao jantar comemos bifes de foca e ovos estrelados a que Forde acrescentou uma omeleta. Alguns dos ovos já tinham pintainhos, mas apesar dos meus veementes protestos, lá foram para a frigideira. Ao fim e ao cabo não sabiam mal. À sobremesa avançámos para um pudim de passas que trouxéramos connosco.

NATAL 43

Nos aviões que o mar imenso cruzam,
para que as ondas desçam das alturas
à terra em que se espraiam, ninguém vai.
Quais pássaros, se os move o coração,
ficou na primavera a esperança do regresso.
Descem com a noite, pousam no arvoredo,
e, afinal, mais longe é que pousaram...
Não há já folhas secas, este ano;
o vento frio leva papéis velhos
sobre a terra húmida... E as ervas
encurvam-se, e levantam-se manchadas
de alguma tinta: como a humanidade.
Em toda a parte, os mortos se demoram,
os feridos se recordam... Será sangue, então.

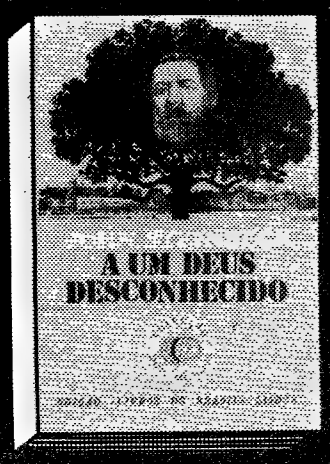
«Há dois mil anos...» — dizem várias vozes,
e várias letras, várias forças de hábito.
No entanto, quem nasceu foi um segredo,
um querer encher de nomes uma ausência
e de confiança as mães que nos embalam.
... ...
Crianças se sumiram no incêndio...
Que rósea aurora as ressuscitará?

27/12/43

Jorge de Sena, in *Coroa da Terra*

A um Deus desconhecido

de John Steinbeck



Uma grande obra. Um grande autor.
Um clássico para ler e reler a vida inteira.

Colecção Dois Mundos

LIVROS DO BRASIL
R. dos Caetanos, 22 1200 LISBOA
R. de Ceuta, 80 4000 PORTO
A marca do bom livro.

esfera

DEPOIS DO DILÚVIO

Mal se aquietou a ideia de Dilúvio.

Uma lebre parou entre os sanfenos e as ondulantes campânulas e fez a sua prece ao arco-íris através da teia da aranha.

Oh! As pedras preciosas que se escondiam, — as flores que já olhavam.

Na grande rua suja reapareceram as tendas, e as barcas foram lançadas ao mar, que era em degraus, e em cima, como nas gravuras.

Correu o sangue, ns terras do Barba-Azul, — nos matadouros, — nos circos, onde o selo de Deus enlivedecia as janelas. O sangue e o leite correram.

Os castores construíram. Os màzàgrans fumegaram nos estàminés.

Na grande casa vidrada ainda rumorejante as crianças de luto olharam as maravilhosas imagens.

Uma porta bateu, e, no centro do povoado, o menino girou os braços, arrebatando os cataventos e os galos de todos os campanários, sob o cintilante aguaceiro.

A Senhora *** estabeleceu um piano nos Alpes. A missa e as primeiras comunhões foram confiadas aos cem mil altares da catedral.

As caravanas partiram. E o Splendid-Hotel foi construído sobre o caos de gelos e de noite do pólo.

Desde então, a Lua ouviu o uivo dos chacais nos desertos de timo — e as éclogas saloias grunhindo ao vergel. Depois, na grande mata violeta em botão, Eucáris disse-me que era primavera.

— Irrompe, charco; — Escuma, rola sobre a ponte e por cima das árvores; — Velos negros e órgãos — raios e trovão, vinde e rolai; — Águas e tristezas, cresci e restabelecei os Dilúvios.

Pois, desde que eles se foram, — oh! as pedras preciosas aluindo, e as flores abertas! — é o tédio! e a Rainha, a Feiticeira que esperta o seu lume na frágua de barro, nunca quererá contar-nos o que sabe e nós ignoramos.

Arthur Rimbaud
«Iluminações, seguido de, Uma Cerveja no Inferno»
Tradução de Mário Cesarinny«
Assírio e Alvim

AS MÁSCARAS DA ANSIEDADE

«As Máscaras Poéticas de Jorge Barbosa e a Mundividência Cabo-Verdiana»
de Elsa Rodrigues dos Santos
Col. Universitária
Ed. Caminho

O ser complexo é prerrogativa do «outro». A máscara do poeta é sempre de uma simplicidade assustadora, ou antes, desconcertante. E, talvez por isso, os deuses a aceitem. Se Jorge Barbosa fosse bater às portas do céu solicitando entrada nas camaratas da Poesia, certamente que Manuel Bandeira, chamado a pronunciar-se, não hesitaria: «Entre, Jorge, você não precisa pedir licença».

Mas quanto mais desconcertante a simplicidade, mais complexa a elaboração dos limites das suas subversões. Elsa Rodrigues dos Santos é clara quando, na sua Tese de Mestrado em Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, nos guia numa tentativa para desvendar os meandros com que Jorge Barbosa, cidadão dos primórdios da cabo-verdianidade, resolveu, fingidor, esboçar a viagem e escreveu poesia com a elegência do timoneiro que, amarrado ao leme redentor, ignora os ventos contrários da diáspora.

Naturalmente que falar de Jorge Barbosa é falar da insularidade, desse «nódulo fundador de uma estética» que, do homem do «Arquipélago», se foi consolidando através da clarividência dos claridosos. E, na verdade, será aí que uma complexidade se insinua justificando-se como saber poético e revelando-se nas singularidades do eu colectivo e insular.

Escrevia Barbosa num dos seus poemas, verdadeiro paradigma da obra, que existia nele (o outro) o «desespero de querer partir/ e ter que ficar», o que ele traduziria mais tarde numa situação muito mais real que seria o «desespero de querer ficar e ter que partir», constante, por exemplo, de outras zonas de claridosos como António Auréleo Gonçalves ou Teixeira de Sousa. Mas, talvez, com a diferença de que estes acabam por tentar resolver a dicotomia do partir/não partir, com a ansiedade daquele que partiu e voltou.

Mas é aí, precisamente, que está o saber poético, uma vez que Jorge Barbosa coloca, na outra vertente do entendimento insular, o ter que ficar para poder querer partir e, por outro lado, o ter que partir para poder querer ficar.

Situação fundamental que, no poeta e naqueles que seguem no seu esteiro, adquire outros contornos mais complexos tendo em conta o papel desempenhado pela insularidade na afirmação da cabo-verdianidade, naquilo que Elsa Rodrigues dos Santos refere, citando Pierre Rivas, como constituindo a privilegiada «metáfora da negritude».

Ou de como o mar (a água), elemento estabilizador da matriz cabo-verdiana, põe a tónica nessa noção de receio, morte e ansiedade consubstanciada nas máscaras do poeta, então consciente do seu ser simultaneamente regionalizado e universal: «Leva-me contigo/Navio/ Mas volta-me a trazer». Ou, na conclusão da ensaista, «a necessidade do regresso ou mesmo a desistência da viagem». Uma desistência que enfrenta a inevitabilidade da seca, a chuva entendida como ausência, uma espécie de parente próximo que partiu com a canícula mas é recordado sempre que a probabilidade das núvens assim o permitam.

Ou seja, uma revisitação de Jorge Barbosa a ter, irremediavelmente, em conta na sua actualidade.

Guilherme Ismael

CÉU GERALMENTE

Receio não existir (não conheço) uma reflexão bastante sobre a presença do tempo-que-faz na literatura (leitura e escrita), ou desta naquele. Há é avulsas brumas e securas, suores heróicos e línguas geladas. É muito mas é pouco.

Em lugar dos boletins chatíssimos na televisão, rádio e jornais, que impede o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (viva a pompa) de editar uma antologia de temporais, um apanhado de furacões, um rol de meses torrados, tardes fragrantes, as calmarias da infância e as febres da alma? Por tuta e meia qualquer mestre de letras ilustraria números e curvas, quantidades de precipitação e anticiclones dos Azores com páginas de tempo inesquecível, que este é para esquecer.

Aceita-se que num desses países que há, França parece, a concorrência televisiva erotize as previsões e acredita-se que o povo saia para a rua nas melhores condições. Agora aquelas fotografias de satélite, aqueles mares de pequena vaga, aquelas condições favoráveis à ocorrência, isso anda a pôr-me doido. Como se não bastasse esta miséria de Inverno, há que sofrê-la no visco do científico castigo. Eu até nem me queixo. Por analogia com aquilo que na prática petisqueira se chama «rebater», arranjei um antídoto ao tempo-que-faz e à previsibilidade de águas e marés. Ler é ser.

No Verão, numa esplanada de ostras e moreia frita, enquanto a redondeza abana no folhear digestivos, eu amarinho por chumbadas e personagens doentias e paisagens pantanosas. Para aguentar tanta saúde exposta, os bronzeadores de biquinis e famílias, valem-me tragédias urbanas e abissais parágrafos. Assim aguento o Algarve.

Já em Lisboa, em meses homicidas como este, sirvo-me da glória impressa em prosa solar e pela minha vida entram horas felizes.

Nas meias-estações, se é que ainda as há, não leio.

Forte deste expediente, revejo-me no Verão passado folhear **O homem à varanda,** um policial em que o modesto psicopata esfarelava criancinhas e nunca as madrugadas lúgubres de Estocolmo e a cara sinistra do paraíso sueco contribuíram tanto para a beatitude de alguém como para a minha alegria meridional. O mesmo diria da perfídia miudinha do japonês Tanizaki, ele e o seu quadrado amoroso do romance **Svastika,** ou do traço cru do brasileiro Ruben Fonseca em **A grande arte** e poderia multiplicar universos por cidades incuráveis que assim sendo, fizeram-me feliz de mim. Por «rebater».

Para este Inverno aconselharia Stevenso e um seu relato de viagens. **Nos mares do sul,** obra centenária, «longe da sombra que ainda projecta o Império Romano», arqueologia sentida do Pacífico na «virgindade dos sentidos».

Sugeriria Félicien Marceau (em português tem Paixões Partilhadas) e talvez o seu livro de memórias **Les annéas courtes** —» a memória suprime os anos tristes», junto com outra frase (dele?) — «o cadáver do meu inimigo cheira sempre bem».

Mais volumosos, foram-me valendo o americano Edmund White que em 85 fez sair o romance **Caracole,** um tijolo de 500 páginas onde acontece «essa coisa entre todas deliciosa — um artista que faz experiências limitadas mas audaciosas no interior duma tradição esgotada» e o seu compatriota Jim Harrison (**Dalva** é de 87) na denúncia do genocídio índio —» como foi possível, tendo começado tão bem, acabarmos nisto?» — e na glorificação sofrida do solo americano.

Valeu-me por fim e até agora, o cá recém-saído **a vida modo de usar,** do francês Georges Perec, implacável edifício de lucidez romanesca, de atenção e louvor ao real, um livro que brilha negro em 700 páginas e que é prazer puro da ficção, medo puro, ironia absoluta e o contrário disso e do resto.

Quero eu dizer: nem tudo é chuva, esta lama nos olhos, buracos nos bolsos, o cinza dos rostos, adesão mísera ao tempo europeu. Recitando Marceau, eu quero dizer que se pode «corrigir o destino».

João Alfacinha da Silva

A INDOMÁVEL LUZ DO PIRILAMPO

Terno Bestiário de Maurice Genevoix
Tradução de José Dinis Fidalgo
Edições Cotovia

Estamos acostumados a lidar todos os dias com bestas e por causa da ambiguidade da palavra corremos o risco de desvalorizar os verdadeiros animais. Que têm mais alma do que muitos desalmados, embora a Igreja Católica (que eu saiba) ainda não reconheça a existência de alma nos animais. Excluo, à partida, a ideia de que haja padres tão fracos em latim que não saibam que **alma e «anima»** são uma e a mesma coisa. Mas as coisas não são tão simples como isso. São Tomás reconhecia a existência de alma animal, vegetal e humana. Apesar da discriminação, que notável clareza numérica na diferenciação! Os filósofos também se exaltaram e perderam muito tempo com discussões sobre a «alma dos brutos». A brutalidade de conhecimentos que se tem acumulado sobre toda a espécie de seres vivos torna este problema quase irrisório.

Se os ascetas e os místicos da Idade Média tentavam explicar nos seus tratados didáctico-morais, chamados **bestiários,** utilizando a simbologia zoológica, botânica etc., a misteriosa relação entre Deus e o homem, a igreja, Jesus Cristo e o demónio, Maurice Genevoix no seu «TERNO BESTIÁRIO»: convidanos a regressar à infância - sem visíveis preocupações com manifestações divinas na vida quotidiana ou com algum panteísmo lírico — para nos contar como curou ou pelo menos tentou curar a perna com o sangue quente de uma vaca a agonizar num matadouro. Lá onde morrem as almas dos animais ou seguem outros caminhos para nos surpreender trinta ou cinquenta anos depois sob outras formas, irreconhecíveis mas fascinantes ou aterrorizantes: procurando salvar-se outra vez, recuperar a liberdade ou limitar-se a lançar um olhar, pacífico ou indiferente, mas sempre como supremo indício de comunicação.

Aqui e acolá aparecem apelos moralizadores de tipo ecologista mas apesar da contradição dos sentimentos ou do confronto da crueldade humana e da crueldade animal eles rapidamente cedem lugar ao desejo de compreender, de contemplar a vida dos animais, ao fascínio perante as suas habilidades e à arquitectónica do seu imaginável mundo anímico.

Num panorama sonoro, muitas vezes de silêncio (não é o silêncio que mais nitidamente se percebe?) é nos oferecido um encontro como saudades ou penitência, ou como aquisição feliz de uma linguagem comum — a da silenciosa contemplação mútua ou, por razões de «força maior», um fugaz encontro de olhos diferentes e, talvez, um final pacto de paz. Olhos de infinita variedade de expressão aos quais como que nada escapa — menos a própria expressão. Porque na procura de identificação, de outro modo esta não seria possível.

O silêncio aparece aqui como pano de fundo com duas funções principais: como simples convite aos sentidos e como cenário perfeito (através da sua inesgotável capacidade de absorção) da falibilidade consecutiva dos sentidos — a criadora de todos os mundos possíveis.

E como o mundo não pode existir sem a memória, eis-nos obrigados a depositar a nossa memória em todo o lado: nas árvores, nas casas, nos objectos ou daquilo que a eles se assemelha. Porque há objectos impossíveis mas concebíveis. Não necessariamente como processos alucinatórios. Basta-nos o próprio pensamento, uma vaga lembrança para não perceber quem começou a conversa — uma flor, a velha casa ou outra coisa qualquer.

A harmonia é concebida aqui como transição, dinâmica e não estática — numa mutação das cores ou aparências que escondem a constância de uma presença universal, como uma espécie de memória solificada numa linha que segue o seu caminho invisível ou incompreensível, conforme estamos acostumados a compreender as coisas inexplicáveis.

Há alguns anos, num lento comboio, como o são todos de Espanha, um padre com quem me tinha perdido numa conversa filosófica exclamou de repente: «Mire, um conejo!». Que seria feito se eu tivesse dito em bom português: «É verdade!» Porque confirmar coisas óbvias é como tirar-lhes a existência. Um coelho é mais forte de que qualquer argumento, de que qualquer confirmação e até de que qualquer animal. Depende do instante. Felizes instantes de conejitos... Também, os do «Bestiário».

Quando Genevoix nos conta do pirilampo e se comove do lirismo de Barrès, que o via nos seus **Cahiers** «sozinho no meio da noite» não nos esqueçamos que no tempo de Barrès havia mais pirilampos do que aviões e estes últimos não usavam as luzinhas que conhecemos.

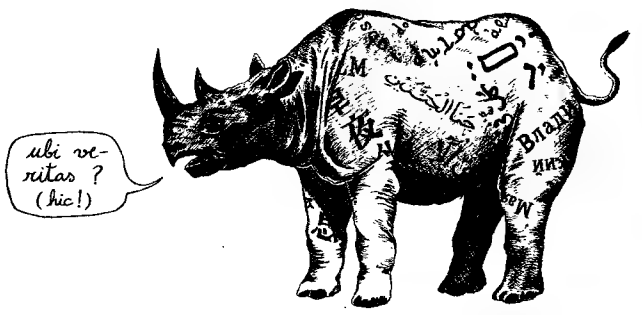
Pode ser verdade que só as fêmeas tenham estas luzinhas para seduzir. Os pirilampos têm tantos nomes na língua portuguesa, alguns engraçados outros feios e até obscenos. É capaz de ser verdade. Cientificamente falando.

Mas para que desenhar, no fundo, estrelas-do-mar quando as há verdadeiras e em abundância e perder de vista o mais imediato, na sua superfície natural? Não é melhor apanhar o fenómeno, no instante exacto como acreditavam e ainda acreditam alguns (filósofos)?

Não permitam que a ciência vos ilumine o encanto das coisas naturais. Façam de conta que esta história dos pirilampos é pura e simplesmente uma **terna ficção.**

Dimíter Ânguelov

O POLIGLOTA



DOZE ANOS À MESA DE MONTAGEM

«Edisto ou a aprendizagem da adolescência» de Padgett Powell
Tradução de Rui Wahnon
Colecção Aura
Editorial Presença

Edisto ou a aprendizagem da adolescência» não é a resposta a tudo o que você sempre quis saber sobre a adolescência.

Edisto nem sequer é um mau romance sobre a adolescência, porque nada tem a ver com ela. A bem dizer não trata de nada, é apenas o espelho de uma personagem real — o autor — cujas esperanças de tratamento são limitadas. Que o narrador — protagonista tenha doze anos não interessa para nada. Interessante seria conseguir descobrir a idade do autor, sendo certo que ele não é adolescente, visto que não dá mostras de crescer intelectualmente ao longo da obra.

Ter doze anos, ser adolescente (neste caso pré-adolescente), não é ter seis, trinta e setenta simultaneamente. Não é ser-se uma criança que junta com dificuldade as letras, nem um intelectual-filósofo barato. Ter doze anos é pura e simplesmente, ter doze anos. E isso significa estar a entrar numa fase mais ou menos complicada da vida, em que se vai, progressivamente e à força, tomando contacto com o real, sem a mesma protecção paternal anterior. Não significa ser-se um adulto mentalmente insuficiente; significa ser-se uma criança em desenvolvimento, um adulto por amadurecer.

Tal como «Jardim de Cimento», de Ian Mc Ewan, que nos vende outro adolescente «impossível», esta obra de Padgett Powell não deve ser esquecida. Porque é para isso que serve a história, a memória dos povos: não esquecer os males do passado para não os repetir no futuro.

Mas é também com indignação que leio estes livros sobre a adolescência. Que meios temos nós, adolescentes, para combater estas imagens-bicho que o comercialismo destes senhores faz de nós?

Infelizmente, o problema de «Edisto» estende-se a muito mais do que comercialismo. Estende-se, confrangedoramente, a uma escrita sintacticamente deplorável e de estética literária absolutamente medíocre. Aliás o tradutor é fiel ao espírito do autor: não só acompanha a mediocridade na tradução, como consegue quase sempre ultrapassar a obra original na falta de qualidade. E a Editorial Presença também ajuda, enriquecendo o texto com sucessivas gralhas.

O autor (ou o tradutor?) de pontuação não percebe nada. Diga-se, aliás, em abono da verdade, que ele deve desconfiar disso: vírgulas só põe porque acha que há um número mínimo por página. De resto, como procura reproduzir a expressão oral, encontram-se frases como «sou Robert sou». A dúvida paira. Chamar-se-á o homem **Robert sou?** Tudo indica que não, já que os nomes se costumam escrever com maiúscula. O que de facto se passa é que o autor não compreende que as vírgulas correspondem, também elas, à expressão oral. São pausas. Têm uma função, e ninguém consegue falar sem elas. E são indispensáveis quando se faz uma enumeração de vários elementos. Ninguém diz caneta lápis borracha, mas sim caneta, lápis, borracha.

Outras vezes, quando resolve pontuar, separa o sujeito do predicado. Aliás, é uma questão de sorte. Em todo o caso era de evitar escrever «tudo isto, nos isola», porque o sujeito da acção de isolar é «tudo isto».

Para além deste pormenor mesquinho, é também pena que Padgett Powell seja tão medíocre nas suas considerações, excluindo, faça-se justiça, imagens como «uma cauda que abana o cão» ou «têm é ar de quem não está muito à-vontade, como acontece à gente quando vai à igreja». A generalidade é pseudo-poesia de frases usadas como «a casa nossa de todos os dias», «sabendo que não conhecem as letras todas com que se escreve a palavra êxito» ou «os caranguejos haviam de lhe dizer adeus com as espadinhas de marfim».

Talvez Padgett Powell não perceba, mas uma criança de doze anos não tem um tom «ressabiado». Não fala em «merda, merda da vida da alta sociedade», não se refere a um «puto da faculdade», não escreve literatura erótica como «miúdas de formas arredondadas e maravilhosas (...), linda visão que é um porto de abrigo», nem da consideração moral de que na vida só há duas coisas a fazer — uma morrer, a outra viver até morrer — retira que sejamos assim «livres», pelo contrário. Aos doze anos não é costume estar-se ressacado com a vida.

Por outro lado, é pena que o tradutor não saiba nada de português. Uma expressão idiomática como «you know» é traduzida por «sabiam», entre vírgulas e no meio da frase. «Jesus», correspondente a «Meu Deus» em português, ele traduz por «Jesus», ou seja, não traduz nada.

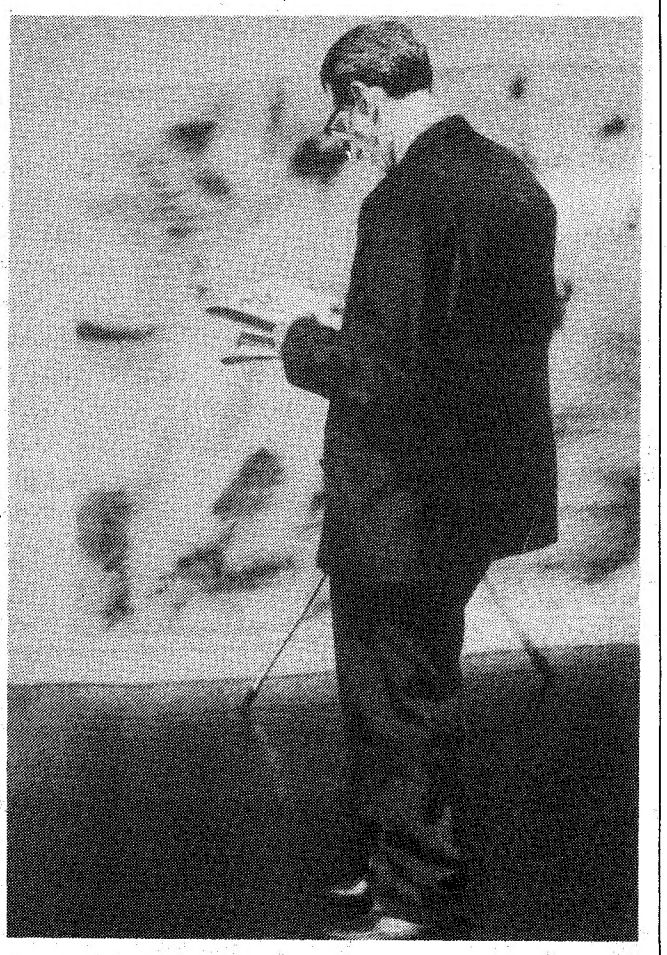
Depois, era bom que soubesse que em português não se diz «olham nós dois», mas sim «olham para nós dois», não se diz «ouvi eu ele dizer», mas «ouvi-o eu dizer», não é «parecido de», é «parecido com», etc. Em ortografia, é uma desgraça. Escreve ao calhas «debaixo» e «de baixo», «porque» e «por que» e «apesar de o» e «apesar do». Infelizmente, raramente acerta. E, já agora, não se escreve «pé acente», mas «pé assente».

Outro problema que se põe ao tradutor é a sua incapacidade de traduzir passagens em que o autor reproduz textualmente a fala.

Haverá alguém que diga «Senhór»? E «nós ta pârâ», como se lê? «Quim casou» em vez de «Quem casou»? Necas. Não se percebe também a utilidade do acento circunflexo em «êste».

Em resumo, Edisto é um livro construído à base de frases muitas vezes incompreensíveis, como: «Aprendi à minha custa que, seja lá o que for que é aquilo que fica entre a casca e o cabelo de coco que envolve o tronco caiu por cima dos nossos braços naquela noite, não era nenhum pardal». Pois. Leia. Releia. E não desista, leitor. Compre o livro faça o teste: se conseguir passar da página 15, sem ser amigo do autor nem ter de escrever nenhuma crítica sobre ele, terei todo o prazer em premiá-lo, restituindo-lhe o dinheiro que corajosamente gastou nesta obra inesquecível.

Ivan Nunes, um adolescente



ENAMORAMENTO PELO LOBO

«Contos do Gato no Poleiro»
Marcel Aymé
Teorema

Por esta época natalícia e de ano bom, com tantas histórias infantis e infanto-juvenis pelas livrarias, todas impregnadas de boas intenções e fraternidade, eis nos surge, rompendo com o hábito, de Marcel Aymé, o livro «Contos do Gato no Poleiro», editado pela Teorema, numa tradução de Manuela Torres.

Rompendo com o hábito, mas não ferindo as sensibilidades, antes as acicatando, Marcel Aymé (1902-1967) oferta-nos uma série de pequenas histórias plenas de humor, imaginação, sortilégio...

Oito são as histórias: «O lobo», «O veado e o cão», «O elefante», «O pato e a pantera», «O ganso mau», «O burro e o cavalo», «O carneiro» e «Os cisnes». Fiquemo-nos, no entanto, nesta nota de leitura, pela primeira — e isso porque, glosando e não glosando a tradicional narrativa de «O Capuchinho Vermelho», Marcel Aymé apresenta-nos um lobo mau que tenta enganar (e engana mesmo) duas irmãs loirinhas até mais não, e tão doces e tenras que nem dentes aguçados são precisos. Para além das artimanhas do lobo para conseguir os seus intentos, o que verdadeiramente surpreende e maravilha o leitor reside na arte subtil de Aymé em introduzir, ao longo da intriga, um tom de erotismo que empresta à narrativa uma outra dimensão da primeira à última linha.

O enamoramento das duas meninas pelo lobo permite que este, cada vez mais afoito e afectado por Eros, lhes confesse que já um dia comeu um cordeiro. Elas, neste passo, atemorizam-se — e o lobo, então, pergunta-lhes se nunca tinham comido semelhante animalzinho.

Que sim — confessam as duas irmãs. Então as meninas, torna o lobo, podiam fazer tal coisa, e até com batatinhas, e ele, que de cozinha nada sabia, não podia matar a fome com um cordeirinho...? Com estas e outras razões, consegue o lobo conquistar de tal feição a confiança das loiras irmazinhas que estas, às tantas, embora o não confessem, e tomadas por um desejo não totalmente desabrochado, desejam, no fundo, ser comidas. (Esta mensagem, obviamente, é captada pelos leitores adultos...). Ora que fazem as meninas...? Metem o lobo debaixo da mesa da sala de jantar (sala que imaginam como sendo o bosque a que, por vezes, se atreviam) e pedem-lhe finja se vista, peça a peça, dos sapatos até ao chapéu, enquanto elas vão correndo em círculos, dizendo ao mesmo tempo como o intruso vai deixando de estar nu. O lobo, escondido sob a mesa, perde a cabeça com as pernas nuas, sempre em movimento, das suas gentis anfitriãs — e quando elas lhe perguntam se já pôs o chapéu (sinal de que está pronto a atacar), o lobo, de todo enamorado (e ardendo de paixão para os leitores adultos...), atira-se às meninas e come-as. Soube-lhe bem — e tudo em bem acaba: os pais, de regresso a casa, abrem a barriga do lobo, as filhitas estão vivas, de lá as tiram — e depois, condoídas por tão grande ferida, as meninas «inocentes» cosem-lhe a barriga aberta. E o lobo lá se vai, as meninas ficam — e assim (para os adultos...) a vontade de Eros se cumpriu. — Ilustrações, a condizer, de Philippe Dumas.

Pedro Alvim

CONFISSÃO FINAL

Eu escolheria, ainda e sempre, *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust, nos seus sete volumes maravilhosamente inesgotáveis, pelo acanhadíssimo lapso biológico de qualquer existência humana. E, porque aí se guarda o segredo do passado e do presente e do futuro, com a aventura perpétua de neles tropeçarmos ou executarmos a pirueta, nem valerá a pena acrescentarmos uma letra, uma letra, sequer.

Mário Cláudio

pontos de partida

Que bom seria ir à polícia e dizer: «Roubaram-me o sentido de humor!» e que triste, se perguntassem: «E como é que era o seu sentido de humor?»

A exaltação da imaginação deve-se muitas vezes ao pequeno espaço que ocupa.

A lei pune conforme o crime mas quantos não são punidos por aquilo que não fizeram?

Ruiu a Torre de Babel logo que Deus pôs o pé para descer à Terra. Foi este o castigo por depositarem mais fé na Obra do que no Omnisciente.

«Já passou o tempo dos relógios!», exclamou e explodiu numa gargalhada. Não se percebeu, porém, se era anjo ou diabo.

Para evitar outro crime confessou-se a uma lâmpada e depois matou-a.

Para não ser estática e limitada a liberdade, elevámos-lhe um monumento movediço, mas perdemos-lhe logo o controlo.

A alegria não pode voar em linha recta. Que o digam as borboletas.

Quando a solidão começa a sufocar-me abraço-me a ela e choro-lhe no ombro até me acalmar.

Intocável é a beleza das asas das borboletas. Não sujam as mãos!

Era santo mas não usava o nimbo. Faltava-lhe um carimbo.

É verdade que muitos monges perderam o hábito mas também é verdade que o hábito não faz o monge.

Será simples questão de raça certos cães terem orelhas tapadas e olhos velados?

Senhor Director: entrou em Anjos, saiu em Socorro e depois dirigiu-se para a Boca do Inferno. Não é esta uma prova mais do que suficiente?

Sussurrou-me uma alma penada: «Pode não acreditar mas custa mais ir do Calvário para Santa Maria do que o contrário.»

Apareceu-me numa planta uma flor em forma de microfone mas não deu o fruto que esperavam.

Uns dizem que são os chatos que transmitem a SIDA. Outros afirmam que são os homens intelectuais.

Nem a química nem a metafísica sabe explicar porque a verdade se dissolve na mentira mas a mentira não se pode dissolver na verdade mesmo quando ambas são feitas das mesmas palavras.

Chocámos com o futuro antes do tempo, quero dizer: separámo-nos.

Caro amigo, não há coisas absurdas, há apenas absurdos não realizados.

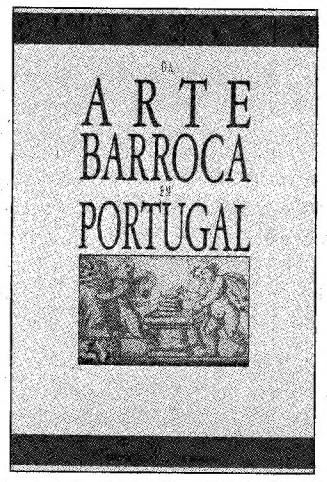
Num salto desmesurado o seu próprio entusiasmo o deixou para trás, abandonado à esperança.

Se pudesse, criava uma doutrina de tal modo sofisticada que tirando as conclusões não ficaria dela nada.

Dimíter Ánguelov

EDITORIAL PRESENÇA

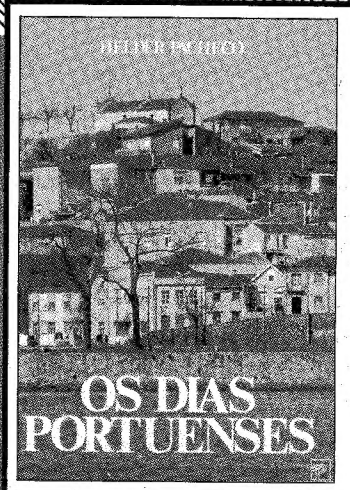
NOVOS LANÇAMENTOS



DICIONÁRIO DA ARTE BARROCA EM PORTUGAL

Direcção de José Fernandes Pereira
Coordenação de Paulo Pereira

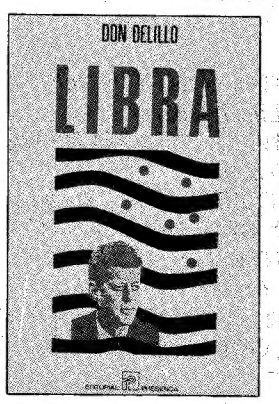
A obra de referência mais completa sobre a Arte Barroca em Portugal.
Um incomparável trabalho de pesquisa realizado por cerca de 50 especialistas em História da Arte.
Ilustrado por uma vasta documentação iconográfica.



OS DIAS PORTUENSES

Helder Pacheco

Uma nova perspectiva da cidade do Porto, por um dos seus maiores estudiosos.
Obra profusamente ilustrada a cores.



LIBRA

Don DeLillo

A recriação literária do assassinato de John Kennedy, pela pena de um dos maiores escritores norte-americanos da actualidade.

A RAPARIGA DO TURBANTE

Marta Morazzoni

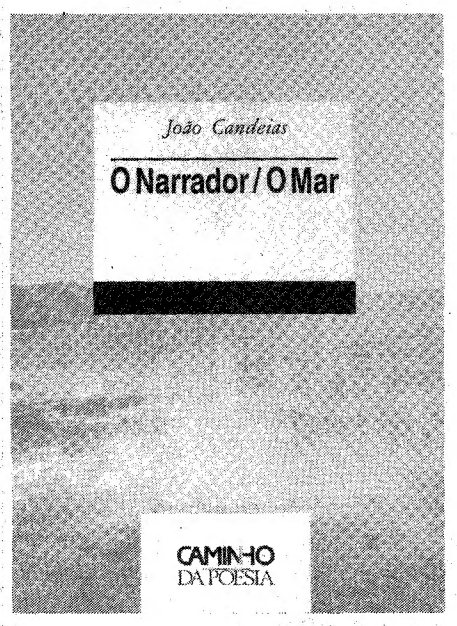
Dentro da habitual selecção de qualidade da colecção *Aura*, surge agora o nome desta notável ficcionista italiana.

A VIDA MODO DE USAR

Georges Pérec

Notável acontecimento literário.
Um génio da literatura do século vinte, finalmente em Portugal.
Um livro que a crítica já considerou como uma das mais surpreendentes obras-primas da literatura contemporânea.
Uma brilhante tradução de Pedro Tamen.

CAMINHO DA POESIA



3.20.021 / 52 pp. / 1100$00

«Um longo poema, numa escrita que respira a narrativa como que sonhada, em crescendo, *nenhum verso absoluto, o fogo sempre perto.*
«Entrar bem nesta poesia é como ler de novo pela primeira vez.»

Jorge Listopad (in ***«Diário de Notícias»,*** sobre Gumes Vários e Várias Fugas).

«Um livro com poesia de boa qualidade e de que muito gostei.»

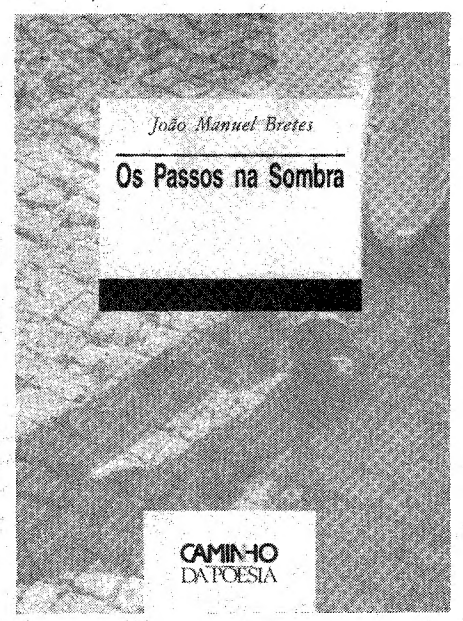
Luiz Fagundes Duarte (in ***«JL»,*** sobre Ignição Ozone).

«João Candeias criou uma atmosfera que, sendo a sua, o transcende, mesmo quando se queda num aqui e num agora.»

Miguel Serrano (in ***«O Diário»,*** sobre Ignição Ozone)

Nascido em Quelimane, Moçambique, em 1949, João Candeias estreou-se como poeta com o livro colectivo **«Formactos»** em 1979. **«O Narrador / O Mar»,** que agora vem a lume, constitui o seu quarto título individual depois de **«Ignição Ozone»** (1984), **«Gumes Vários e Várias Fugas»** (1985) e **«Relatório da Delinquência Consentida»** (1988).

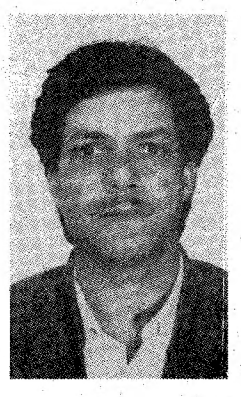
Tem colaborado em jornais e revistas quer com poemas, quer com recensões críticas.



3.20.020 / 72 pp. / 1200$00

«.../... o João Manuel Bretes construiu um dos textos mais procurados, alucinantemente contido, com rigor afirmado, belo nas vozes que lhe soam, quase único na matéria dum som pressentido. É importante afirmar que, para lá do beco a que se pensou chegar, os anos oitenta foram construindo vozes isoladas, criadoramente criativas. Os poetas inseriram-se como ilhas, vulcões individuais, matérias autónomas, fogos incandescentes. Há nomes e eles existem. Mas há mais um. Este, deste livro. Que neste livro expande toda a superfície de aprendizagem e acrescenta a magia dum encontro.

José-Alberto Marques



João M. Bretes nasceu em Abrantes em 1958, concluiu a licenciatura na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa em 1981. Efectuou no Centro de Estudos Judiciários o curso de formação para a magistratura do Ministério Público, sendo actualmente delegado do Ministério Público em Vila Franca de Xira, onde reside.

CAMINHO
DA POESIA

VOLUMES PUBLICADOS NESTA COLECÇÃO:

DEMONSTRAÇÃO A GIZ, *Maria da Graça Varella Cid*
CARTAS DE MAR E AR, *José Carlos González*
HOUVE MESMO UM DIA DE DESESPERO EM QUE SE CULTIVARAM CAMPOS DE CICUTA, *Oliveira Castro*
ESFERA DOS DIAS, *Pedro Alvim*
PIANO BAR, *José Viale Moutinho*
COMO QUEM LEVA AO OMBRO A VIDA TODA, *Eduardo Olímpio*
IDOS E CALENDAS, *José Carlos González*
AS PLANÍCIES DONDE VIM, *Oliveira Castro*
AS IMAGENS, *Francisco José Viegas*
O QUINTO ELEMENTO, *António de Almeida Mattos*
DA MELANCOLIA, *Luísa Brehm*
A VOZ DO CHORINHO OU OS APELOS DA MEMÓRIA, *Albano Martins*
EQUILÍBRIO, *Alberto Soares*
A PERFEIÇÃO DAS COISAS, *Jaime Rocha*
A MALA DOS MARX BROTHERS, *João Camilo*
A REGIÃO BRILHANTE, *Paulo Teixeira*
TODAS AS COISAS, *Francisco José Viegas*
CESÁRIO: INSTANTES DA FALA, *José Jorge Letria*
RETRATO DE BRAÇOS CRUZADOS, *José Viale Moutinho*

CAMINHO

CDL a distribuição

ESCORT fashion

FASCINA QUEM OLHA FASCINA QUEM CONDUZ

No seu novo Escort, mais conforto, mais segurança.
Jantes mais largas oferecem-lhe uma condução mais estável e dão ao seu automóvel um exterior mais dinâmico, reforçado pelo requinte dos frisos laterais a branco e por tampões de desenho absolutamente original.
No ESCORT FASHION, novos e funcionais equipamentos. Sinta o prazer de abrir e regular as janelas com um simples toque no botão de comando eléctrico. Controle plenamente o motor, auxiliado pelo novo e bem visível conta-rotações. Beneficie da tranquilidade da trancagem centralizada de portas.
Pequenas diferenças bem estudadas fazem do ESCORT FASHION um novo fascínio, na condução e no olhar.
No seu Concessionário FORD encontrará um amigo para lhe abrir a porta do seu novo automóvel.
ESCORT FASHION, disponível nas versões 1.1, 1.3 e 1.4

* Tecto de abrir - opcional

ESCORT fashion

Ford

QUALIDADE E INOVAÇÃO

Encargos anuais — Combustível: de 106.587$00 a 131.293$50, Seguro Obrigatório: de 17.003$00, Impostos: de 2.840$00 a 4.680$00, (Base 15.000 km, Outubro/89)